

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO/PR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**PROFESSOR, REZADOR E BENZEDOR: A CULTURA FAXINALENSE (1906 -
1988)**

Irati

2017

PAULO GELSON RODRIGUES

**PROFESSOR, REZADOR E BENZEDOR: A CULTURA FAXINALENSE (1906 -
1988)**

Dissertação apresentada para qualificação como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração “História e Regiões”, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO-PR.

Orientador: Prof. Dr. José Adilçon Campigoto.

**Irati
2017**

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

RODRIGUES, Paulo Gelson.

R696p Professor, rezador e benzedor: a cultura faxinalense (1906 - 1988) / Paulo Gelson
Rodrigues. – Irati, PR : [s.n], 2017.

123f.

Orientador: Prof. Dr. José Adilçon Campigoto

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Área de concentração: História e Regiões. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.

1. Dissertação – Faxinal. 2. Espaço. 3. Trajetória – percursos. I. Campigoto, José Adilçon. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 630.81



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração – História e Regiões



TERMO DE APROVAÇÃO

Paulo Gelson Rodrigues

“Professor, Rezador e Benzedor: a cultura faxinalense (1906 a 1988)”

Dissertação aprovada em 27/07/2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr. Leandro Baller

Universidade Federal da Grande Dourados
Titular

Dr. Geysa Dongley Germinari

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Dr. José Adilçon Campigoto

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, da forma com que eu o percebo: na natureza, nas plantas, nos animais, nas aves, nas pessoas.

A meus pais: Adil Gomes Rodrigues e principalmente a minha mãe Maria Agatha Rodrigues, principal incentivadora nos estudos. Quando aos 14 anos decidi abandonar os estudos em função do ingresso no trabalho, foi a única pessoa da família que incentivou a continuação dos estudos apontando os benefícios da educação e da qualificação profissional.

Aos meus filhos, Wellington Felipe Rodrigues, Lucas Vinícius Rodrigues e Camilly Rodrigues de Toledo, sinais verdadeiros do amor de Deus em minha vida. Além de filhos, grandes amigos. Minha principal motivação em todas as empreitadas da vida. Torcemos juntos, uns pelos outros e todos pelo timão. Que vocês continuem crescendo em tamanho, sabedoria e na graça de Deus, com bastante saúde física, espiritual e financeira. A vocês, vida longa e próspera.

A minha esposa Cristiane Lourenço de Toledo, companheira de todas as horas. Meu céu de ternura, aconchego e amor. Amante, amiga, incentivadora, conselheira... Tua compreensão foi fundamental no período de elaboração deste texto. Durante os momentos de escrita estive privada da minha companhia mais nunca do meu amor. A você eternos agradecimentos.

Ao professor José Adilçon Campigoto, orientador desta pesquisa. Profissional destacável. Posso dizer, sem medo de errar, que esse educador foi meu espelho de docência. Procuro, em sala de aula, imitar seus procedimentos, na forma de falar, de expor, de questionar e de construir o conhecimento histórico.

A todos os docentes do PPGH, a secretária Cibele as agentes da limpeza por desempenharem com eficiência as suas atribuições.

A Márcia Doré e a equipe do CEDOC pela higienização, catalogação e criação do Acervo Albino Gonçalves.

Este ensaio é dedicado ao homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, no limiar dos meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa. A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que é que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando lhe dedicamos a escrita que outrora se oferecia aos deuses ou as musas inspiradoras?

Michel de Certeau

RESUMO

Esta dissertação parte da perspectiva da história do cotidiano. Ela resulta da tentativa de dar visibilidade ao homem ordinário, agente histórico, portador de vivências e experiências escondidas em meio à massa da homogeneidade. Neste estudo acompanharemos a trajetória de vida de Albino Gonçalves, um sujeito presumivelmente comum, que para nós foi considerado destacável por suas atuações em variados setores da vida cotidiana. Viveu 82 anos. A maioria desse tempo no interior do espaço faxinalense, na cidade de Rebouças/Pr. Nesse período de oito décadas, realizou percursos na área da educação, exercitou dotes de compositor, liderou práticas religiosas e terminou seus dias como benzedor. Produziu relatos em prosa e versos. Registrou, coletou e guardou variados tipos de documentos referentes às atividades que realizou. Esses registros escritos permitirão identificar os percursos que compõe uma região do vivido. Uma região construída a partir da correlação de práticas cotidianas. As práticas realizadas pelo personagem e por seus interlocutores foram classificadas como formas de consumo, silenciosas e astuciosas, que empregam, a sua maneira, os produtos impostos por uma ordem dominante. O relato é a estrada que seguiremos para captar ações de apropriação, de invenção, de trapaça, frente a uma lógica que se impõe aos praticantes dessa região. Utilizando documentos do personagem, entrevistas orais, fontes diversas e o aparato conceitual de Michel de Certeau, objetivamos recompor alguns percursos e perceber as formas como o ambiente é narrado por Albino e por seus interlocutores. A dissertação se insere nos estudos de história e região. Trata-se de pensar o espaço como lugar praticado e a trajetória como prática constituidora do espaço/região.

Palavras chave: Faxinal, Trajetória, Percursos, Espaço, Práticas.

ABSTRACT

This dissertation starts from the perspective of the history of everyday life. It results of the attempt to give visibility to the ordinary man historical agent, carrier of living and experiences hidden among the mass of the homogeneity. In this study, we will accompany Albino Gonçalves's life trajectory, a presumably common man who, for us, was considered detachable for his performances in various sectors of everyday life. Lived eighty two years. Most of that time lived in the interior of the faxinalense space, in the city of Rebouças/PR. In this period of eight decades, he has taken courses in the area of education, exercised his composer talents, led religious practices and ended his days as a healer/prayer. Produced texts written in prose and verse. Registered, collected and stored various types of documents related to the activities performed. These written records will allow you to identify the paths that are part of the character's region. A region constructed from the correlation of everyday practices. The practices performed by the character and his interlocutors were classified as forms of consumption, silent and cunning, that employ, in their way, the products imposed by a dominant order. The history is the road that we will follow to capture actions of appropriation, invention, cheating, against a logic that is imposed on the practitioners of this region. Using the documents of the character, oral interviews, various sources and the conceptual apparatus of Michel de Certeau, we aim to recompose some paths and to understand the ways in which the ambient is narrated by Albino and his interlocutors. The dissertation is included in the studies of history and region. It is a question of thinking of space as a practiced place and of the trajectory as a practitioner of space/region.

Keywords: faxinal, trajectory, paths, space, practices.

ÍNDICE DE TABELAS:

TABELA nº 01: Realidade Rural de Rebouças – Moradias.....	36
TABELA nº 02: Realidade Rural de Rebouças - Quadro Geral da Agricultura.....	38
TABELA nº 03: Realidade Rural de Rebouças - Quadro da produção de erva mate (1967)....	42
TABELA nº 04: Realidade Rural de Rebouças - Produção de verduras e legumes.....	45
TABELA nº 05: Realidade Rural de Rebouças - Produção e consumo de carne e ovos.....	46
TABELA nº 06: Locais em Albino atuou como professor itinerante.....	70
TABELA nº 07: Doenças combatidas com benzimentos.....	98

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01: Transporte de madeira na estação de Rebouças - Década de 1940.....	37
FIGURA 02: Loja em Rebouças – comércio Hipólito Dopiralski - 1950.....	41
FIGURA 03: Albino Gonçalves e Augustinho Rosa – 1960.....	58
FIGURA 04: Alunos da Escola de Marmeleiro dos Carvalhos - 1961.....	75
FIGURA 05: Escola de Marmeleiro dos Carvalhos. Reunião da APMF.....	77
FIGURA 06: Primeira eleição na Escola de Marmeleiro dos Carvalhos.....	78
FIGURA 07: Fotografia de Ilda Aparecida Serpe em Rebouças - 1968.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACARPA - Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PROEMI - Programa Ensino Médio Inovador

PRC - Proposta de Redesenho Curricular

CEDOC - Centro de Documentação

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

PSD - Partido Social Democrático

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

DOPS - Departamento de Ordem Pública e Social

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
ÍNDICE DE TABELAS:.....	9
ÍNDICE DE FIGURAS	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: Distâncias trilhadas, lugares praticados.....	23
1.1 – Cotidiano em forma da nota	23
1.2 – Bicho de caíva, gente de faxinal - no mesmo lugar.....	28
1.3 – Relato em verso: décimas de trabalho e lazer.....	47
CAPÍTULO II: Estratégias e táticas de ensino e política	60
2.1 – Relatos de deslocamento e fixação	60
2.2 – Maneiras de habitar e expressar: espaço de muitas línguas.....	64
2.3 - Escola rural: práticas do espaço	74
CAPÍTULO III: Ambiente de rezas, benzeduras e outros ritos.....	80
3.1 – Ofício de rezador – com a benção da autoridade civil	81
3.2 – Medicina barulhenta e espetacular – consumo pela reza.....	93
3.3 – Benzeção para gentes.....	101
3.4 – Benzeção de casas, de terras e de animais.....	105
3.5 – Confiança de praticante para praticante.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
BIBLIOGRAFIA:	113
ANEXOS	117
1 - Décima – O pixirão do Joaquim Ramos	117
2 - Décima do trabalhador e do pagador.....	118
3 - Décima do lavorista.....	118
4 - A carreira da veadinha e da gateada na raia do Salto	119
5 - Outra vez com seu Caetano.....	120

INTRODUÇÃO

No ano de 2006, passei a atuar no Colégio Estadual de Faxinal dos Marmeleiros – Ensino Fundamental e Médio, localizado no interior do município de Rebouças/PR. A referida instituição foi inaugurada no ano de 1990 como resultado do projeto das escolas consolidadas implantado pelo governo do Estado do Paraná. Houve a desativação de várias escolas circunvizinhas¹ e a unificação de todas num complexo escolar mais amplo. A comunidade de Marmeleiro foi escolhida para centralizar esse complexo devido a sua localização.

Desde o seu surgimento, Marmeleiro preserva o sistema faxinal, um modo de vida comunitário que tem como principal característica, o uso coletivo da terra. A existência do sistema é anterior à instalação da sede do município, pois há fortes indícios que levam a crer que o arcabouço do sistema faxinal constitui uma pré estrutura do município (NERONE, 2015, p. 68). Ocorre que, por razões diversas, a maioria dos faxinais existentes em Rebouças, foram extintos. Atualmente, encontram-se ativos somente os faxinais das comunidades de Salto, Marmeleiro de Cima, Marmeleiro de Baixo e Barro Branco.

O Colégio Estadual de Faxinal dos Marmeleiros recebe alunos dessas comunidades, exceto os do Salto. Aproximadamente 70% dos alunos são oriundos de comunidades tradicionais faxinalenses. Em face dessa particularidade, a escola oferece a modalidade de Educação do Campo². Os professores utilizam uma prática pedagógica voltada à realidade dos povos do campo³. Direção, equipe pedagógica e professores desenvolvem projetos que visam valorizar o espaço faxinalense nas suas características econômicas, sociais, religiosas e culturais.

No ano de 2012, assumimos a gestão do colégio e no ano seguinte aderimos ao

¹ Primeiramente, foram desativadas as escolas de Marmeleiro de Cima, Marmeleiro dos Carvalhos, Marmeleiro dos Rosas e Conceição de Baixo. Nos anos seguintes, as escolas de Conceição de Cima, Barra dos Andrades, Turvo, Pântano Preto e Barro Branco, também, foram desativadas. Informações contidas no Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual de Faxinal dos Marmeleiros.

² No final da década de 1980 essa concepção de educação se fortalece com o objetivo de atender os sujeitos do campo que tiveram negado o direito a uma educação de qualidade, uma vez que os modelos pedagógicos ora marginalizavam os sujeitos do campo, ora vinculavam-se ao mundo urbano, ignorando a diversidade sócio cultural do povo brasileiro, especialmente aquela expressa na prática social dos diversos sujeitos do campo (Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, 2008, p.9)

³ Os povos do campo comportam categorias como: posseiros, boias frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários ou colonos ou sitiantes, caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas, e também etnias indígenas (Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, 2006, p. 25).

Programa Ensino Médio Inovador⁴ (PROEMI) do governo federal. Na Proposta de Redesenho Curricular (PRC), definimos como foco principal o estudo da cultura faxinalense em âmbito local. Nos dois anos de funcionamento do Programa, foram realizadas saídas de campo que propiciaram interação com os moradores locais e a abertura de um canal de comunicação constante entre a escola e a comunidade. Durante as visitas foram feitas entrevistas e conversas informais. Os alunos ouviram histórias e narrativas de acontecimentos marcantes. Souberam das crenças antigas e atuais, dos mitos, da religiosidade, da culinária, do trabalho, da economia e de aspectos da vida cotidiana.

Os vínculos de confiança levaram alguns moradores a compartilhar seus arquivos pessoais. Os arquivos eram constituídos de pacotes, caixas ou baús contendo pequenos objetos, fotografias, documentos particulares, anotações diversas, livros, orações, notícias, correspondências, escrituras de terrenos, entre outros. Em suma, uma quantidade considerável de papéis. Alguns com informações relevantes sobre aspectos históricos da comunidade e da cultura local.

Além das entrevistas e da descoberta de documentos escritos, foram captadas imagens atuais de diferentes paisagens que compunham o espaço faxinalense. O registro fotográfico foi extensivo aos animais e aves, as casas, aos mascarados⁵, ao cotidiano das pessoas, as cercas e os caminhos que entrecruzam a comunidade. Do trabalho de campo resultaram produções orais e escritas, textos, poemas, desenhos, cartazes, maquetes, filmagens e a realização da Feira das Ciências com enfoque na cultura local. O registro fotográfico possibilitou a elaboração do álbum “Retrato dos faxinais”, arquivado na escola.

A experiência vivenciada despertou o interesse pela temática da cultura faxinalense. Ao tomar conhecimento da produção científica referente aos faxinais, notamos que o sistema tem sido objeto de estudo das ciências humanas, sociais e da natureza, em especial da história, geografia e biologia. A maioria dos estudos tem em comum a perspectiva do geral para o particular.

A descoberta, durante as visitas, de um volume considerável de fontes escritas

⁴ O Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) é um programa do Governo Federal que tem por meta o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras para o Ensino Médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante a disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível, que atenda as expectativas e necessidades dos estudantes e da sociedade atual. Deste modo busca promover a formação integral dos estudantes e fortalecer o protagonismo juvenil com atividades que promovam a educação científica e humanística. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13439>: ensino-medio-inovador

⁵ Os mascarados são pessoas adultas ou jovens ou crianças que fazem peregrinações pelas estradas do faxinal nos três dias de carnaval. A indumentária dos mascarados é composta de máscara, lonas velhas, pedaços de pano, ramos de árvore, etc.

guardadas em arquivos particulares, permitiu vislumbrar a possibilidade um estudo na perspectiva do particular para o geral. Assim, escolhemos um dos arquivos particulares (aquele que à primeira vista pareceu mais interessante) e realizamos os procedimentos iniciais da pesquisa.

O conjunto documental escolhido pertenceu ao professor, rezador e benzedor Albino Gonçalves. Esse indivíduo coletou, produziu e guardou variados tipos de documentos durante sua trajetória de vida. Notamos que tais documentos permitiam identificar alguns percursos feitos pelo personagem e poderiam ser utilizados na recomposição de aspectos da vida cotidiana e da cultura local.

Albino Gonçalves viveu seus últimos dias em Rebouças, uma pequena cidade do interior do Paraná.⁶ Era o ano de 1988 e deixou um importante registro histórico da sua trajetória de vida. Um homem que desempenhou diversas funções, assumiu vários ‘papéis’, mas que nunca fez parte da elite econômica e política da região. Pode-se dizer que ele parecia animado por uma necessidade latente de comunicar-se na e pela palavra falada ou escrita. Assim, aprendeu, ensinou e escreveu sobre variados temas. Ao localizar esse personagem, decidimos tomá-lo como objeto de estudo, mas não do ponto de vista biográfico e isso será explicado adiante.

Tivemos acesso ao material deixado por Albino que, de início nos pareceu um amontoado de livros empoeirados e papéis amarelecidos, empilhados num cômodo da casa. Devido à falta de cuidados que este tipo de bens requer, talvez seriam descartados brevemente, sem qualquer interesse.

Feitas as conversas com a guardadora⁷, começamos a separar os papéis, afinal, conforme escreveu Certeau (1982, p. 80),

Em história tudo começa com um gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo seu lugar e seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em desfigurar as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto proposto a priori.

De início não houve progresso na seleção do material. Devido à precariedade das

⁶ A cidade de Rebouças está localizada na região Centro Sul do Paraná, distante 170 km da capital do Estado, pela Rodovia via Palmeira/PR.

⁷ Os papéis estavam sob a guarda de Eva Vernerowski, enteada de Albino. A guardadora faleceu 15 dias após ter doado o acervo.

condições de armazenamento e à inconveniência gerada pelas sucessivas visitas à casa em que se encontrava, sugerimos a doação do acervo ao Centro de Documentação da UNICENTRO (CEDOC/I) para ser higienizado e facilitar nosso trabalho. Com a concordância da proprietária, a equipe de funcionários do CEDOC/I iniciou o processo de limpeza e classificação que resultou na montagem do Acervo Documental Albino Gonçalves.

O fundo documental foi dividido em seis séries, a saber: *1 - documentos pessoais, 2 - magistério, 3 - estudos de língua estrangeira, 4 - benzimentos, 5 - décimas e 6 - religiosidade*. Cada série foi composta de um determinado número de dossiês nos quais foram agrupados os documentos que mantém certa relação de pertinência.⁸

A organização dos documentos em séries possibilitou a criação de uma base a partir da qual pudemos vislumbrar inúmeras possibilidades de interrogação das fontes. Isso ampliou nosso horizonte de investigação, mas também nos conduziu a uma tensão que, a princípio não é só nossa, mas da própria historiografia. Uma elasticidade que se manifesta nas posições em que o real se tornaria passível de ser interpretado.

Certeau, (1982, p. 45) aponta para duas posições sobre as quais podemos interrogar a empiria,

O real enquanto *é o conhecido* (aquilo que o historiador estuda, compreende ou ‘ressuscita’ de uma sociedade passada) e o real enquanto *implicado* pela operação científica (a sociedade presente a qual se refere a problemática do historiador, seus procedimentos, seus modos de compreensão e, finalmente, uma prática de sentido). De um lado o real é o resultado da análise e, de outro, é o seu postulado.

⁸ Na série de documentos pessoais estão guardados documentos de uso cotidiano como: R.G., C.P.F., Carteira de Reservista, Carteira sanitária, etc. Também fazem parte dessa série, certidões, declarações, certificados de cursos, correspondências, fotografias, diplomas, comprovantes, recibos e notas fiscais (598 folhas). Todos esses papéis estão distribuídos em doze dossiês. Os documentos são datados de 1920 a 1987. A série magistério comporta os documentos relacionados à atividade na área educacional. Ao todo, são: 38 cadernos de anotações, 47 livros, 81 folhas avulsas e 12 fotografias. O material foi dividido em nove dossiês que abrigam: cadernos com planos de aula, cadernos de alunos, cadernos de registro de matrículas, caderno de provas, atas de exame, relatórios de merenda, bilhetes de pais de alunos, formulários, correspondências, notas avulsas, atas de reuniões, etc. Os documentos dessa série compreendem os anos de 1950 a 1981. Na série número três, denominada de estudos de língua estrangeira foram catalogados 16 cadernos de exercícios, 5 livros de língua estrangeira, 7 folhas ms. Entre os cadernos de estudo, 10 são na língua alemã, 5 na língua inglesa, e outros nas línguas: francesa, polonesa, latim, além de folhas avulsas com anotações na língua indígena tupi. A série sobre benzimentos comporta de 12 cadernos, 5 cadernetas, 449 folhas avulsas e 8 livros. Esses documentos foram divididos em seis dossiês contendo: orações, benzimentos, anotações, tabelas de numerologia, curiosidades, bulas de remédios alopáticos, livretos de chás medicinais e produtos homeopáticos, receitas, entre outros. Os escritos são datados de 1905 a 1984. A série número cinco nominada de décimas somam 169 folhas e seis livros, produzidas entre 1914 a 1980. Os textos em formato de décimas eram produções escritas em linguagem poética e versavam sobre o cotidiano, as festas, o trabalho, etc. Poderiam retratar situações reais ou imaginárias. Os documentos catalogados são de autoria de Albino e de seus interlocutores. Existe, ainda, a série religiosidade composta de 557 folhas, 75 itens iconográficos, 124 livros e 36 periódicos. O conteúdo do material foi acoplado em 9 dossiês que abrigam hinos para romarias e festas, cantos, cartazes e convites, iconografias, novenas, orações, anotações de pedidos de reza, recortes de papel, etc. As anotações são datadas de 1941 a 1985.

Na escrita da história, atuamos nessas duas perspectivas, mas tendemos a dar preferência a uma delas, sabendo que a opção por uma posição do real remete o pesquisador a dois tipos de história. O primeiro “[...] se interroga sobre o que *é pensável* e sobre as condições de compreensão: o outro pretende encontrar o vivido, exumado graças a um conhecimento do passado (CERTEAU, 1982, p. 45)”. Sendo assim, para Certeau (1982, p. 45)

A primeira dessas problemáticas examina a capacidade de tornar pensáveis os documentos de que o historiador faz um inventário. Ela obedece a necessidade de elaborar modelos que permitam construir e compreender séries de documentos: modelos econômicos, modelos culturais, etc. [...] A outra tendência privilegia a relação do historiador com o vivido, quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar’ um passado. Ela quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram. Implica também, um gênero literário próprio: o relato, enquanto a primeira, muito menos descritiva, confronta mais as séries que resultam de diferentes tipos de métodos.

Em nossa proposta, os documentos foram organizados em séries. Tal procedimento possibilitou o suporte técnico e metodológico da pesquisa. Contudo, o nosso foco é o vivido, aquilo que a documentação revela da vida do personagem, dos seus contemporâneos e como eles viam, interpretavam e transmitiam o mundo em que estavam inseridos.

Albino Gonçalves guardou variados tipos de papéis que poderão nos ajudar a conhecer o contexto histórico, social e cultural em que viveu. São notas fiscais, recibos, comprovantes, panfletos, folders, folhetos, composições musicais, cartas, poemas, décimas, recados, orações, evocativos, benzimentos, rezas, receitas e outros que serão elencados em momentos oportunos. Guardou, ainda, textos em prosa que são produções mais extensas em que o autor escrevia sobre sua vida, sobre o ambiente que o cercava, sobre o cotidiano dele e das pessoas e sobre as práticas que realizava.

A escassez de papel ou a pouca importância que tinha o suporte, o levou a escrever em qualquer tipo de papel que tinha à mão, como embalagens de cigarro, caixas de remédio, de fósforo, papel de embrulho usado pelo comércio, panfletos de propaganda política, entre outros.

Assim, o contato com os documentos primários nos revelou algumas trajetórias, alguns percursos que constituem uma região do vivido. Albino Gonçalves, era um homem que aprendeu, ensinou, escreveu, cultivou, compôs, rezou e benzeu. Aprendeu a falar e escrever em seis idiomas diferentes. Um praticante que atuou num espaço determinado assim como seus interlocutores.

O exame do conteúdo dos documentos evidenciou que se tratava de um sujeito distinto, não por ter múltiplas ocupações, mas principalmente por escrever a respeito delas, assim como os seus interlocutores o fizeram. O ato de escrever, por si só, não se constitui um elemento de distinção. Contudo, dependendo dos contextos em que os escritores estão inseridos, as condições de produção e o conteúdo da escrita, pode, talvez, ser pensado como fator de diferenciação.

Os relatos de Albino servirão como porta de entrada para nos reportamos aos anos de 1906, data do seu nascimento, até o ano de 1988, data da sua morte. Amparados na documentação, pretendemos fazer um percurso por este período de oito décadas e percebermos as formas como o ambiente é narrado. Percorreremos os espaços, os lugares, o ambiente do trabalho, da criação poética e da fé pensados como região ou espaço praticado, como em uma viagem. Nesse trajeto, em alguns lugares faremos paradas obrigatórias; em outros, passagens efêmeras sem que isso diminua a sua importância na trama histórica.

No desenvolvimento da pesquisa, fizemos escolhas. Optamos por dar destaque a determinados aspectos em detrimento de outros, igual nas “metáforas” o ônibus turístico não para em todos os lugares. De igual forma, colocamos em evidências alguns documentos menos noutros. Mas foram escolhas conscientes pois tal como escreveu Febvre apud Karnal & Freitas (2004, p. 28) “[...] o historiador não vagueia pelo passado, como um trapeiro a procura de achados, mas parte com uma intenção precisa, um problema a resolver, uma hipótese de trabalho a verificar”.

Pensamos, então, a própria trajetória de vida de nosso personagem, mas não só: temos textos relatos de interlocutores que podem até ver as realidades de outro modo. O termo trajetória não se aplica, por acaso, nesse contexto: trata-se de um percurso, como diz Michel de Certeau (1998, p. 204ss). O percurso é uma prática organizadora do espaço, uma região que chamaremos de circuito do professor benzedor. Mas não se trata de fazer uma biografia, já o dissemos. E não é tanto pela crítica desferida por Pierre Bourdieu em *Ilusão biográfica*. O sociólogo, se bem que contestado posteriormente pelos defensores da micro história, escreveu que

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como, contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos. Falar de história de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que

descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), seus ardis, até mesmo suas emboscadas (Jules Romains fala das ‘sucessivas emboscadas dos concursos e dos exames’), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a ‘mobilidade’), que tem um começo (‘uma estreia na vida’), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (‘ele fará seu caminho’ significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. Isto é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos, *Geschichte*, que está implícita numa filosofia da história no sentido de relato histórico, *histoire*, em suma, numa teoria do relato, relato de historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia. (BOURDIEU, 1996, pp 182-83)

Claro está que Bourdieu propõe uma versão sociológica para as biografias, ou seja, que somente valem o esforço quando evidenciam as práticas das trocas simbólicas, a constituição dos campos e assim por diante. Os teóricos de micro abordagens deram sua resposta, articulando o todo e a parte, mas, igualmente, nossa proposta não trata de fazer micro história ao modo de Carlos Ginzburg, com o moleiro de Friulli.

O percurso de Albino nos interessa apenas porque nos permite identificar uma espécie de consumo, sendo que o relato será a estrada que seguiremos para captar ações de apropriação, de invenção, de trapaça, frente a uma lógica que se impõe aos praticantes desta região. Para MUNIZ,

A região, como diria Certeau , é um espaço praticado ou, como diz Fremont, é um espaço vivido. É uma territorialidade no sentido deleuziano, ou seja, nasce de investimentos de poder, de saber e de desejo. Poderes, saberes e desejos nas esferas do econômico, do social, do político, do religioso, do ético, do moral, do artístico, do erótico, etc. A região, com o correlato regionalismo, implica investimentos afetivos, emocionais, passionais, pulsionais, imaginários, utópicos em uma dada territorialidade, ou seja, exige o investimento em uma dada territorialização da existência; exige a circunscrição de uma espacialidade como sendo o suporte para a vida subjetiva de um dado sujeito individual ou coletivo. (MUNIZ, 2008, p. 61)

Na região que se constitui a partir da trajetória e das práticas exercidas por nosso personagem, evidenciaremos, a partir de Certeau (1998, p. 39), que

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

O relato de espaço ou da constituição do espaço da cultura cotidiana, da região do professor/benzedor, compositor/capelão, mas também do homem que faz compras e guarda as notas, que faz anotações sobre os mais variados assuntos e de seus interlocutores, inverte o trabalho que isolou um sistema de lugares geográficos (CERTEAU, 1998, p. 207). Trata-se de pensar o lugar como espaço praticado e a trajetória como prática constituidora do espaço/região. Para Certeau, o lugar é um “*dono de si mesmo*” a partir do momento em que é próprio. Podemos afirmar também que é espaço limitado, estabelecido, demarcado, identificado por características que lhes são próprias. Em suma, o espaço é um lugar praticado (CERTEAU, 1998, p. 202). O lugar praticado de que estamos tratando aqui, é constituído pela cultura do cotidiano, nos faxinais, na escola e na igreja. Inicia em São Luiz do Purunã, percorre Irati, Riozinho, Colônia Cachoeira e termina no Marmeleiro de Baixo.

Para Certeau (1998 p. 46) “[...] a trajetória evoca um movimento, mas resulta ainda de uma projeção sobre um plano, uma redução”. Escreveu em parte, no contraponto a Bourdieu. Diz que uma trajetória de vida é marcada pela sucessão dos anos (do nascimento à morte), contudo, a projeção sobre esse plano não ocorre em linha reta, como se deduz do que afirmava o autor de Economia das Trocas Simbólicas. Então, pressupomos a existência de percursos e itinerários variados que seguem caminhos paralelos ou se entrecruzam formando, continuamente, novas configurações.

Nessa proposta de trabalho, relativizamos a sequência lógica que acompanha a cronologia da idade de qualquer personagem. As atividades, os lances, não são pensados de maneira sequencial, uma vez que a maioria delas coexistiram durante grande parte da vida de nosso personagem central. Em face disso, o enredo deste estudo “inscreve seus passos regulares ou ziguezagueantes em cima de um terreno habitado há muito tempo” onde ficaram “marcas” e “rastros” deixados no percurso. Seguir essas pegadas e a partir delas, realizar a operação historiográfica é o desafio que nos propomos.

A dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro, falaremos de um espaço em que se escreve e se compõe. Utilizaremos narrativas produzidas pelo próprio personagem nas quais ele relata aspectos da vida cotidiana. Um dos documentos norteadores deste capítulo é um relato produzido por Albino em que é descrito o cotidiano dos agricultores no contexto dos anos de 1950. Nos textos, ele desloca-se pelo ambiente rural e urbano que funcionam numa relação de complementaridade constituindo uma região específica. Uma região que se constitui por meio de uma correlação de práticas agrícolas, econômicas e culturais. O relato do personagem é paralelo a dados recolhidos por funcionários vinculados ao governo do Estado do Paraná. Ainda, no primeiro capítulo, apresentamos uma “visão de dentro”

caracterizada pelo uso da linguagem poética expressa em textos escritos denominados como “décimas”. Por intermédio dessa modalidade da escrita, Albino e seus interlocutores, apresentam narrativas sobre diversas variáveis da vida no campo. As composições selecionadas para este estudo focalizam o vivido, o cotidiano das pessoas, as práticas de trabalho, a política, etc. Estas, no entanto, não são as únicas temáticas que os textos retratam. Existe um vasto repertório de assuntos narrados em linguagem poética sob a forma de décimas. Escolhemos algumas que a princípio se relacionam mais diretamente com a temática proposta.

No segundo capítulo, falaremos de um espaço em que se aprende e que se ensina. Somos conduzidos a um lugar em que os alunos se mudam para várias localidades do interior. Albino é um desses alunos. Não podendo frequentar a escola, buscou formação por vias alternativas. Mais tarde, se tornou professor concursado do Estado, no qual atuou no ensino primário até à aposentadoria.

O relato desse estudante que se tornou professor e as fontes bibliográficas que iremos utilizar referem ao local e regional. É nesse ambiente que nosso personagem joga com os acontecimentos para transformar em ocasiões e, assim, modificar, enfrentar, a ordem estabelecida; mas buscamos apoio em documentos extras, tais como Relatórios e Mensagens de Governo, obtidos junto ao Arquivo Público do Paraná. Buscaremos uma compreensão, ainda que limitada, da política educacional adotada pela oficialidade nos primeiros anos do século XX, período que coincide com a idade escolar de Albino Gonçalves. Tal reforço documental não visa testar a visão contida nos relatos, mas tentar ampliar a compreensão.

O percurso do personagem, de aluno à docência, evidencia a precariedade do sistema estadual de ensino. As limitações na área educacional se acentuavam no interior do Estado. Faltava estrutura física, os professores eram em número insuficiente e com formação precária. Albino vivenciou essas limitações enquanto aluno, tendo dificuldade no acesso à escola e, depois, enquanto professor com a falta de boas condições de trabalho. Esses, no entanto, não foram obstáculos intransponíveis uma vez que com seus *modos de fazer*, procurou superá-los.

No terceiro e último capítulo, percorremos um espaço de rezas e bênçãos. Após requerer aposentadoria de professor, os ofícios de rezador e de benzedor foram exercidos por nosso personagem até a sua morte no ano de 1988. As rezas praticadas em Marmeleiro ocorriam no período da quaresma e a qualquer tempo em festas comunitárias, novenas e funerais. Eram rezas cantadas por uma formação musical denominada de terno, do qual Albino era capelão, uma espécie de líder do grupo.

Outra prática religiosa existente na comunidade era a reza do terço em família. Os

encontros para essa devoção congregavam um número significativo de participantes. Em função da conjuntura política em que o país passava, houve a necessidade de solicitar autorização específica das autoridades locais para fazê-lo em público. Os documentos de autorização, expedidos pela oficialidade, garantiam a legalidade destes atos.

Finalmente falaremos do ofício de benzedor, exercido por Albino até seus últimos dias. Para discorrer sobre esse assunto faremos uso de duas categorias de fontes: as *oficiais* e as *não oficiais*. Entre as fontes oficiais está o relatório intitulado Realidade Rural de Rebouças, produzido durante a década de 1960. Nesse registro, encontram-se dados referentes às principais doenças existentes entre a população rural do município. Para ampliar nosso horizonte de observação utilizaremos Relatórios e Mensagens de Governo, obtidos junto ao Arquivo Público do Paraná⁹.

As fontes “não oficiais” serão os manuscritos de benzeção, produzidos por Albino. Entre eles estão: modelos de benzimentos, cópias de rezas, prescrições para curar males físicos e espirituais, receitas, entre outros. Esses documentos serão complementados com entrevistas orais concedidas por Maria Agatha Rodrigues e Ana Catarina da Silva, ambas filhas do professor benzedor. As entrevistadas auxiliaram na identificação das principais doenças tratadas por benzedores no interior do município de Rebouças.

Conforme, enunciamos, a pretensão é discorrer sobre os espaços que constituem a região do vivido desse homem ordinário que, como tantos outros, se encontram ofuscados pelas espessas lentes da história oficial, marxista, etc. A trajetória de vida desses agentes concretos que, no seu cotidiano, realizaram experiências e vivenciaram situações reais tem muito a contribuir para a escrita da história.

Inserimos esta dissertação no âmbito da nova história cultural, corrente de estudos historiográficos que se fortaleceu a partir do final da década de 1980. Nesse compartimento de estudos, ganham espaço os estudos da vida cotidiana que emergem do mundo da experiência humana. O cotidiano das pessoas inclui as ações, atitudes, hábitos e rituais, mas também as práticas culturais realizadas e internalizadas pelos homens comuns.

⁹ Procuramos fontes adicionais junto a Secretaria de Saúde do município de Rebouças e da 4ª Regional de Saúde de Irati, que atende o município, mas esses dois setores não dispunham de dados e informações sobre o período estudado.

CAPÍTULO I: Distâncias trilhadas: lugares praticados

[...] *Depois do seu expediente
Ele pega na violinha
Canta versinhos bonito
E forma lindas quadrinhas
O coitado vive sozinho
Só com as duas filhinas
E quando fica com fome
Vai mexer nas panelinhas”...*

Neste capítulo investigaremos narrativas em prosa e verso elaboradas por Albino e por pessoas com quem o professor/benzedor se relacionava. Estes textos serão pensados como metáforas no sentido certoniano, uma vez que nos fazem deslocar com os autores pelo ambiente ao qual se referem. Assim, tais escritos são tomados como prática do espaço.

Iniciamos com uma narrativa produzida pelo principal personagem de que nos ocuparemos nesta dissertação: o professor/rezador/benzedor Albino Gonçalves.

1.1 – Cotidiano em forma da nota

Em documento assinado por ele, datado de sete de dezembro de 1912, encontra-se o seguinte relato:

Como todos sabem, antigamente não havia escolas no interior, as poucas escolas que existiam eram muito distantes das casas dos alunos. Eu como queria aprender: ler, escrever e contar, etc., tinha que caminhar muitos quilômetros da minha casa à escola. Caminhava descalço porque meu pai era pobre, não podia comprar nem um par de sapatos para mim, pois éramos doze irmãos, eu era o mais velho, tinha naquele tempo 12 anos, meus onze irmãos eram mais novos que eu e, se nosso pai comprasse um par de sapato para mim tinha que comprar para os outros. Então eu caminhava cinco quilômetros para chegar no horário, na escola. A estrada era pedregosa, áspera, havia subidas temerosas, mas, como eu queria aprender e ser um bom professor caminhava através de montanhas elevadas, descia, cruzava planícies, suave, maltratava meus pés, assim mesmo, três dias sofri com calma, no quarto dia quase não aguentando o cansaço me queixei à professora. Dona Maria, querida professora, os meus pés estão cansados, porque venho descalço, já estão inchados de tanto pisar em pedras! A professora, como era bondosíssima, como uma mãe, disse-me: Albino, eu tenho muitas penas de ti, mas como tenho muitos alunos que estimo como se fossem meus filhos, não te posso dar um par de sapatos, mas vou rogar a Deus, que você fique professor e daí, com teus vencimentos, compre não só um par, mas muitos pares de calçados. Muito obrigado, professora, já tive alentos¹⁰.

¹⁰ Texto produzido por Albino Gonçalves encontrado em meio à documentação.

O texto pode ser tomado como um relato, um documento que nos permite adentrar à história da mesorregião Sudeste do Paraná¹¹, do início do século XX, pois o personagem nasceu em São Luiz do Purunã-PR. Aos seis anos de idade, no ano de 1912, residia, no município de Irati (então Sudeste do Estado). Ocorre que, no relato, Albino afirma ter doze anos em 1912, o que é impossível visto que sua data de nascimento é 16 de abril de 1906. Então, quando da escrita do texto, estaria com seis anos de idade e não com doze como menciona. O mais plausível é pressupor que tenha se enganado quanto à data o que pode implicar a questão da veracidade: poderia ele ter se equivocado na totalidade do relato. O caso poderia ter ocorrido com outra pessoa de quem ele poderia ter ouvido e reproduzido.

Este percalço de datação, no entanto, não diminuirá a importância do documento aqui tomado como uma narrativa. Ao contrário, será pretexto para pensá-lo como relato e percurso. Partimos do pressuposto de que as coisas que retemos na memória às vezes se conservam praticamente intactas, às vezes, são profundamente alteradas. Como escreveu Bosi (1994, p. 66). “A transformação seria tanto mais radical quanto mais operasse sobre a matéria recebida a mão-de-obra do grupo receptor. Assim, novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocada”.

Pressupomos que as memórias referentes à infância no quadro social da família, da escola e do faxinal possam produzir sentidos totalmente diferentes em textos escritos tais como esta narrativa elaborada por Albino uma vez que não há um compromisso, digamos, de ofício com a datação, nem com a fundamentação em fontes documentais. Assim, a história do aluno de pés descalços é um relato baseado nas recordações e memórias do autor. Bosi (1994, p. 55) escreveu que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”.

Podemos dizer com base em Zanini (2005,) que essas memórias escritas são um percurso com sentido para si (no caso o personagem de que nos ocupamos) e para outros que recolheram e guardaram o material, lá mesmo, no interior do espaço faxinalense. A ida à escola aparece como um ato desafiador e de esforços tremendos frente a uma situação de muita carência e penúria em que a professora aparece como pessoa privilegiada. A modificação na data implica esta construção constante de identidades individuais.

¹¹ A mesorregião Sudeste paranaense está localizada no Segundo Planalto Paranaense e abrange uma área de 1.700.649,1 hectares que corresponde a cerca de 8,51% do território estadual. Faz fronteira a oeste com a mesorregião Centro-Sul, ao norte com Centro Oriental, a leste com Metropolitana de Curitiba e ao sul com o estado de Santa Catarina. É constituída por 21 municípios. Fonte: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social/ Leituras regionais: Mesorregião Sudeste Paranaense – Curitiba: IPARDES, BRE, 2004, p.5

O que se vê aqui não é um sujeito reproduzindo suas lembranças do passado de forma mecânica e automática. Trata-se de um percurso em que se vai construindo e trabalhando memórias, fazendo descrições de realidades e de vivências na relação com situações sociais e alterando os significados atribuídos às situações, selecionando o que será narrado, modificando o outro e a si mesmo. Tal perspectiva, derivamos das reflexões elaboradas por Hall (2006) a respeito da identidade, instância permanentemente construída pelo sujeito. Para o autor o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Pressupondo que a identidade é formada e transformada continuamente em relação aos modos pelos quais somos representados ou desafiados pelos sistemas culturais que nos rodeiam, temos a interpelação da escola e do faxinal. A história que estamos analisando é do tipo estória sobre nós mesmos, ou seja, “narrativa do eu”. Segundo Hall (2006, p. 13) este tipo de produção é contraditória e está em contínuo processo, uma vez que o sujeito assume identidades diferentes em distintos momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Fala-se então de identidades contraditórias, impelindo para diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Quando imaginamos ter uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque construímos uma conveniente narrativa sobre nós mesmos.

Consideramos, pois, que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 1990, p. 410). No caso de Albino, será importante nos determos um pouco mais no debate sobre memória e os aparentes paradoxos a que ela nos remete, especialmente, entre o fixo e o móvel, o individual e o coletivo.

A leitura de Halbwachs (2006, p. 39) nos impele a destacar o seguinte:

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. [...] É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros [...] o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

O percurso de nosso personagem será marcado por diversos pontos de contato, neste caso, com a escola, com o faxinal, com os caminhos que conduzem as meninas e meninos para a escola e assim por diante.

Assim como os ‘cinco quilômetros de estradas pedregosas, de subidas e descidas de montanhas e travessias de planícies’ para ir à escola a memória pode cursar um longo caminho de volta do passado, enfrentando a correnteza do tempo. Albino descreve as subidas assustadoras, e a memória sempre enfrenta o perigo de se desviar quando encontra empecilhos no percurso. Como escreveu Bosi (1994, p. 420) ocorrem mudanças dos grupos, perde-se o meio estável em que as memórias podem ser retomadas pelos que as viveram. Assim, os caminhos se perdem, descontínuos, apagados.

A incoerência indica espaços descontínuos no relato da memória de menino pobre palmilhando estrada pedregosa dia após dia. Nos remete às reflexões de Pollack (1989, p. 14) de que aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, tem dificuldade na construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Diz ele que, assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões. Trata-se dos percalços da elaboração de uma descrição.

Relato, no sentido certoniano do termo. Para Certeau (1998, p. 200),

Todo relato é um relato de viagem - uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (‘dobre à direita’ ‘siga à esquerda’), esboço de um relato cuja sequência é escrita pelos passos, até o noticiário de cada dia (‘adivinha quem eu encontrei na padaria?’) Ao ‘jornal’ [...] e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas que, ao mesmo tempo, produzem geografia de ações [...]. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés as executam.

Um dos assuntos do documento elaborado por Albino, coincidentemente, incide sobre caminhadas de ‘muitos’ (cinco) quilômetros, por terras dobradas, subidas e descidas, montes e planícies, com os pés descalços e sob o desejo de possuir sapatos para calçar. Nosso documento é, por certo, mais do que um texto com data duvidosa visto que podemos notar, nele, a constituição de uma geografia de ações, tais como: caminhar, ida à escola, desejo de uma criança pobre, as necessidades das famílias e das escolas, a tática planejada de queixar-se à professora e, assim, por diante. Um relato na perspectiva certoniana, todavia, é mais do que o registro de uma geografia: trata-se de uma prática do espaço que faz a viagem antes ou enquanto os pés a executam.

Estes pés que executam práticas, entretanto, não são necessariamente aqueles descalços retratados no texto de Albino, mas podem significar, e será o caso aqui, a própria

trajetória de vida de nosso personagem. O termo trajetória não se aplica por acaso nesse contexto: trata-se de um percurso, como diz Michel de Certeau (1998, p. 204ss). Trata-se de uma prática organizadora do espaço, que constrói uma região que chamaremos de circuito do professor benzedor, ou seja, a sua história, deixada em forma de relatos, músicas, anotações e outros documentos.

Não se trata de fazer micro história ao modo de Carlos Ginzburg, com o moleiro de Friuli, até mesmo porque essa região da Itália é, ali, apresentada como deontologia, como dado geográfico pressuposto. Será classificada, aqui, como mapa, ou seja, como reverso do percurso. Certeau escreveu que os mapas, na sua forma atual são produtos marcados pelo desenvolvimento do discurso científico moderno (século XV-XVII) como uma separação dos itinerários que lhes serviram de base.

Os primeiros mapas medievais comportavam só traçados retilíneos de percursos (indicações performativas que visavam aliás sobretudo peregrinações), com a menção de etapas a efetuar (cidades onde passar, parar, alojar-se, rezar, etc.) e distâncias computadas em horas ou em dias, ou seja, em tempos de marcha. [...] O desenho articula práticas espacializantes, como os planos de itinerários urbanos [...] ou como o admirável mapa asteca (século XV) que descreve o êxodo dos Totomihuacas em um traçado que não segue o relevo de uma estrada (ainda não havia) mas um diário de marcha – traçado escalonado por marcas de passos com distâncias regulares entre eles e pelas figuras de acontecimentos sucessivos no decorrer da viagem (refeições, combates, travessias de rios ou montanhas, etc.) não ‘mapa geográfico’, mas ‘livro de história’. (CERTEAU, 1998, pp 205-206)

Essa pesquisa implica tratar a espacialidade por meio do conceito de região, mas não no seu aspecto geográfico ou territorial, metaforizado aqui pela figura certoniana do mapa. Significa, em certa medida, retornar ao modelo anterior pois

Entre os séculos XV e XVII, o mapa ganha autonomia. [...], mas o mapa [...] elimina aos poucos as figurações pictóricas das práticas que os produzem. Transformado pela geometria euclidiana e mais tarde descritiva, constituído em conjunto formal de lugares abstratos, é um teatro (este era antigamente o nome dos atlas) onde o mesmo sistema de projeção justapõe, no entanto, dois elementos bem diversos: os dados fornecidos por uma tradição (a geografia de Ptolomeu, por exemplo) e aqueles que provinham de navegadores (os portulanos, por exemplo). [...], mas o importante aqui é que se apagam os itinerários [...] o mapa fica só. As descrições de percurso desaparecem. (CERTEAU, 1998, p. 206)

Trata-se de retornar ao mapa pré-euclidiano e pensar a trajetória de vida de Albino como este relato de espaço ou uma constituição do espaço da cultura faxinalense. Ele desenha uma região de professor/benzedor, compositor /capelão, mas também de homem que faz

compras e guarda as notas, que faz anotações sobre os mais variados assuntos, invertendo o trabalho que isolou um sistema de lugares geográficos (CERTEAU, 1998, p. 207). Pensamos, então, o lugar como espaço praticado e a trajetória como prática constituidora do espaço/região.

Certeau diz o seguinte a este respeito:

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 1998, p. 201).

Podemos afirmar também que o lugar é espaço limitado, estabelecido, demarcado, identificado por características que lhes são próprias. Assim,

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (...). Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. (CERTEAU, 1998, p. 202).

O lugar praticado de que estamos tratando aqui, é constituído pela cultura do cotidiano, nos faxinais, na escola e na igreja. Inicia em São Luiz do Purunã, percorre Irati, Riozinho, Potinga, Água Quente dos Luz, Colônia Cachoeira e termina no Marmeleiro. Trata-se de uma região, uma espacialidade que não se definiu pela administração política, pelo poder central, mas sim pelas táticas do cotidiano, como aquela de queixar-se à professora para sensibilizá-la e conseguir um par de sapatos. São as táticas, as espertezas do dia a dia. Tais práticas estão presentes na integridade dos percursos, como se vê, desde muito cedo. Trata-se nesse caso, de um espaço em que se ensina, escreve, reza e benze.

1.2 – Bicho de caíva, gente de faxinal - no mesmo lugar

O ano era 1950. Rebouças, uma pequena cidade do interior do Paraná. Imerso naquele ambiente interiorano, encontramos um personagem que parece ter algo a nos dizer. Em geral, todas as pessoas têm algo a dizer, seja na forma oral ou escrita e, nesse aspecto, ele não difere da maioria dos seus contemporâneos. Conquanto, alguns indivíduos fazem opções,

voluntárias (ou não), pelo “não dizer”. E, ao adotar essa postura assumem a condição de serem percebidos, apenas, na efemeridade da sua existência. Quando muito, adquirem uma sobrevida na memória evanescente dos seus entes queridos.

Não parece ser este, o caso de Albino Gonçalves. Uma pessoa presumivelmente comum, mas que, durante sua vida, desempenhou diversas funções, assumiu vários “papéis”, mas sempre parece romper o silêncio como é de ordinário o cotidiano. Ao localizar esse personagem, decidimos tomá-lo como objeto deste estudo.

Guiado por um impulso, que se traduziu num misto de curiosidade e expectativa, tivemos acesso ao legado documental de Albino Gonçalves. A considerar o aspecto visual e olfativo, teríamos um bom motivo para repensar nossa curiosidade. Mas para nós houve uma vantagem: descobrimos que não bastava curiosidade e expectativa. Era necessária uma “dose” extra de teimosia.

E foi sendo teimosos que começamos a tatear os documentos. Além de uma experiência física, os primeiros contatos se constituíram numa experiência sensorial, marcada por poeira tosses e espirros. Mas o cheiro de papel antigo pode ser revelador, pode engendrar informações insuspeitas e tornar pública, histórias antes desconhecidas. É o que pudemos evidenciar no contato com as fontes. Lendo o conteúdo dos papéis, encontramos Albino Gonçalves, por meio de textos e anotações.

Trata-se de uma quantidade considerável de escritos que vão desde transcrições de certidões, comprovantes, receitas médicas, notas fiscais, recibos de ordem diversa e quase uma centena de fotografias sobre temas variados. Documentos pessoais, cadernos, materiais didáticos, relatórios de alunos e de merenda, bilhetes, livros, documentos oficiais, cadernetas de anotações, orações, benzimentos, simpatias, receitas, pedidos de oração, autorização policial para exercer a prática da cura, letras de músicas, décimas, entre outros.

Os primeiros indícios indicaram que poderíamos tratá-lo como um sujeito distinto, visto que, terminou seus dias em uma comunidade de povos tradicionais em que predomina a cultura oral. Como diz Campigoto (s/d p.p.1 e 2) a cultura faxinalense se desenvolve a partir de atividades ‘agrosilvopastoris’. Seu modo de organização é baseado, pode-se dizer, em certa coletividade, uma vez que o faxinal é dividido em terras de criar e terras de plantar. A primeira, ou área de *compáscuo*, é explorada de forma grupal. O estilo de vida faxinalense é associado a essa área cercada composta por pastagens, matas e estradas interioranas, ligando as habitações umas às outras. Nessa área comum, que pode pertencer a um proprietário não morador do faxinal, ou pertencente a vários proprietários, são criados animais de várias espécies, tais como bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos, além de vários tipos de aves

domésticas. Soltos no grande cercado, esses animais alimentam-se da grama existente, de pequenos arbustos e dos frutos nativos tais como a gabioba, a cereja e, principalmente, o pinhão. As entradas e saídas destas áreas são protegidas por porteiras e cancelas ou por uma espécie de pequenas pontes, estas construídas sobre um vão seco escavado especialmente para tal fim.

As terras de plantar, são particulares, localizam-se fora do cercado e podem pertencer ao proprietário que as cultiva ou serem arrendadas. A cultura faxinalense é marcada pelo uso comum de recursos naturais como as águas e a madeira e, também, pelo trabalho coletivo na construção da cerca comum. A organização dos agricultores em forma de faxinal existe desde época bastante remota. Calcula-se que este sistema é praticado na região há mais de trezentos anos. A julgar pelos processos de povoação comuns na área rural do Brasil, salvo nas regiões de povoamento planejado ou áreas de colonização, os núcleos formaram-se anteriormente à chegada das escolas. Pode-se dizer que no faxinal do Marmeleiro em que Albino atuou como professor, o prédio escolar foi construído no interior da área de compáscuo¹².

Os faxinalenses são considerados como povos tradicionais,¹³ dissemos antes. Para Paul Little (2002, p. 22) a noção de povos tradicionais tem os seguintes elementos identificadores: “regime de propriedade comum, sentido de pertencimento a um lugar específico e profundidade histórica da ocupação, guardada na memória coletiva”. Estes dados são considerados como fundamentais para a identificação e categorização desses grupos por parte do Estado, bem como, para os próprios sujeitos que fazem parte deles. Entretanto, o autor assegurou que não é necessário que um desses agrupamentos congregue todos esses elementos para ser classificado como pertencente à categoria. Além do mais, é possível agregar outras características tais como o fator religioso, o aspecto da identidade, o feitio cosmológico e o atributo linguístico. Notemos que um dos aspectos básicos, em todo caso, é a

¹² https://www.capes.gov.br/images/seminarios/iv-observatorio-daeducacao/Educacao_Basica/A_escola_e_o_ensino_de_historia_nos_faxinais_-_Jose_Adilcon_Campigoto.pdf

¹³ Importa, então, considerar que este conceito tem uma história por meio da qual podemos compreender seu alcance. Little informou que, no contexto das fronteiras em expansão, o conceito surgiu para englobar um conjunto de grupos sociais que defendem seus respectivos territórios frente à usurpação por parte do Estado-nação e outros grupos sociais vinculados a este. Num contexto ambientalista, o conceito surgiu a partir da necessidade dos preservacionistas em lidar com todos os grupos sociais residentes ou usuários das unidades de conservação de proteção integral, entendidos aqui como obstáculos para a implementação plena das metas dessas unidades. Noutro contexto ambientalista, o conceito dos povos tradicionais serviu como forma de aproximação entre sócio ambientalistas e os distintos grupos que historicamente mostraram ter formas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, assim gerando formas de coexistência de território. Finalmente, o conceito surgiu no contexto dos debates sobre autonomia territorial, exemplificado pela Convenção 169 da OIT, onde cumpriu uma função central nos debates nacionais em torno do respeito aos direitos dos povos. (LITTLE, 2002. P. 23) No Brasil, são consideradas sob esta ‘nomenclatura’ populações tais como: os indígenas, os quilombolas, os babaçueiros, os caboclos, os caçaras, os caipiras, os campeiros, os jangadeiros, os pantaneiros, os pescadores artesanais, os praiheiros, os sertanejos e os varzeiros. No Estado do Paraná, região sul do Brasil, os faxinalenses.

memória coletiva guardada por meio da oralidade. Segue que Albino escrevia num ambiente oral. Lia, compunha. Aprendera a escrever quando criança, de fato, cumpriu o augúrio da mestra: tornou-se professor.

Importa, nesse momento, conhecermos o conteúdo dos relatos, “*o que*” e “*sobre o que*” ele escrevia, afinal quem escreve, escreve sobre alguma coisa. De início, podemos dizer que escrevia sobre muitos assuntos: sobre o cotidiano, o ambiente social e cultural, sobre suas práticas, enfim, sobre sua realidade imediata.

A realidade imediata era o município de Rebouças, local em que viveu e que conheceu. Albino buscou compor essa realidade observando e descrevendo o que julgava digno de nota. Os relatos produzidos expressam um ponto de vista, uma construção do autor, parcial, mas em todo caso, original. Sendo uma construção, a realidade imediata emerge como resultado de um processo e jamais poderá ser reconstruída na sua totalidade. Ao historiador cabe tentar recompor extratos dessa realidade, mas sempre de maneira parcial e de modo lacunar. Em outros termos, o historiador define o objeto, seleciona as fontes, estabelece balizas temporais e recortes espaciais com o intuito reorganizar a realidade por intermédio da operação historiográfica. Certeau (1982, p. 66) escreveu que

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreende-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.) procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da realidade da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de ‘práticas científicas’ e de uma escrita. Esta análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar o contorno preciso às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto.

Albino Gonçalves escrevia, mas são raros seus escritos sobre história porque seu lugar, os procedimentos e a construção textual são de outras categorias. Mesmo assim, neste sentido de alguém que se situa num lugar, que adota um proceder e produz documentos, dissemos ser ele distinto, ou seja, destacável para esta investigação. O local pode ser definido como o município de Rebouças-PR entre os anos de 1950 e 1988. Mas, em termos geográficos, tal espaço poderá ser comprimido ou dilatado na medida em que foi praticado pelo personagem do qual nos ocupamos aqui. De igual forma, as posições das balizas temporais poderão ser alteradas de acordo com as conveniências para o melhor entendimento e acompanhamento do percurso.

Iniciemos, então, por um pequeno recuo temporal a fim de remontar a constituição

histórica do município de Rebouças. Conforme os próprios textos de nosso personagem principal, se inicia nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Albino

[...] O município de Rebouças teve como formação pessoas vindas da cidade de Campo Largo e de outras cidades do Paraná. Vieram para cá com o objetivo de criar gado, de extrair erva mate nativa desta região e plantar roças de milho, feijão, arroz, batata e outros cereais. O modesto povoado pertencia antes da chegada dos trilhos da estrada de ferro São Paulo Rio Grande do Sul ao município de Palmeira com o nome de Rio Azul. No início do século de 1900 passou a pertencer a São João do Triunfo. Pela lei 2.378 de 31 de março de 1930 no governo de Afonso Alves de Camargo a localidade foi elevada à categoria de município desligando-se de São João do Triunfo. Em 21 de setembro (do mesmo ano) foi instalado o município. Nessa ocasião o município tinha 350 km² de área. Pela lei 7.973 de 20 de outubro de 1932 foi lhe aumentado um pedaço de terra pertencentes aos municípios de Teixeira Soares, Irati e São Mateus do Sul, passando a área total de 520 km². Em 18 de junho de 1936 sob o governo de Manuel Ribas foi elevado à categoria de termo judiciário da Comarca de Irati. Finalmente, pelo decreto 93 de 14 de setembro de 1948, foi elevada à Comarca, cuja instalação foi feita em 26 de janeiro de 1949¹⁴.

Além de escrever sobre este tema, ele produziu um minucioso relato sobre o contexto de época, retratando o cotidiano das pessoas que viviam no município, na década de 1950. A descrição feita por Albino Gonçalves pode ser comparada e complementada com os dados oficiais produzidos pela extinta Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (ACARPA).

Consta do site da EMATER do estado do Paraná, sob o título de Histórico da Extensão Rural Oficial que

A partir de meados da década de 50, no século passado, o meio rural paranaense [...] começou a ser desvendado. Os agricultores e suas famílias tiveram os primeiros contatos com extensionistas rurais. Os técnicos faziam muitas perguntas, percorriam as lavouras, olhavam as criações, analisavam as condições de vida das famílias e, principalmente, tomavam nota de tudo, também levavam informações e novidades sobre as formas de produção agrícola, saneamento, alimentação e outros temas de interesse das famílias. Os contatos de extensionistas e agricultores passaram a ser frequentes na forma de reuniões, visitas, dias de campo e outros métodos¹⁵.

As famílias de Rebouças também receberam essas visitas. As anotações feitas pelos técnicos resultaram em textos chamados “Realidade municipal” e eram utilizados para a montagem de políticas de modernização da agricultura. Ao que tudo indica, Albino envolveu-

¹⁴ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p.

¹⁵ <http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=43>

se, pelo menos em termos de escrita, ou em termos de procedimento adotado pelos técnicos visitantes. Mas convém acrescentar que, conforme os alimentadores do site

No início, em 1956, com 11 escritórios, os extensionistas eram funcionários do ETA - Escritório Técnico de Agricultura, cujos propósitos e métodos eram espelhados no sistema de extensão, implantado nos Estados Unidos da América. Posteriormente, com vistas a aprimorar os programas de crédito rural, às atividades dos extensionistas foram incorporadas responsabilidades de orientação técnica aos tomadores de financiamentos. A partir daí, em 1959, as funções do ETA foram assumidas por uma organização de utilidade pública denominada ACARPA - Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná¹⁶.

Então, se vê o morador de Rebouças, na década de 1950, às voltas com o sistema de extensão implantado nos Estados Unidos da América. A ACARPA foi responsável por realizar um diagnóstico sobre a área rural do município de Rebouças no final da década de 1960. Apesar de haver uma diferença de mais de 10 anos entre o relato e o diagnóstico, a situação pouco se alterou de modo que podemos apresentar um exame do conjunto a partir desse duplo viés. Convém considerar ainda que, conforme o mesmo site,

Essa organização liderou o processo de difusão de tecnologia no Estado do Paraná. Práticas de implantação e manejo de lavouras e criações, estratégias de controle de pragas e sistemas e processos de manejo e conservação de solos destacaram-se como fundamentais para sustentarem o crescimento da produtividade. Somente no Programa de Manejo em Microbacias foram incorporados mais de 7 milhões de hectares da área cultivada no Paraná com práticas adequadas de manejo de solos, que propiciaram condições para implantação dos sistemas de “plantio direto”. Estas e outras tecnologias foram sendo incorporadas aos sistemas de produção através de metodologia de extensão rural e mudaram a paisagem rural do Paraná¹⁷.

Essas mudanças na paisagem podem ser percebidas no contraponto ao texto de Albino. De acordo com os dados do censo de 1960 pelo menos 75% da população reboucense residia na Zona Rural. Dez anos mais tarde esse percentual cairia para cerca de 70%¹⁸. Mesmo com o aumento da população urbana, o município apresentava um panorama tipicamente rural. Essa condição não nos levará a pensar o rural numa perspectiva de oposição ao urbano uma vez que esses espaços não significam, para nós, duas regiões distintas. São considerados, aqui, como espaços complementares que ao serem praticados, constituem uma nova região. Uma

¹⁶ <http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=43>

¹⁷ Idem

¹⁸ De acordo com o censo de 1960, Rebouças possuía 9.885 habitantes dos quais 7.462 residiam no meio rural e 2.423 na área urbana. No censo de 1970, dos 11.142 habitantes, 8.014 moravam no meio rural e 3.128 moravam na área urbana.

região que é construída por meio de uma correlação de práticas cotidianas.

Dos 82 anos vividos por Albino Gonçalves, pelo menos 70, tivera como ambiente o interior do município. Ali é o lugar de onde ele fala. Nos seus relatos, ficam evidentes as alusões a esta paisagem que, à época, abrangia uma área total de 41.536,68 hectares. Nela encontravam-se 2.843 propriedades e um total de 1.535 proprietários. Do total de proprietários, 788 residiam na área rural. Os demais possuíam propriedades na área rural, mas residiam na área urbana ou em municípios vizinhos¹⁹.

Havia, ainda cerca de 240 famílias habitando a área rural sob a condição de agregados e/ou arrendatários. Eram pessoas que não possuíam terras próprias e arrendavam um pedaço de chão para morar e plantar. O grupo de arrendatários poderia, também, contemplar proprietários de terras que alugavam outros terrenos a fim de ampliar o plantio e obter maior produção.

Albino considerava que naquela região se encontravam as condições naturais satisfatórias para o desenvolvimento da prática da agricultura.

O homem reboucense não encontra dificuldade para cultivar o seu solo pois ele não é rochoso e suas colinas não são muito altas. Por isso, há um grande número de lavradores no município. Seu clima e altitude favorecem a boa saúde e disposição de seus habitantes²⁰.

Destacou algumas características das atividades agrícolas desenvolvidas no município. Descreve que

As terras de constituição argílica cilicosa são em geral férteis prestando-se a várias espécies de cultura. Não obstante a fertilidade do seu solo, há ainda no município vasto campo a explorar no setor agricultor [...] neste último ano prosperou consideravelmente a lavoura, havendo sobrepujado muito as demais utilidades econômicas da região, basta assinalar que as safras de 1950 de batata inglesa, de trigo e do milho ultrapassaram cada uma safra de 2.000.000, dois milhões de cruzeiros [...] cultivam em grande escala no município a batata inglesa, o trigo, o milho, o feijão, arroz e centeio. Em menor escala planta-se a batata doce, a cebola, o alho, a aveia, o linho, etc. Em quase todas as casas particulares há quintais cultivados, hortaliças e pequenos pomares. A terra produz quase todos os frutos: pêssago, ameixas, caqui, maçãs, etc. Cultiva-se a uva em regular escala da qual é produzida o vinho colonial²¹.

O autor descreve, também, algumas práticas e locais em que os homens e mulheres do

¹⁹ Relatório Realidade Rural de Rebouças 1967/1968, p. 1

²⁰ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p.

²¹ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p.

campo as desenvolvem no município. De acordo com o relato:

[...] O processo da terra utilizada pelos lavradores é o destocamento das terras no qual sempre cresce um mato mole que é tombado pelo arado em leiras e serve de adubo verde. O lavrador de menos recurso faz a roçada à foice e depois da queimada, pratica os trabalhos restantes à enxada. São utilizados arados fixos e resistentes, grade de dentes, arados de discos de ferro puxados por animais' [...]. Os equipamentos são adquiridos na Casa Rural. Dispõe a Casa Rural de diversos arados, trilhadeiras, tratores pequenos e sementes diversas, plantas que cedem aos lavradores de empréstimo para devolução depois da colheita. Possui a prefeitura um grande trator agrícola que executa trabalhos em terras de agricultura a preço de manutenção²².

O autor como que passeava pelas roças dos agricultores, deslocando-se para as casas de comércio e a prefeitura. Nesse percurso relatou que a situação de Rebouças, na década de 1950, era semelhante à de outros pequenos municípios do Paraná. Ele deslocava-se para o centro da cidade detectando problemas de ordem estrutural por toda parte. A falta de infraestrutura básica constituía para este morador local um obstáculo considerável. Os principais problemas elencados resultaram no seguinte “mapa”:

[...] o aspecto da cidade é desolador pois suas ruas estreitas demais, não são calçadas e sua iluminação é insuficiente. Não possui zona residencial e até agora não foi encanado o esgoto, coisas tão necessárias para a higiene da cidade. As casas que possuem instalações são de iniciativa particular. O tipo de casa predominante é a de madeira devido ser essa a riqueza do município. Há algumas construções feitas de material mas são quase todas prédios públicos construídos pelo governo²³.

Continuando o tour, nas áreas consideradas rurais, as estradas são descritas como se não tivessem qualquer tipo de pavimentação.

Em certo sentido, Albino duplicava o texto escrito pelos técnicos do estado, pois de acordo com as informações recolhidas por estes, as habitações eram feitas 100% em madeira. Em relação à disposição dos espaços internos, 60% das residências eram divididas nas seguintes peças: uma cozinha, uma sala e um a dois quartos. Na maioria delas o forro e piso eram de madeira. Conforme este registro, apenas 3,8% de residências não continham forro ou assoalho.²⁴ Nesse caso, o piso era total, ou parcialmente, de chão batido. A área total das moradias está representada na tabela abaixo.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Relatório Realidade Rural de Rebouças 1967/1968, p.54

Tabela 1: Realidade Rural de Rebouças - Moradias

ÁREA DA RESIDÊNCIA EM M ²	%
0 a 20	1,90%
21 a 80	85,20%
81 a 100	9%
100 a 150	3,9

Fonte: ACARPA, 1967/68

A julgar pelo material utilizado na construção das moradias e considerando o tamanho médio das residências, podemos supor que a maioria da população pertencia às camadas sociais de baixa renda.

A descrição e a estatística feita pelo órgão governamental como que desenham uma imagem bucólica, de área rural composta por ruas lamacentas nos tempos de chuva e poeirentas, nas épocas das estiagens. O relato de Albino exprime um modo de vida sossegado, em que as coisas acontecem mais devagar e o tempo passa de forma mais “lenta”. E ao passar sem pressa, permite ao ‘homem comum’ observar as mudanças no ambiente que o cerca. Albino apontava uma melhoria aqui e outra ali ou o próprio espaço sendo praticado. Disse que as ruas não são calçadas, mas

Dentro da cidade está havendo uma modificação, pois [...] está sendo colocado o cascalho o que constitui uma grande benfeitoria, pois não há lama nos dias de chuva [...]. Os veículos que aqui circulam são: caminhões, automóveis, charretes e em grande número as carroças puxadas a cavalo. Todos os colonos as possuem e elas trazem seus produtos para a venda na cidade²⁵.

Trata-se de uma paisagem urbana dominada por carroças puxadas a cavalo, visto que cada agricultor possuía uma delas e transportava seus produtos desta forma. Mas circulavam, neste meio, caminhões, automóveis e as charretes. É a década de 1950. A julgar pela imagem divulgada na página do Giesbrecht, citada abaixo, existiam até caminhões lidando com o transporte de madeira desde a década de 1940.

²⁵ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p

Figura 1: Transporte de madeira na estação de Rebouças. Década de 1940.



Autor: desconhecido.

Fonte: Página do Giesbrecht. <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/reboucas.htm>

Os técnicos da ACARPA relataram que cerca de 90% dos produtos comercializados na década de 1960, circulavam nos limites do próprio município. Também que, do total de agricultores que residiam na zona rural, pelo menos 32,5 % vendiam e adquiriam produtos necessários nas próprias comunidades onde moravam. Os pontos de comercialização eram as chamadas bodegas. Os demais, que correspondiam a cerca de 67,5%, adquiriam esses produtos na sede do município ou na cidade mais próxima, Irati²⁶. O relato é minucioso e adentra a variados aspectos da vida econômica local.

No que concerne à produção agrícola, ressaltaram que os produtos mais cultivados eram: o milho, o feijão, o arroz, a mandioca, a batatinha, a cebola, o trigo, etc. A tabela abaixo permite uma compreensão do quadro geral da agricultura no município de Rebouças na década de 1960. Note-se que a cultura da soja que atualmente ocupa a maior área plantada no município e na região, naquela época era cultivada por apenas 1,25% dos agricultores. Os técnicos da ACARPA detectaram que a área plantada era de 6.05 hectares. Os dados dão indícios de que a prioridade era a produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade.

²⁶ Relatório Realidade Rural de Rebouças 1967/1968, p.6.

Tabela 2: Realidade Rural de Rebouças - Quadro geral da agricultura.

PRODUTOS	PLANTADORES %	ÁREA PLANTADA	PRODUTIVIDADE KG – HÁ	PRODUÇÃO TOTAL KG	VENDEDORES %	PRODUÇÃO VENDIDA KG
MILHO	98,75	8.714,80	760,0	6.849,282	42,41%	1.214,500
FEIJÃO	98,125	5.215,00	334,5	1.188,161	58,59 %	682.947
ARROZ	78,125	1.374,15	566,0	760.504	41,6 %	273054
MANDIOCA	28,125	218,19	18.000,0	3.927,420	-	-
BATATINHA	13,75	69,90	4.034,0	177,635	54,54 %	100,241
CEBOLA	13,125	34,51	3.867,0	105,746	90,47 %	84.138
TRIGO	6,875	72,05	895,5	62,894	-	-
CENTEIO	3,75	25,92	761,7	15,225	-	-
FUMO	1,25	25,00	761,7	15,225	100 %	41.500
BATATA DOCE	3,75	11,69	-	-	-	-
SOJA	1,25	6,05	1.300	4.400	-	-
AMENDOIM	1,875	3,99	755	2.300	33,3 %	900
ALHO	1,875	3,00	1.847	4.750	100 %	4.095

Fonte: ACARPA, 1967/68

Enquanto isso, o autor do relato sobre Rebouças destacou que o comércio interno se dava sob duas formas: compra e venda nas casas de comércios, especializadas, e, vendas de casa em casa, feitas por qualquer produtor. O panorama da atividade comercial é descrito assim:

[...] O número de estabelecimentos comerciais no município de Rebouças é de 64. Em sua maioria armazenando secos e molhados quase sempre com exceção de armarinhos, fazendas e ferragens. A ausência de casas comerciais bem aparelhadas leva a classe superior a sair a outras cidades fazer suas compras para aquisição de artigos finos. Dos 64 estabelecimentos comerciais, 42 funcionam na cidade e 22 na zona rural. Em Rebouças não existe feiras, por isso, os colonos têm que percorrer casa por casa para oferecer seus produtos. Em nossos dias, os comércios se fazem atrás do balcão com balanças e metros precisos. Antigamente, os comércios eram feitos pelos mascates e tropeiros que trocavam mercadorias por eles puxadas com os moradores dos lugares²⁷.

A sociedade é dividida em classes. No entanto, não é possível defini-las precisamente. Sabe-se, por intermédio das fontes, que existiam pessoas com maior poder aquisitivo e outras que passavam por limitações financeiras. A primeira faz compras em outras cidades, o que indica a entrada do transporte motorizado na localidade. Certamente, um bem que somente podia ser adquirido por pessoas de posses. As demais adquiriam produtos no comércio local. O tempo do comércio é dividido em venda no balcão e venda feita por ambulantes, mascates e

²⁷ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p

tropeiros. Neli Maria Teleginski (2012, p. 18) refere-se a estes processos na região. Escreveu que

Ao longo das cinco primeiras décadas do século XX a diversificação da oferta de produtos industrializados e a facilidade de transporte através da ferrovia permitiram aos bodegueiros iratienses oferecer aos seus fregueses da cidade e do campo uma grande variedade de mercadorias, de outras regiões do país e importadas. Irati ligava-se aos portos de Paranaguá e de Antonina e à capital Curitiba através da Estrada de Ferro do Paraná, em conexão com a ferrovia São Paulo – Rio Grande Railway. Uma complexa teia comercial se estabeleceu entre comerciantes locais e comerciantes do litoral e da capital, e também com comerciantes estabelecidos ao longo da ferrovia São Paulo – Rio Grande que tinha ligação com o Uruguai. Isso permitiu que produtos de diferentes procedências chegassem às estações ferroviárias de Irati de onde seguiam em carroças e carroções para bodegas da cidade, do interior e municípios vizinhos. Com a abertura de estradas de rodagem e a chegada de caminhões e automóveis a circulação e distribuição das mercadorias melhoraram, ao menos quando não chovia.

*Mutatis mutandis*²⁸, isso pode aplicar-se aos comerciantes de Rebouças por que, ali, também havia uma estação ferroviária. Conforme o site estações ferroviárias do Brasil, elaborado por Ralph Mennucci Giesbrecht

A linha Itararé-Uruguai, a linha-tronco da RVPSC, teve a sua construção iniciada em 1896 e o seu primeiro trecho aberto em 1900, entre Pirai do Sul e Rebouças, entroncando-se em Ponta Grossa com a E. F. Paraná. Em 1909 já se entroncava em Itararé, seu quilômetro zero, em São Paulo, com o ramal de Itararé, da Sorocabana. Ao Sul, atingiu União da Vitória em 1905 e Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, divisa com Santa Catarina, em 1910. Trens de passageiros, inclusive o famoso Trem Internacional São Paulo-Montevideo, este entre 1943 e 1954, passaram anos por sua linha. Os últimos trens de passageiros, já trens mistos, passaram na região de Ponta Grossa em 1983. Em 1994, o trecho Itararé-Jaguariaíva foi erradicado. Em 1995, o trecho Engenheiro Gutierrez-Porto União também o foi. O trecho Porto União-Marcelino Ramos somente é utilizado hoje eventualmente por trens turísticos de periodicidade irregular e trens de capina da ALL. O trecho Jaguariaíva-Eng. Gutierrez ainda tem movimento de cargueiros da ALL²⁹.

O mesmo documento apresenta alguns detalhes relativos à estação de Rebouças. Foi inaugurada no ano de 1900,

[...] com o nome de Antônio Rebouças, engenheiro que trabalhou em diversas ferrovias no País, como a Sorocabana, RVPSC e a Cia. Paulista. Nos anos 40, teve o nome simplificado para Rebouças. ‘A cidade de Rebouças se formou pelo agrupamento de pessoas ao redor da estação

²⁸ Uma vez efetuadas as necessárias mudanças.

²⁹ <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/reboucas.htm>. Último acesso em 08/12/16.

quando da construção da SPRG. Nos relatórios da RVPSC é informada como data de inauguração da estação o dia 01/05/1900, mas já vi um relato da época que informa que um trem inaugural passou por lá em 17/11/1899, inaugurando também a estação de Irati e outras no caminho para Ponta Grossa.³⁰

Giesbrecht, o alimentador do blog, baseado em Luciano Pavloski escreve que Rebouças foi uma cidade movimentada

[...] nos áureos tempos da ferrovia. A extração de madeira (araucária) e erva mate foram seus principais meios de renda e existia lá uma grande vila ferroviária, muitas serrarias, alguns hotéis e movimento constante de viajantes que percorriam o trajeto vindos do Sul ou do Norte. A praça em frente foi por muito tempo um grande pátio onde se acumulavam pilhas de toras para embarque nos trens. Uma senhora conhecida de minha família e já falecida possuiu um hotel em frente à estação e ouvia a reclamação dos hóspedes, que eram obrigados a cruzar a praça ziguezagueando entre toras gigantescas de imbuia e araucária para chegar à estação. Com o fim da madeira e do mate [...] os ferroviários sumiram [...] e, finalmente, em janeiro de 1989, a estação foi desativada.³¹

Na época em que Albino fez o relato talvez nem fosse previsível aos moradores locais o desfecho que teria a indústria madeireira e as consequências que tal história do ambiente trariam para a região. Pelo menos neste relato, não há menção respectiva a este tema e ao que parece nem era uma preocupação considerável por parte dos técnicos da ACARPA. Mas em relação ao comércio, foram coletadas³² até imagens como esta captada no armazém de Hipólito Dopiralski, no ano de 1950. Pode-se dizer que retrata parte do cotidiano de um estabelecimento comercial reboucense. Por intermédio da fotografia podemos, num primeiro momento, evidenciar a prática do comércio. Um segundo olhar, poderia revelar outros aspectos como: o trabalho familiar e infantil, as sociabilidades, a alimentação, as vestimentas, os costumes, etc. Uma observação ainda mais acurada, valendo-se de fontes complementares, poderia conduzir-nos a uma análise sobre outras variáveis não evidentes na imagem, tais como a forma de organizar os produtos nas prateleiras, o modo postar o balcão que ao mesmo tempo é uma vitrine.

³⁰ Idem.

³¹ <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/reboucas.htm>. Último acesso em 08/12/16.

³² As imagens as quais nos referimos foram fotografadas por moradores locais. Parte delas, cerca de três mil fotografias foram coletadas pelo senhor Ermínio Moreira Machado, proprietário da lotérica Rebouças.

Figura 2: Loja em Rebouças, 1950.



Fonte: Ermínio Moreira Machado.

Além do comércio interno, havia um comércio externo baseado na venda de madeira, de produtos agrícolas e de erva mate (PADIS *apud* CHANG, 1988, p. 51). Albino descreve que “em relação aos comércios vizinhos, o de Rebouças é melhor em consequência da sua boa produção e muito tem contribuído para a boa situação da economia do estado visto ser um dos maiores exportadores de erva mate”³³.

Pode-se dizer que, mais que outros setores, as instâncias governamentais prestavam atenção na cultura da erva mate, considerada como atividade de destaque na economia reboucense. De acordo com a ACARPA, em pelo menos 6.278 hectares eram encontradas árvores dessas. Entretanto, todos os pés de erva mate existentes no município, segundo esta mesma fonte, eram provenientes de ervais nativos. Como as terras de ervais eram internas ao sistema faxinal, todos os territórios em que se concentravam as plantas de *Ilex paraguayensis* se encontravam distribuídos por entre matas e pastos.

Este ponto merece destaque porque, segundo Chang (1988), nesta região foi inventado um sistema econômico chamado Caíva. Por conta dos ervais nativos, diz a autora, a economia regional e até estadual apoiava-se neste regime. À atividade sazonal da exploração da erva era associada à prática da policultura alimentar e da criação animal doméstica. (CHANG, 1988, p. 36). Diz que desde pelo menos o final do século XIX, e mesmo com a chegada dos imigrantes

³³ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p

ditos escravos, tal paisagem definiu um quadro “mais nítido quanto ao uso da terra”. Assim,

[...] as terras onde se encontravam as maiores concentrações de ervateiras teriam que ser preservadas e reservadas para a extração. As lavouras conseqüentemente eram abertas em terras que não apresentavam ervais. Era uma questão de bom senso que todos sabiam se orientar. Portanto, os matos que os colonos derrubaram para a agricultura também não eram terras de mate, pois muitos deles já eram donos de pequenos ervais que lhes auferiam certa renda. Derrubar o mate para plantar significava destruir uma fonte de renda mais fácil e mais garantida. (CHANG, 1988, p. 36).

Então, seria mais sensato se utilizar da ordem natural buscando o melhor aproveitamento da terra. A prática local apresentava-se como a melhor opção.

[...] as matas limpas, onde se desenvolvia o mate, servia (sic.) de ótimo meio natural para a criação de pequenos animais, principalmente os suínos. Estas matas eram compostas de ervateiras, intercaladas com pinheiros e algumas madeiras de lei, frutíferas silvestres e coberta por gramínea rasteira. Esta composição de vegetação é localmente conhecida por ‘caíva’. A utilização das caívas para a criação era favorecida devido à dois fatores: primeiro, a vegetação não muito densa das caívas, em parte natural e em parte resultante da roçada dos ervais, permitia a andança da criação sem muita dificuldade; segundo, o próprio pastejo dos animais dentro dos ervais diminuía o trabalho da roçada da própria erva mate. Em decorrência dessas condições naturais e econômicas, muitos produtores consorciavam a exploração do mate com a exploração pecuária, ajudando na manutenção e aumentando o aproveitamento da área. (CHANG, 1988, P.37)

A técnica da caíva deve ter chamado a atenção dos funcionários da ACARPA por ser uma atividade agrícola consorciada praticada como que por intuição, ou por intermédio do que chamamos atualmente de saberes populares. Do total de propriedades existentes na área rural, em pelo menos 344, ou seja, 32,5 % delas era explorada a erva mate³⁴. A tabela abaixo apresenta uma esquematização do quadro geral da produção de erva mate no ano de 1967.

Tabela 3: Realidade Rural de Rebouças - Quadro da produção de erva mate (1967)

PRODUTORES	ÁREA EM HÁ	PRODUTIVIDADE HA - 3 ANOS	PRODUÇÃO MÉDIA ARROBAS	VALOR DA PRODUÇÃO	VENDEDORES	PREÇO DA ARROBA	PRODUÇÃO VENDIDA
32,5% OU 344	6.278	40	83.706	188.338,5	75% OU 250	2,25	62.779,5

Fonte: ACARPA, 1967

A comercialização desse produto ocorria de duas formas: a entrega na Cooperativa ou

³⁴ Relatório Realidade Rural de Rebouças 1967/1968, p. 9

a venda no comércio local. O município contava com uma Cooperativa do Mate. Dos 344 proprietários que exploravam erva mate, 305 eram cooperados. Entretanto, desse total, apenas 48% dos produtores, entregavam erva para a Cooperativa. E, mesmo os que entregavam, não levavam toda a produção. Um exemplo disso pode ser observado a partir da análise dos dados referente ao ano de 1967. De um total de 62.779,50 arrobas comercializadas no município, a cooperativa recebeu apenas as 16.255 arrobas. A maioria da produção daquele ano foi vendida aos comerciantes locais.

O motivo da venda no comércio local, residia no fato de que a Cooperativa geralmente demorava para efetuar o pagamento do produto. Como muitos ervateiros tinham urgência no dinheiro e não se sentiam atraídos pelas propostas cooperativistas, entregavam a erva mate onde lhes era mais conveniente.

A urgência na entrega, tanto dos produtos agrícolas como dos produtos oriundos do extrativismo da erva mate, pode estar ligada às necessidades imediatas dos agricultores e agricultoras. As demandas familiares certamente pesavam nesse fator porque, segundo o levantamento da ACARPA, na Rebouças da década de 1960, 45% das famílias eram compostas por 6 a 8 pessoas³⁵.

Albino refere-se à prática da caíva, mas sem nomeá-la. Escreveu que a pecuária seria uma espécie de atividade complementar na área por ele descrita:

[...] a criação não ocupa lugar de destaque entre as atividades econômicas do município. Muito embora existam em Rebouças, algumas áreas com pastagens apropriadas. A criação de seus rebanhos são pequenos, bastando unicamente ao consumo da zona sendo inexpressiva a exportação [...] Existe, no município, várias espécies de rebanhos: suínos, equinos, bovinos, procurados por quase todos os lavoristas mas assim mesmo, é muito pequena, não dando nem para o comércio de Rebouças, devendo os açougueiros buscar gado dos fazendeiros vizinhos [...] a criação de caprinos é grande auxiliando no comércio da carne [...] Por outro lado, não tem, até o momento, a pecuária assistência como: ensinamentos e orientação adequados aos criadores, recursos para combater as pragas que combatem os rebanhos e bons produtores para a melhoria. Para atender essas necessidades existe um posto de monta onde se encontra um cavalo puro sangue inglês, um touro holandês, um suíno e um muar [...] A indústria de criação de animal são o que chamamos de curtume, fazem o aproveitamento da pele dos animais depois de curtido são transformados em calçados, arreios, selas, e outras coisas de grande utilidade. Os principais criadores de Rebouças são os filhos do senhor Emilio Ribas Andrade que no ano de 1950 possuía 100 suínos, 120 bovinos e 80 equinos³⁶.

Nota-se que o percurso de nosso personagem nos leva a perceber que todos os rebanhos são de diferentes espécies, são considerados como pequenos tanto suínos quanto bovinos e

³⁵ Idem. p. 46

³⁶ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p.

ovinos. O único rebanho posto em destaque é o caprino, considerado como grande que auxilia o abastecimento de carne (bovina e suína, talvez). Nesse sentido o cabrito pode ser considerado mesmo como ‘bicho da caíva’, por sua disseminação no local. A passagem pela estação de monta é muito ilustrativa nesse tour, porque nos permite vislumbrar que tipo de animais a população estava interessada em reproduzir naquela década de 1950, em Rebouças. Em primeiro lugar, trata-se de animais de raça porque se pretende a melhoria do plantel. Temos um cavalo de raça inglesa, um biótipo não apropriado à lida no campo e sim para o esporte das corridas de cavalo. Pode ser aproveitado para a montaria e para veículos de transporte rápido. Se o objetivo fosse o trabalho pesado, certamente a raça escolhida seria a Bretã ou similar. Havia, lá também, escreveu Albino, um muar (jumento), evidentemente para a reprodução de burros e mulas, o que, de certa forma poderia compensar a deficiência na tração animal. Mas, como vimos, já se vendiam pequenos tratores ali. O comércio de animais de aptidão exclusiva para a tração estaria em baixa.

A presença de um reprodutor bovino da raça holandesa indica que não era, necessariamente, um projeto que os açougueiros parassem de ‘buscar gado dos fazendeiros vizinhos’. O gado bovino desta raça tem aptidão para a produção leiteira e não de carne. Se a proposta fosse atender essa demanda indicada por Albino pelo menos para reprodutor deveria ser de uma raça de dupla aptidão (carne/leite). Há um suíno para compensar este ponto, mas a falta de um caprino indica que não estava em pauta o melhoramento da produção deste tipo de animais. Talvez se pensasse ser essa uma criação não vantajosa, ou mesmo coisa das camadas populares mais pobres. Gente de faxinal, bicho de caíva.

A descrição feita pela ACARPA, dez anos mais tarde, como que repete o quadro relativo à pecuária: tratava-se de uma atividade complementar. O relato, no entanto, é detalhado, matematizado, ‘percentualizado’. Podemos dizer que o percurso dos técnicos é acompanhado por procedimentos analíticos. Há uma diferença em dizer que um lugar é longe do outro e precisar que o percurso entre estes dois pontos é de tantos quilômetros, por exemplo. Nesse caso o trajeto pode ser calculado e outros cálculos podem ser feitos com base nele. O mapa se torna mensurado. Albino escreveu que os gados eram poucos, que a pecuária era pouco desenvolvida. Os técnicos apontaram que

[...] ela correspondia a 19,77% da produção rural. Embora 50% das propriedades possuíssem bovinos, apenas uma minoria considerava essa criação como a principal fonte de renda da família. A maioria a utilizavam como uma forma de custeio caseiro, para obtenção de leite e seus derivados

e para a obtenção da carne³⁷.

A técnica utilizada, então, continuava sendo a da caíva, mas também as aves poderiam circular por estes espaços com a ressalva de que podem transpor com muito mais facilidade as cercas que protegem as lavouras. Dessa forma, na década de 1950, em Rebouças, a avicultura

[...] é praticada por quase todos os colonos da região que possuem, nos quintais, galinheiros centenas de aves para venda aos negociantes da sede, ou para consumo próprio da carne e ovos. Encontram-se também no município criação de gansos, marrecos e patos³⁸.

Então, assim como que somos conduzidos para o espaço do quintal. Era, segundo Albino, dividido em duas partes: uma destinada à horta, onde se plantavam diversas verduras e legumes; a outra era usada para a criação de aves domésticas.

A gente da ACARPA também nos leva às hortas dos reboucenses. Os produtos ali cultivados são apresentados em forma de porcentagem, ou seja, o número de famílias que cultivam tais produtos.

Tabela 4: Realidade Rural de Rebouças - Produção de verduras e legumes

VERDURAS/LEGUMES	% DE FAMÍLIAS PRODUTORAS QUE POSSUE
ALFACE	76,50%
COUVE	72,30%
REPOLHO	67,00%
CENOURA	41,40%
BETERRABA	28,70%
TOMATE	19,10%
ERVILHA	18,00%

Fonte: ACARPA, 1967/68

No espaço do quintal, destinado à criação de aves domésticas, havia uma predominância de galináceas. Patos, marrecos e outras aves, eram criados em menor proporção. Pode-se inferir com base nos dados que a maioria das famílias reboucenses se utilizavam de aves para a alimentação, das quais se extraía a carne e os ovos.

³⁷ Relatório Realidade Rural de Rebouças 1967/1968, p. 38.

³⁸ Histórico do município de Rebouças escrito pelo Albino Gonçalves no ano de 1950, s/p.

Tabela 5: Realidade Rural de Rebouças - produção/consumo de carne e ovos

CARNES DE AVES		OVOS	
% PRODUTORES E CONSUMIDORES	QUANTIDADE MÉDIA P/FAMÍLIA P/ANO	% PRODUTORES E CONSUMIDORES	QUANTIDADE MÉDIA P/FAMÍLIA P/ANO
94,87 %	61 KG	94.23%	104,7 DÚZIAS

Fonte: ACARPA, 1967/68

O percurso que fizemos com Albino nos propiciou uma mirada panorâmica do espaço praticado na Rebouças da década de 1950. Nos levou para as roças e as caívas, as estradas rurais e o centro, as casas de comércio e à estação de trem, às bodegas e à estação de monta, aos quintais e aos açougues. Os técnicos da ACARPA, também se tornaram nossa “metáfora”, mas num deslocamento que se realizou dez anos depois e acompanhado da monótona melodia da quantificação.

Considera-se que o município tem uma área rural de 41.536,68 hectares, mas estes percursos nos permitem ver o quanto tal perspectiva de oposição entre o rural e o urbano é artificial. No espaço praticado estas duas categorias se interpenetram o tempo todo, sendo, por vezes, impossível perceber claramente as fronteiras.

O percurso de Albino evidencia coisas que estão para além dos números, da delimitação geográfica, das porcentagens e assim por diante. Ali, existem pessoas que se relacionam com o espaço de um modo específico. Não era um espaço vazio, era um espaço habitado e vivido. Ali, encontramos pessoas exercendo a prática da agricultura, da pecuária, do extrativismo, do comércio, da criação de animais, entre outras. Naquela época, no deslocamento do relato, verificamos um povo que interagiu de um modo específico com o ambiente.

Nessa perspectiva, o rural é entendido como uma construção que não se restringe a uma delimitação geopolítica. Trata-se de uma construção que se edifica e se torna complexa mediante a ação do homem. Ao existir, os indivíduos se inserem numa extensa teia de relações que ultrapassam as fronteiras territoriais e os limites geográficos.

Assim, o agricultor ao comercializar seus produtos na cidade, em locais específicos, faz desses espaços uma extensão do ambiente rural. Quando identificamos nos relatos de Albino a existência de uma Casa Rural na área urbana, que atendia às especificidades do homem do campo, verificamos uma extensão do rural na cidade. De igual forma, quando observamos a existência de um Posto de monta, na cidade, destinado à melhoria genética dos animais, constatamos a ampliação da área rural. Tudo isso, fortalece a noção de que neste estudo, o rural é composto por fronteiras móveis e permeáveis.

Podemos dizer com Certeau (1998, p. 202) que “[...] o espaço é o lugar praticado”.

Assim, o agricultor, ao plantar sua roça ou cultivar o seu quintal, faz desse espaço um lugar praticado. Quando, ao sair pela rua, oferecia seus produtos de casa em casa, fazia da rua um lugar praticado. Por outro lado, o comerciante fixo ao delimitar o espaço para a venda dos seus produtos, fazia desse espaço um lugar praticado. Portanto, o trabalho, o comércio, o lucro, o prejuízo, as relações interpessoais que se estabeleciam nos diferentes espaços, emergem como expressão de um lugar que é praticado. São práticas que se tornam relatos, números, estatísticas, textos e escritos. Então, todo relato é um relato de viagem - uma prática do espaço.

1.3 – Relato em verso: décimas de trabalho e lazer

Dissemos, num primeiro momento, que Albino Gonçalves escrevia sobre uma região e que abrangia o município de Rebouças. Enfatizamos os lugares praticados na perspectiva do observador que olha e relata. Cotejamos o relato e a enquete estatística, esta como prática dos sujeitos situada no ambiente que os cerca. Contudo, Certeau (1998, p. 46) sublinha que “[...] a enquete estatística só encontra o homogêneo. Ela produz o sistema ao qual pertence e deixa fora de seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõe o “patchworks” do cotidiano. ” Trata-se, portanto, de uma “[...] produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular [...]” (CERTEAU, 1998, p. 39).

Mas há outra forma de narrativa outra produção, qualificada de

[...] consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1998, p. 39).

Algumas leituras que Albino fazia desta ordem maior era em linguagem poética. Então, ao cotejarmos os escritos dos técnicos da ACARPA aos relatos, dizemos que podem ser comparados a uma produção racionalizada, por conta da ‘matematização da realidade’ e das análises que se vai elaborando ao longo do percurso. Mas não se trata de dizer que os textos de Albino representassem um tipo de consumo do material da Associação, o que poderia constituir um anacronismo.

A ideia aqui é classificar melhor os relatos do professor/benzedor como uma produção/consumo, astuciosa, dispersa, silenciosa e invisível que emprega, a sua maneira, os produtos impostos por uma ordem dominante. Essa maneira própria está na liberdade de

passar das ‘proseadas’ ao versejar. Por intermédio dessa modalidade, o personagem estabelece uma teia de relações que perpassam os ambientes e os lugares praticados, tanto no município de Rebouças quanto de municípios vizinhos. Ao utilizar essa forma de escrita e comunicação, Albino consegue se inserir na dinâmica do dia a dia, adentrar no cotidiano das pessoas, interagir com os seus iguais e, em conjunto com eles, exprimir um “olhar de dentro”. Um olhar atento aos detalhes, às alegrias e aos dissabores das populações locais na década de 1950.

Essa parte do relato/percurso foi registrada em textos escritos denominados de “décimas”. Consistia em narrar um acontecimento ou situações cotidianas por meio de versos rimados. Sautchuk (2009, p. 31) esclarece que os textos em formato de décimas, podem ter 7, 10 ou 11 sílabas e vários versos. Conforme sua estrutura, as décimas apresentam uma sequência de rimas ABBAACCDDC³⁹.

Entretanto, os documentos encontrados, não evidenciam uma estrutura única e nem um rigor quanto à sequência de rimas. A maioria foram classificados como décimas, mas também, foram identificadas “quadras” ou “quadrinhas”. Os textos apresentam composições mistas ou misturadas. Identificamos combinações no formato ABCBDB, ABCBDDDB e outras sem esquemas fixos. As quadras ou quadrinhas seguiam esquemas de rimas alternadas ou emparelhadas e eram escritas no modelo ABAB ou AABB⁴⁰.

Albino deixou vários destes documentos produzidos entre os anos de 1920 a 1967, parte de autoria dele e parte de autoria de terceiros, que serão agora, os seus interlocutores neste percurso. Podemos nos dar esta liberdade sem fugir ao tema porque nosso objetivo não é, desde o começo, biografar o professor Albino. Sautchuk (2009, p. 31) esclarece que essa modalidade poética era (e continua sendo) muito utilizada na região Nordeste do Brasil. Mas podemos dizer que no espaço praticado aqui em discussão, a julgar pela quantidade de material juntado por uma única pessoa (mais de cem décimas em pouco mais de quarenta anos) a produtividade é relevante. Ocorre que, na região nordeste, os versos são elaborados e cantados no repente.

Aqui, os textos poderiam ser cantados e/ou declamados, aspecto detectado por Nerone

³⁹ De acordo com SAUTCHUK (2009), no exemplo citado, verifica-se a sequência de rimas. Nesse caso, a primeira a quarta e quinta linha, rimam entre si. A segunda e a terceira, também rimam entre si e, assim, sucessivamente.

⁴⁰ As combinações explicitadas no texto se referem a classificação quanto a posição na estrofe. De acordo com os exemplos colocados no texto a combinação ABCBDB significa que a segunda, quarta e sexta linha rimam entre si ao passo que a primeira, terceira e quinta linha não rimam com nenhuma outra linha do texto. As rimas apresentam, ainda, classificações quanto a fonética, quanto ao valor, quanto acentuação e quanto a posição no verso. Uma vez que a maioria das décimas foram escritas por pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade não é possível analisá-las sob todos esses aspectos mencionados.

(1998, p. 99) que ao estudar a história faxinalense a partir do Marmeleiro de Baixo – Rebouças – PR escreveu serem tais textos “[...] declamados ao redor do fogo durante as rodas amigos que se reuniam nas cozinhas de chão”. Note-se que este faxinal é o mesmo em que Albino terminou seus dias, entre outras coisas, rezando e fazendo versos.

Esse recurso narrativo talvez tenha sido muito mais utilizado do que se sabe em relação à região Sul do Brasil. Trata-se de um tema a investigar, pois de acordo com Semianko (2013, p. 25), a utilização de décimas como forma de expressão era bem difundida na região do Contestado.

[...] Vemos serem mencionadas como décimas as produções do Contestado, mas algumas são classificadas como “Quadras” ou “quadrinhas”, pois possuem quatro versos caracterizados pela concisão, ligeireza, condensação do pensamento poético, típico da poesia popular. As quadras foram cultivadas por longo tempo”.

Nerone (2015, p. 70) escreveu que:

[...] a Guerra do Contestado, ocorrida entre o Paraná e Santa Catarina nos anos de 1912 a 1916, no primeiro período republicano, também pode ter sido responsável pela dispersão e conseqüente fixação de moradores em Marmeleiro e, talvez, em outros locais do município, visto que União da Vitória, que sediou grande parte do conflito, localiza-se próxima ao município de Rebouças.

Föetsch (2014, p. 113) estudando a territorialidade dos faxinais diz que

Ficam visíveis neste cenário duas frentes: a primeira, constituída pela sociedade cabocla já existente que mantinha a preservação de seu território e se destacava pelas formas tradicionais de uso do mesmo e, a segunda, marcada pela atuação de companhias colonizadoras (com o amparo do poder político e econômico) que visavam ignorar o território existente e construir um novo território com a contribuição da imigração [...] Por outro lado, como destaca Chang (1988) os movimentos imigratórios do século XIX e início do século XX [...] Assim sendo, em alguns lugares a fundação das colônias imigrantes ocorreu de uma maneira mais tranquila, entretanto, em outros espaços, como no caso da região do Contestado, o embate entre caboclos e imigrantes é mais nítido. Porém, a discussão quanto à presença de caboclos e imigrantes deve ter como foco os atores sociais que dão vida ao Sistema Faxinal e, neste sentido, de fato existem no Paraná faxinais caboclos, faxinais imigrantes e faxinais que mesclam esses dois atores. Dessa maneira, acredita-se que estes dois atores sociais, no decorrer do tempo, mesclaram suas tradições, costumes e formas de ocupar o território também no caso dos Faxinais a ponto de serem considerados um elemento regional de importância para caracterizar o Sistema.

O caboclo dessa região é associado aos remanescentes da guerra do contestado. Föestsch (2014, p. 108ss) mesmo o faz, argumentando que os atores sociais da territorialidade faxinalense são os imigrantes e os tais caboclos donde se poderia auferir que a prática de narrar em décimas teria derivado daí. Este (que não passaria de uma busca da origem) poderia ser outro tema a investigar: a linhagem cabocla dos reboucenses e das décimas. Particularmente, em relação a esta forma de poesia, isso nos levaria a outra indagação: qual a origem das décimas do Contestado? E outra... Enfim...O dado é que Albino veio de São Luiz do Purunã, por assim dizer, fora da região contestada. Gostava desse tipo de relato e juntou décimas de poetas de vários outros municípios.

Ele, além de escrever, era um disseminador dessa modalidade de escrita, uma espécie de promotor desses relatos, como se depreende de um texto que lhe foi endereçado juntamente com uma das décimas que fazem parte da coleção. Arthur Ribeiro da Silva, morador da localidade de Pântano Preto – Rebouças/PR, na década de 1960, escreveu o seguinte: “Seu Albino, vou lhe mandar a décima, mas o senhor não me caçoe, porque é a primeira que eu fiz, ficou malfeita, porque eu fiz numa hora de serviço” – Recado de seu amigo, Arthur Ribeiro da Silva – Pântano Preto, 11/05/63⁴¹.

O recado/bilhete de Arthur nos permite inferir certa pujança dessa ‘arte de fazer’ relatos em versos, na década de 1960, nesse espaço praticado que é a região em estudo. Pode-se perceber até uma hierarquia de saber popular uma vez que existe o iniciante: foi a primeira décima de Arthur; existe o crítico: o seu Albino é um deles. Existe uma fórmula para fazer a crítica: a caçoadá. Então, pressupomos que os textos arquivados passaram nessa prova.

Numa primeira aproximação, o material recolhido pelo crítico de Rebouças versa sobre a vida camponesa, as práticas de trabalho, o dia a dia, as festas, a política, etc. As narrativas evidenciam o espaço praticado em forma de consumo e conferem aos “artistas”, um lugar de releitura e re-apropriação de uma ordem maior.

Tais relatos nos fazem deslocar no espaço das relações de trabalho no âmbito da agricultura. É nesse ambiente que essas pessoas desenvolvem boa parte de suas atividades. Albino dizia, em seu relato inicial que, mais do que uma condição acidental, o espaço agrícola é essencial ao ‘homem da roça’. Ele emerge como instrumento natural de subsistência e se impõe oferecendo condições para a produção. No seu relacionamento com a terra os agricultores utilizam-se de técnicas e de práticas, individuais ou coletivas.

Conforme Santos (2006, p. 48),

⁴¹ A décima do Baile no Pântano Preto. Autor: Arthur Ribeiro da Silva em 11/05/1963. Disponível no CEDOC/I.

[...] a técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento de sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas) que permitiram a chegada desses objetos e presidiram sua operação.

Mas na visão certoniana, à essa técnica imposta como “[...] uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de consumo” (CERTEAU, 1998, p. 39). De igual forma, a apropriação é prática histórica e culturalmente constituída. Emergem como resultado das condições impostas. Podem variar de acordo com a temporalidade, com os lugares e com os costumes de um determinado grupo social.

Entre as diversas apropriações feitas pelos agricultores dos faxinais, destacamos o “puxirão” ou “pixirão” conforme definiam alguns praticantes. O puxirão é uma espécie de evento coletivo que se caracteriza pela ajuda mútua entre os agricultores nas diferentes etapas do trabalho na lavoura. Nerone (2015, p. 120), descreveu-os como uma prática bastante utilizada pelos faxinalenses. A autora atesta que,

A organização do puxirão aliava-se à necessidade individual. Quando o tempo de semear estava passando, ou *a roça estava no mato*, ou *a colheita passou da hora*, solicitava-se o auxílio do grupo através de um convite verbal, que geralmente era chamado de *incunvite*. Só ficava fora quem tinha malquerença com aquele que solicitava ajuda. Quem recebia o convite devia aceitá-lo, porque negar a ajuda solicitada teria o seu preço, viria a resposta quando chegasse a sua vez, ou então o indivíduo que a recusou ficaria marginalizado pelo grupo.

Esse tipo de re-apropriação das lógicas de trabalho individual, pode-se dizer, estava presente desde o contexto de formação do município de Rebouças e teria sido utilizado até meados dos anos de 1970. A partir daí, com o aumento da mecanização, os puxirões foram diminuindo pois passaram a perder o sentido, como é evidente, não por conta da lógica predominantemente abolir o coletivismo. Mas em certo sentido, se todos têm acesso aos meios mecânicos de explorar a natureza, ninguém é mais necessitado que ninguém. O consumo será, então, de outra ordem.

Albino guardou uma décima feita por Manuel Ramos Neto, um relato (para nós), que descreve um puxirão realizado na localidade de Riozinho dos Santos, município de Rebouças. Por intermédio do texto relato, podemos percorrer esse espaço praticado que inclui a roça, a casa do anfitrião e os caminhos por onde os participantes transitaram para ali chegar. Podemos

perceber lances de sociabilidades, contar o número de participantes, nos aproximar da alimentação, do seu preparo e de seu consumo. Pessoas de diferentes idades poderiam participar dos eventos, inclusive crianças. O cotidiano desses sujeitos nos é apresentado nessa viagem ritmada. O título do texto é “O pixirão de Joaquim Ramos”⁴². Dele manteremos a escrita, fazendo citações de algumas partes referenciando por estrofe.

A narrativa começa com saudação ao anfitrião, à família e ao povo do Riozinho dos Santos, bem como com um elogio por conta do “lindo pixirão” que se realizou em dezessete de dezembro, mas sem precisar o ano. A partir da terceira estrofe, nota-se a estrutura desse pixirão: antes de tudo “O cortejo parissia/Se entende por assenho”(Estrofe 7) é um grupo de pessoas caminhando para o local do Puxirão. Na propriedade do anfitrião, a casa e a tarefa na roça. Em termos de funções: temos os ‘enxadeiros’ (estrofe 3), as pessoas que vão fazer o trabalho braçal na roça, a limpeza, a carpina, etc. Além desses, os fazedores de boia (Estrofe 5), que na narrativa, eram as pessoas que não trabalharam: “Para os que não trabalharam/Porém a bóia fazia/Alguns quis ir na roça/Mas o patrão não queria”, isto é, as atividades da cozinha não são consideradas como trabalho. O dono da casa é o patrão que convida para o Puxirão e incita ao trabalho “Pra cima uma quarta⁴³ e meia/Vamos tirar o capão” (Estrofe 12). Além de prover a alimentação para todos, “Saí agradecer o povo/O patrão com a mulher/Com garrafas de cachaça/E barde⁴⁴ de capilé⁴⁵” (Estrofe 14). Além do patrão e da mulher, um encarregado de distribuir cigarros e água para todos. (Estrofe 2) Havia dois contra cortes “O senhor Lindolfo Cordeiro/ E nhô Manuel Filadérfo”, eram as pessoas encarregadas de dar direção aos demais enxadeiros (Estrofe 11). O Puxirão dura um dia, normalmente, mas existem os que chegam no dia anterior e também alguém que prepara o chimarrão (Estrofes 19 e 21). O puxirão tem uma estrutura de gênero, nesta época: as mulheres trabalham separadas dos homens, elas na esquerda e eles na direita, da mesma forma que se praticava no interior dos templos católicos antes do Concílio Vaticano II, isto é, da década de 1960. Atualmente, algumas igrejas adotam tal prática sob o pretexto de melhorar a concentração dos fiéis, o que também podia ser uma razão nos puxirões: para evitar dispersões.

O artifício do puxirão era utilizado por pessoas de diferentes níveis econômicos. Nessa prática, não se utilizava a moeda como forma de pagamento. A recompensa se limitava à comida e ao fortalecimento das relações comunitárias. Entretanto, o espírito solidário não escondia as necessidades materiais pelas quais os indivíduos de baixa renda passavam.

⁴² Décima: O pixirão do Joaquim Ramos. Anexo 1.

⁴³ A quarta parte de um alqueire.

⁴⁴ Balde.

⁴⁵ Calda adocicada à base xarope de avenca.

Adil Gomes Rodrigues, morador do Faxinal dos Marmeleiros entre os anos de 1950 a 1980, relatou que não somente nos puxirões, mas também no trabalho cotidiano, eram utilizados pagamentos alternativos. Segundo ele, muitas famílias não dispunham de dinheiro em espécie. Quando precisavam realizar algum serviço, pagavam com alimentos, roupas ou algum objeto disponível. Ele mesmo, teria trabalhado nessas condições.

[...] antigamente era diferente. Tinha patrão que prometia, *de tarde eu vou te pagar*. Quando chegava à tarde, fazia o trabalho que o patrão tinha pedido – *olha, eu não tenho dinheiro para te pagar. Eu vou te dar um objeto, comida*. Ali, ele arrumava uma sacola de comida. Ali era um pacotinho de feijão, um pacote de fubá, um pedaço de tocinho, uma latinha de banha, um pacote de quirera, porque nem arroz existia naquela época. E ali, ela pagava o trabalho da gente. A gente levava aquela sacolinha para casa como tinha, graças a Deus, bastante família, ali era 7, 8 ou 9 na casa, então aquela sacolinha era como soltar uma isca num tanque para os peixes comer⁴⁶.

A prática de pagamentos com produtos agrícolas foi relatada em décima por Artur Ribeiro da Silva, morador do faxinal Salto. O texto com o título *Décima do trabalhador e do pagador*,⁴⁷ no põem como que diante desta situação do pagamento de serviços com produtos agrícolas. O autor apresenta as implicações desta prática, tanto para o pagador quanto para o recebedor que, eventualmente, poderiam pertencer à mesma classe social. Nela o trabalhador pede dinheiro em pagamento pelo trabalho, mas recebe milho: (Estrofe 6) “Mas compadre eu não posso/Não sei onde me casso/O senhor vem me apurar/Mas tenho um pouco de milho/Tiro da boca dos filhos/Pro senhor eu vô levar”.

A precariedade de recursos financeiros poderia ser amenizada por outras práticas de caráter comunal. Dentre elas, um sistema informal de trocas de alimentos entre os moradores locais. As trocas consistiam em ‘escambear’ com um vizinho ou parente, algum produto comestível, podendo ser: fruta, sementes, tubérculos, ou até comida pronta. Ao regressar, a “vasilha”⁴⁸ voltava cheia com outro tipo de alimento. A prática estendia-se, também a produtos como carne e seus derivados. Dessa vez é Nerone (2015, p. 120) que serve de condutor para o contato com um abate caseiro de suíno.

[...] toda a vizinhança próxima sabia que alguém matou um porco. Corria a notícia e aguardava-se o presente de um pedaço de carne, chouriço ou toucinho, com o que muitos seriam agraciados. Esse presente seria retribuído quando o recebedor também carneasse um porco. Enfim, a atividade fazia parte de um processo de troca de presentes, importante nas relações sociais

⁴⁶ Entrevista concedida por Adil Gomes a Paulo Gelson Rodrigues na data de 08/05/2016.

⁴⁷ *Décima do trabalhador e do pagador* – Anexo 2.

⁴⁸ Recipiente onde se colocava o produto da troca. Poderia ser uma bacia, um pote, etc.

do grupo.

Há que se considerar, no entanto, que esse não era um alimento indispensável na mesa de um agricultor, principalmente se este fosse de baixa renda. A alimentação da população pobre consistia na utilização de produtos agrícolas de primeira necessidade, entre eles: o feijão, o arroz, o milho e seus derivados. Para muitas famílias de baixa renda, a produção servia basicamente para o consumo, principalmente se considerada a elevada taxa de natalidade entre a população pobre. Os detentores de maior poder aquisitivo poderiam vender um excedente no comércio. Isso, porém, não era garantia de lucro conforme a “Décima do lavorista”⁴⁹ uma ‘passagem’ por um conjunto de enunciados a respeito da agricultura. Pode-se dizer, que fazem parte do mesmo percurso de uma narrativa de estilo dramático incorporado e difundido no âmbito das décimas. O texto exprime um olhar de dentro, sintetizando um discurso de quem e sobre quem atua na agricultura. O tema parece ser as agruras do dia a dia roceiro.

Diz o autor que a vida do agricultor é engraçada, mas “É um serviço tréve/⁵⁰Que nunca é descansado/Trabalha de sol a sol/Para vender não sobra nada/Para lutar com a lavoura/Isto não é brincadeira/Se abaixa de manhã cedo/Isto é de doer a iscadere/⁵¹Comendo sol pelo ombro/Engolindo monte de poeira”⁵². O tema é delimitado para os agricultores que trabalham sem máquinas, ou seja, da agricultura não modernizada. Esses são considerados como gente que vive numa situação precária, num mundo que “[...] Não é bonito se ver/Luta o ano inteiro/Nada pode aparecer/Tira o que é do gasto/E não sobra para vender”⁵³.

Os pequenos agricultores da região talvez tivessem direcionado sua produção para o ramo cerealista. Um dos pontos básicos desta décima que é da década de 1960, um dos aspectos destacados é a comercialização dos produtos. Albino nos havia conduzido a este setor da economia agrícola esboçando imagens de ruas cheias de carroças de reboucenses entregando suas lavouras na cidade. Arthur apresenta um panorama enunciativo de que a terra está produzindo pouco, um sintoma de esgotamento talvez, ou efeito dos discursos do agrobusiness da época, a respeito da necessidade de se aumentar a produtividade agrícola. Então, diz ele, ‘vender não sobra nada’, mais o quadro ainda é pior:

Quando sobra uns cereais/Na cidade vai levar/Chega no comerciante/Pra ele

⁴⁹ Décima do lavorista – Anexo 3.

⁵⁰ Terrível.

⁵¹ Coluna vertebral.

⁵² Décima do lavorista. Estrofes 1 e 2.

⁵³ Idem. Estrofe 3.

vai ofertar/Desse temos bastante/Feijão não vamos comprar/ Se bate em toda a cidade/Nem preço não pode achar/Pensando no seu feijão/De volta tem que arrastar/Dizendo que neste ano/Feijão não quero plantar/ [...] Não podendo vender os cereais/Só fica prá carunchar/ É duro carregar os carros/E na cidade ir vender/E vende tudo barato/Pra de volta não trazer/Se aborrece da plantação/Pro ano não quer saber⁵⁴.

Pode-se pensar que a superprodução de feijão retratada na décima esteja ligada a uma crise da erva mate, expressa na relação dos produtores locais com a cooperativa do Mate. Como vimos anteriormente, no final da década de 1960, de um total de 62.779,50 arrobas comercializadas no município, a cooperativa recebeu apenas as 16.255. A maioria da produção foi vendida a outros comerciantes.

Na décima há como que algumas apresentações de solução para este problema: chegar a uma situação oposta à de quem “Quem trabalha sem máquina”, coisa bonita de se ver, então. Ou ser igual ao trabalhador da cidade, que é operário e “Operário está na glória/Se ele souber se cuidar/Cuidando bem do serviço/Para não desempregar/Se sair do seu emprego/Com nós tem que lutar”⁵⁵. Trata-se de uma menção ao êxodo rural, particularmente forte neste período. E, por fim, dizer ao governador que “[...] O lavourista está tomado⁵⁶/Pelo jeito que estou vendo/Nós estamos comprado/⁵⁷A lavoura não dá nada /Para ser recompensado/Eu vou contar para o senhor/Como é que o pobre trabalha/Luta a semana inteira/Nem domingo não tem falha/O rancho é de taquaróva/⁵⁸Nem os filhos não agasalha”⁵⁹.

Na década de 1960, conforme a décima do lavorista o agricultor de subsistência vive pechinchando no mercado: “Ele vai só para a cidade/Para a economia vai só/Ele pechincha o que pode/E fica naquele só/Compra de tudo um pouquinho/E não sobra para o paletó”⁶⁰. Essas décimas apresentam outros aspectos, tais como as relações que o faxinalense, o agricultor da região estabelece com os animais, domésticos e selvagens. Mais imediatas são as ações relativas aos cuidados domésticos com boi, a galinha, o pato, o cabrito, o porco, a ovelha, etc., que eram os principais animais utilizados para a alimentação. Adil Gomes⁶¹ falou de outra ordem de relações que complementavam esse grupo que eram os animais silvestres tais como: a paca, o tatu, o ouriço, o lagarto, a lebre, o veado, a lontra e aves em geral, existentes na região. Esses eram abatidos por meio da caça que também era uma espécie de diversão, o que

⁵⁴ Décima do lavorista. Anexo 3.

⁵⁵ Décima do lavorista. Anexo 3. Estrofe 6.

⁵⁶ Dominado.

⁵⁷ Escravizado, enganado.

⁵⁸ O mesmo que Taquariva: muita taquara.

⁵⁹ Décima do lavorista. Estrofe 13.

⁶⁰ Idem. Estrofe 15.

⁶¹ Entrevista concedida por Adil Gomes a Paulo Gelson Rodrigues em 08/05/2016.

nos leva a direcionar o percurso para o espaço do lazer evidenciando que a vida do lavorista não era feita somente de agruras. Uma das atividades de lazer eram as carreiras de cavalo.

A relação do homem com o animal era extensiva ao trabalho e para as atividades agrícolas utilizava-se, majoritariamente, o gado equino. Segundo Adil, estes exerciam múltiplas funções na vida do homem da roça. Nos serviços da lavoura, desempenhava o papel de força motriz. Também se constituía num dos principais meios de locomoção, usado para montaria e para o transporte de pequenas cargas. Colocado na carroça, auxiliava no transporte de cereais para um comércio de pequena distância. Poderia, ainda, ser usado para saídas ocasionais, individuais ou coletivas, com fins diversos.

Para Adil, o cavalo, era, também, o companheiro nas horas de lazer. Uma das principais formas de lazer verificadas naquele período era a corrida de cavalos em “canha reta”⁶², para as quais se congregavam um número considerável de pessoas de diferentes idades. As corridas, geralmente, se davam entre dois competidores e aconteciam como forma de diversão ou competição que poderiam até, envolver dinheiro. Nesta última, o público poderia investir algum “trocado” fazendo apostas. As “carreiradas” como eram conhecidas fortaleciam os laços de sociabilidade e os vínculos de amizade. Mas também, poderiam resultar em conflitos generalizados em função dos resultados.

O compositor de décimas Cipriano Alves dos Santos, nos conduz a um desses eventos realizados no faxinal de Salto, município de Rebouças-PR⁶³. O relato destaca uma corrida de cavalos e dá ênfase a um conflito gerado pela discordância quanto ao resultado final. Apesar de ser um evento esportivo e festivo, o fato de envolver dinheiro nas apostas, poderia gerar grandes confusões. Percebe-se também uma organização do evento que, talvez, possa ser considerada como geral: dos dois animais competidores, um é do local em que se realiza a corrida. Nesse caso era a “Nossa veadinha” que “é de primeira”⁶⁴. Existem os que tratam a corrida, ou que fazem o acordo que no caso, dessa “Que assentou a égua veada/Pra correr com a gateada” foi combinada “Entre amizade e carinho”⁶⁵. Havia padrinho e gritador, este considerado como responsável pelo entrevero “O culpado foi nhô Tobias/Da carreira mal gritada/Nhô Alexandre Pires falou/Nhô Chicuta não disse nada/Porque tem plano de padrinho”⁶⁶. É que quando o gritador dá a partida os cavalos precisam estar alinhados para que não haja um privilegiado, exceto se for combinado antes que um deles sai em vantagem

⁶² Dava-se o nome de canha reta à pista de corrida de cavalos construída em linha reta. No município de Rebouças, as pistas poderiam variar de tamanho oscilando entre 100 a 400 m de comprimento.

⁶³ Décima: A veadinha e a gateada na raia do Salto – Anexo 4.

⁶⁴ A carreira da veadinha e da gateada na raia do Salto. Estrofe 12.

⁶⁵ Idem. Estrofe 2.

⁶⁶ Idem, Estrofe 4.

por ser menos favorito.

As carreiras de cavalo, os jogos de futebol, muitas vezes tornavam-se até disputas políticas, o que foi bem forte no período que precedeu o golpe militar de 1964. Conforme Campigoto (2006, p. 20) em estudo sobre a região Oeste de Santa Catarina

A união Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrata (PSD) eram os partidos mais expressivos naquela região. Um jogo qualquer poderia ser considerado uma disputa eleitoral e nem era preciso que os jogadores ou a torcida fossem ligados a um partido. Facilmente identificavam-se os times sendo de uma das facções políticas e isso causava ‘entreveros’ violentos ou trocas de agressões físicas, tanto entre jogadores quanto entre estes e as torcidas.

Embora se tenha um animal “representando o lugar”, haja uma disputa, e um conflito significativo ocorra ali não estamos situados em um ambiente de tensões eleitorais, ao que parece. Mas os faxinalenses ‘lavoristas’ manifestam-se politicamente em suas décimas. Arthur chamou o governador do Paraná para seus versos. O PSD é citado em uma destas peças montadas por Albino. O título, “Outra vez com seu Caetano”⁶⁷. Trata-se de uma espécie de propaganda eleitoral para o candidato a prefeito Caetano e os pretendentes à vereança: “Os candidatos a vereadores/homens nobres pessedistas/São só senhores direitos/Do povo muito benquista/De muitos serem eleitos/É o que nós temos em vista/Para todos saberem em quem vota/Mais adiante eu dou a lista”⁶⁸. Então, Albino apresenta cinco candidatos e cada um deles com uma virtude: Ady é eficiente; Antônio Lopes, expedicionário; Antônio Vieira, compadecido; Atílio, pronto a socorrer; e Frederico, homem bom. O PSD foi legalizado em 1945 e era de tendência getulista; foi extinto em 1964 e parte dele absorvida pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e parte pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A transformação de décima em um veículo de propaganda política é uma prática de consumo, dessas que transforma uma coisa em outra, bem distinta.

Há uma série de aspectos a serem observados, a partir do percurso que fizemos com Albino Gonçalves na condição de escritor e de artista. A primeira delas é que, os faxinalenses emergem como portadores e disseminadores da cultura escrita. Uma escrita com especificidades. Afinal, a criação da imagem poética feita por eles aparece bastante ligada ao regional. O enfoque das narrativas está no vivido e no praticado, mas também, no pensado e no imaginado na vivacidade nos dissabores.

Pode-se dizer que estes escritores/versejadores são praticantes da escrita. Exercitaram

⁶⁷ Décima. Outra vez com seu Caetano. Anexo 5.

⁶⁸ Lista dos candidatos.

dotes de compositor e permitiram, por meio de registros escritos, conhecermos aspectos importantes do cotidiano das pessoas nas décadas de 1950 e 1960. Seus escritos nos mostraram o vivido, o pensado e o imaginado. Revelaram características relacionadas ao trabalho, ao esporte, ao lazer, as sociabilidades, a política, a cultura, etc. Evidenciaram sentimentos de labuta, insatisfação, limitações, privações, mas também, de amizade, companheirismo, união, alegria e diversão. Ao dar musicalidade aos versos, buscaram, também, um reconhecimento enquanto artistas. Em síntese, os escritores, os poetas e os artistas do faxinal são para si, mas também, para os “outros”. A arte e o artista só se tornam plenos pela visibilidade e reconhecimento dos “outros”. Talvez seja por esse motivo que nosso personagem central desejou registrar uma imagem em pose artística. Na fotografia abaixo, captada no ano de 1960, Albino aparece na companhia de Augustinho Rosa com quem formava a dupla “Zé Fandango e João Violeiro”. De acordo com as fontes, Augustinho Rosa teria sido o principal parceiro de Albino na produção de décimas e de algumas composições musicais.

Figura 3: Albino Gonçalves e Augustinho Rosa. 1960.



Fonte: Acervo Albino Gonçalves.

As décimas produzidas por esses e outros artistas locais, assumiram o “status” de fonte na medida em que se constituem como relato. Como diz Certeau (1998), todo relato é um relato de viagem – uma prática de espaço. A poesia se constitui num modo singular de relato do mundo porque segue um ritmo. Por meio delas, vislumbramos panoramas dos modos de viver e de narrar acontecimentos marcantes, de retratar o cotidiano, de registrar as práticas e as relações que o homem ordinário estabelece com o meio. Para Certeau (1998, p. 40) o ato de falar opera no campo de um sistema linguístico: coloca em jogo uma apropriação, ou uma (re) apropriação, da língua por locutores: instaura um presente relativo a um momento e um lugar: estabelece um contato com o outro numa rede de lugares e de relações.

No capítulo seguinte pensaremos a trajetória de Albino como ‘percurso’ através do campo da educação formal e informal.

CAPÍTULO II: Estratégias e táticas de ensino e política

*[...] Começô a lecionar
Já pela prefeitura
E sabia encinar
Fazendo muita bravura
Também sabia falar
Outras língua mais dura...
Cláudio Signori, set/1974*

Neste segundo capítulo, abordaremos a formação profissional de Albino Gonçalves e sua atuação na área educacional. Ele esteve impedido de seguir o processo normal de educação formal, então, buscou uma formação alternativa que o credenciou, aos poucos, a inserir-se, em parte, na dinâmica escolar oficial. Pode-se dizer que este personagem deixou registros de seu percurso de praticante do espaço, de consumidor, de alguém que, como muitos outros, se apropriou das situações para poder transformar as imposições sociais em outra coisa. A perspectiva é certonianiana.

Para Michel de Certeau, (1998, p. 83) a sociedade pode ser vista como um jogo composto por leis gerais e regras específicas que oprimem ou colocam tarefas pesadas demais para as pessoas. Um jogo que apesar da rigidez das imposições dos grandes sistemas ordenatórios, dá aos jogadores a possibilidade de fazer lances. Na alegoria do jogo de xadrez que foi utilizada pelo autor, cada lance do “inimigo” possibilita uma nova ocasião. Cada peça, ao ser mudada de posição, cria novas possibilidades ao adversário. Probabilidades que não podem ser previstas nem impedidas porque o evento seguinte pertence ao “outro”; mas o jogador, ao criar uma nova configuração instantânea, possibilita ao adversário a utilização do elemento surpresa, “esses memorandos que ensinam as táticas possíveis em um sistema social dado” (CERTEAU, 1998, p. 84). Assim, “Jogos específicos de cada sociedade dão lugar a espaços onde os lances são proporcionais as situações” (CERTEAU, 1998, p. 83). Estes são espaços praticados.

2.1 – Relatos de deslocamento e fixação

Agora vamos ler alguns relatos de Albino e de seus interlocutores como lances de uma partida. Como lhe escapou a alternativa da educação formal, valeu-se das táticas e das espertezas frente à ordem estabelecida. A conjuntura educacional do Estado do Paraná no início do século XX é a ordem estabelecida imposta aos moradores da região interiorana. Os

Relatórios e Mensagens de Governo, proferidas por ocasião da instalação da primeira Sessão legislativa de cada ano, indicam tal ordem. São percursos que as autoridades estaduais fizeram, estabelecendo estratégias para melhor governar as populações.

Podemos notar neles que o início do século XX é marcado por precariedades na área da educação, principalmente, em se tratando do interior paranaense. Tal situação resultava da escassez de recursos financeiros, das opções políticas dos governantes e dos problemas de logística relacionadas à estrutura física e organizacional das escolas.

Francisco Xavier da Silva, presidente do Estado do Paraná entre 1901 a 1904, atribuiu a precariedade do ensino primário à falta de bons mestres e ao reduzido número de estabelecimentos escolares. A situação levou o presidente e seus sucessores a fazer uma opção política e administrativa que consistia em concentrar os professores mais qualificados na capital e investir na construção de grupos escolares em Curitiba e nas cidades mais importantes do Estado. Com essas medidas, almejava-se a dinamização do ensino e a contenção dos gastos públicos. O interior, principalmente as cidades pequenas como Rebouças, ficaria à descoberto.

O relato do presidente nos conduz a uma situação em que, na plataforma política e administrativa do governo, o ensino primário era considerado como um dos mais importantes ramos do serviço público; no entanto, era “o que mais pesados encargos custava ao tesouro”. (PARANÁ, 1903, p. 40). A maioria das escolas, no relato racionalizado do presidente da província, representava altos custos ao erário público, uma vez que funcionava em prédios alugados; o governo estabelece, uma prioridade estratégica para construção de grupos escolares. Francisco Xavier da Silva, explicou:

[...] Em vez de escolas funcionarem em casas diversas, que custam alto aluguel, passarão a funcionar em um só edifício, que reúnam todas as condições exigidas pela higiene. E mais tarde, quando for possível, novos grupos se irão se estabelecendo em novas localidades. (PARANÁ, 1903 p. 5)

É uma situação em que governo justificava a necessidade de novas edificações escolares e do ensino agrupado, argumentando que,

[...] São intuitivas as vantagens do ensino agrupado, que acredito, julgareis conveniente, decretar que, gradativamente, de acordo com nossos recursos, outros prédios para ele apropriados se vão construindo na capital e cidades mais importantes, confiando-se a regência das cadeiras de cada grupo a professores normalistas, e a sua fiscalização a inspetores convenientemente remunerados. (PARANÁ, 1904, p. 7).

A fiscalização mencionada no relato de Francisco Xavier da Silva seria mais uma vantagem do ensino agrupado. Na ótica da produção racionalizada e expansionista, existia uma deficiência de profissionais atuando na fiscalização do ensino. *Havia um diretor encarregado de superintender o serviço do ensino em todo o estado.* Contudo, o acompanhamento se limitava à capital. As escolas localizadas em lugares distantes nunca recebiam visitas desses profissionais (PARANÁ, 1904, p. 4). Talvez, melhor para elas.

Então, nos movemos no tempo com o relato. Nos anos que se seguiram, foram construídos novos grupos escolares na capital e em cidades como: Castro, Palmeira, Lapa, Antonina, Paranaguá, etc. A opção por priorizar o ensino nos grupos escolares da capital e das cidades ‘mais importantes’, como já dissemos, relegou ao “segundo plano” a assistência às escolas isoladas do interior. O relato do presidente Fernando Xavier da Silva, proferido no ano de 1912, nos põe diante de um sistema de ensino primário interiorano fragilizado.

[...] estando muito longe de o número de professores normalistas corresponder ao número de escolas, e entendendo que estes em geral, e sobretudo as normalistas, recusam a regência de cadeiras de povoados do interior do estado, quer me parecer que, por longo tempo, perdurará a necessidade do ensino primário nessas paragens remotas, ser ministrado por professores provisórios, ou subvencionados. É certo que nem todos terão o preparo exigido pelo regulamento vigente, mas, em todo caso, ensinam a ler, escrevem as quatro operações elementares da aritmética. (PARANÁ, 1912, p. 12).

A recusa dos professores normalistas a atuarem no interior do estado, aliada à contratação, ou não, de professores provisórios, certamente era um dos fatores que influenciavam os elevados índices de evasão escolar e de analfabetismo. O efeito dessa situação se fez sentir no governo de Vicente Machado da Silva, que atribuiu o problema à baixa frequência dos estudantes, “[...] à descrença na instituição escolar e ao fato dos alunos irem à escola e não encontrar professores”. (PARANÁ, 1905. p. 24).

Conforme Nobrega (2014, p. 6), nos primeiros anos do século XX, há um reduzido número de matrículas no sistema de ensino em todo o estado. Por outro lado, há um elevado índice de evasão escolar. Somente a partir de 1920 o número de matrículas aumentou; porém, a evasão continuou. Para o governo, parte do problema se devia ao fato de a população escolar residente no interior encontrar-se disseminada por uma vasta extensão territorial e de não haver obrigatoriedade do ensino.

O lugar por onde nos conduzem estes relatórios é caótico no que diz respeito ao ensino público nas cidades do interior paranaense, nas primeiras décadas do século XX. É certo que

os motivos citados contribuía para o abandono escolar. Todavia, existiam outras particularidades que refletiam nos índices de evasão. Albino Gonçalves, relatou que morava distante da escola, uns cinco quilômetros. Lembramos: não existia, naquele tempo, um sistema de transporte escolar fornecido pelo estado. Tal situação teria contribuído para o abandono escolar do nosso personagem central. A desistência, no entanto, contava ainda com outros fatores. Ser filho de família pobre e numerosa, viver uma vida seminômade.

Aos 13 anos, Albino, por exemplo, estava órfão de pai e de mãe e ficou sob a tutela de parentes de primeiro grau. Sem moradia fixa, não pode frequentar a escola regularmente. Porém, essa condição não se constituiu um empecilho. De acordo com Maria Agatha Rodrigues,⁶⁹ desde criança Albino desenvolveu seu processo de formação de maneira informal.

Com “um” vizinho, aprendeu o alfabeto; com “outro” as quatro operações (somar, subtrair, dividir, multiplicar); com “outros”, ainda, informações sobre língua portuguesa, ciências, história, geografia, etc. As primeiras letras e números eram escritas com carvão vegetal. As anotações eram feitas sobre palha de taquara.

A taquara é uma espécie de gramínea nativa que produz uma espécie de capa sobre os gomos do caule e que era utilizada como suporte para a escrita. A ordem racionalizada e centralizada impunha que as escolas fossem nas grandes cidades. A burla implicava escrever nos rolos de taquara. Tal alternativa, segundo Maria Agatha, foi usada, comumente, para substituir o papel de embrulho, outro material usado para as anotações que faltava nos tempos de carestia. Quem não tem como comprar não tem o que embrulhar.

Maria relata o que pode ter sido a experiência comum de vários adolescentes nas primeiras décadas do século XX no interior do Paraná. Prestar pequenos serviços à terceiros na área da agricultura. Investir os recursos na aquisição de cadernos, lápis, canetas, livros, etc. Os recibos e notas fiscais encontrados em meio à documentação guardada por ele dão conta de que os materiais didáticos adquiridos eram oriundos dos estados do Paraná e de São Paulo.

O volume de material escolar constante do acervo são indícios de que a leitura e a escrita ocupavam boa parte de seu tempo. Encontramos anotações feitas em papel de embrulho, caixas de remédio, embalagens de produtos diversos, maços de cigarros e no verso de panfletos, etc. A utilização deste tipo de material é um reaproveitamento, um ato de consumo, é a sucata reaproveitada para outra finalidade, que instaura outra ordem que não a

⁶⁹ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson em 11/11/2016.

do comércio do cigarro, do remédio e dos produtos do mercado.

Os procedimentos iniciais, utilizados por Albino para suprir a lacuna de um conhecimento institucionalizado, são desta ordem. São táticas⁷⁰ do homem ordinário frente às determinações sociais, políticas e econômicas que lhes foram impostos. Tal como insinua Certeau (1998), o homem comum não dispõe de outro recurso, senão das táticas, para agir no campo legitimado do poder constituído, apropriado e exercido pelos indivíduos ocupantes dos lugares de poder.

A tática, segundo Certeau (1998, p. 100), é

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” como dizia von Bullow, e no espaço por ele controlado.

Essas ações se expressam por meio das *astúcias* que os indivíduos utilizam para encontrar saídas alternativas em situações de desvantagem ou de opressão. As opções políticas e econômicas que, por vias indiretas, excluía uma parcela significativa de alunos do processo educacional não impediram, ou até provocaram ações astuciosas de alguns deles em busca de uma formação por caminhos alternativos.

2.2 – Maneiras de habitar e expressar: espaço de muitas línguas

O relato de Albino e o seu próprio percurso no âmbito da instrução, nos permitem perceber situações de recorrência a estes procedimentos: as *astúcias*, os *golpes* e as *ocasiões* aproveitadas, em especial, no campo educacional. Somos como que guiados ao ano de 1917, quando ele se estabeleceu na localidade de Potinga, interior de Rebouças. Nessa data, ainda não havia o município de Rebouças e a referida paragem pertencia ao município de São João do Triunfo. A emancipação política reboucense iria acontecer 12 anos mais tarde, em 21 de setembro de 1930. Durante esse período, ao residir em um lugar e outro, o jovem Albino começou a se interessar por outros idiomas, além do português. Foi por causa do contato com os imigrantes da região.

⁷⁰ Para Michel de Certeau, as táticas são as “armas do fraco” para fazer frente às estratégias. Estas, por sua vez, emanam de “um lugar de poder e querer próprios” e postulam “um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se pode gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças.

Relatórios e Mensagens de governo dão conta de que durante o século XIX, o Paraná, teria recebido um contingente significativo de imigrantes de várias nacionalidades, entre eles: poloneses, alemães, italianos, espanhóis, ucranianos, etc. Sabe-se, que esses povos se instalaram em diferentes regiões do Estado formando pequenas colônias. Priori (2012, p. 39) esclarece que havia uma particularidade em relação às colônias de imigrantes. “Em geral, os núcleos acabavam sendo formados por uma ou mais etnias. Essa heterogeneidade de nacionalidades impediu uma colonização mais homogênea”.

No século XX os governos passaram a priorizar a imigração espontânea. Desse modo, nos primeiros anos, o movimento imigratório foi mais moroso. As políticas governamentais visavam não sacrificar as finanças com subsídios à vinda de imigrantes. Por intermédio do decreto nº 01 de 02/01/1907, criou-se uma Comissão de Colonização incumbida de verificação de lotes devolutos e condições de respectivo aproveitamento. (PARANÁ, 1907, p. 17). A finalidade era buscar uma forma de motivar a imigração e analisar possíveis concessões de terras dentro da legislação vigente.

Nos anos que se sucederam, o governo reforçou as teses de que o Paraná era um dos Estados da República mais preferido pela imigração espontânea e o seu povoamento far-se-ia de modo natural e progressivamente sem sacrifício ao tesouro. (PARANÁ, 1922, p. 67). Em 1928, Caetano Munhoz da Rocha relatou que o modelo de imigração adotado estava frutificando.

As concessões de terras que o estado tem feito a empresas particulares nos termos da Lei e de acordo com os pareceres da Directoria do Contencioso, vão já produzindo resultados sob o ponto de vista da colonização que se tinha em mira. Deram entrada no porto de Paranaguá 743 imigrantes, das seguintes nacionalidades: polonês 602, italiano 45, alemães 42, russos 20, austríacos 12, lituano 8 holandeses 6 e 8 de diversas nacionalidades. (PARANÁ, 1928. p. 130).

Em grandes ou pequenos grupos, o Paraná contou com a chegada de povos de outras nacionalidades e que se espalharam por todo o estado. É quase certo que Albino tivesse contato com alguns desses imigrantes ou com os descendentes deles, porque em meio à documentação consultada, localizamos diversos livros impressos nos seguintes idiomas: polonês, italiano, espanhol, inglês, francês e alemão. As notas, ele guardava muitas delas, evidenciam que essa bibliografia foi adquirida através da compra direta. Mas também houveram doações de terceiros, como se lê nas dedicatórias.

Note-se que a maioria dos livros eram manuais práticos para fins estudantis. Possibilitavam ao estudante saber a grafia, a pronúncia correta e a tradução das palavras ou

frases. Foram encontrados, ainda, periódicos nos idiomas polonês e francês além de diversos cadernos de estudo. Ao que parece, a apropriação do conhecimento de línguas estrangeiras se deu de modo informal de início. A partir da década de 1960, entretanto, contou com aulas particulares de inglês, italiano e alemão, ministradas pelo padre vigário Teófilo Feierabend.

Este era nascido na Alemanha e migrou para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. O referido religioso também exercia a função de professor de história no Colégio Estadual Professor Júlio César, situado na cidade de Rebouças-PR. Além disso, graduou-se em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa na década de 1970.

Nerone (2015, p. 154) atesta que Albino possuía conhecimento e domínio do “latim”. A autora informa que ele exercia a função de capelão e “rezava quase só em latim” o que nos leva a supor que, por vias informais, ele se tornou um conhecedor de alguns idiomas. A correspondência abaixo, recebida no ano de 1957 e escrita por *Giacchino Teodoro Pigneiro*, evidencia que utilizava outros idiomas além do português.

Mio buon cugino, Albino Gonçalves. Recevei vostra letera dele mane del mio nuovo amico e vicino, il quale riconosco anche vostro. Com indicibile soddissfazione, rispondo quella. Sapette come mi sinto veramente pieno de piacere in sapere di vostra felicitá, in adesso lovorare per ordine del governo. Cio era per sedere inanze al piu tempo. Mai il che dio promete, sera stesso arrivá. Sol lamento in sapere che vostra dona sta amalatta. Ma ció sono crise che Dio da noi al condurre. Già soi cosi, per me stesso, giulgo igualmente, si da com la mia dona, che anche si trova amalatta. Iante volte spenduto alcuni fiorini in tratamento dela stessa. Il maggiore male che tiene é delli occhi. Mi dopo di amaritato in 22 anni, e la prima volta che voi screvo in italiano. Tutto questo tempo, avera lasciato perché non sapeva piu di voi. Vai asciate di mi screvere. Credo che há parole errate; chiedo corregire. Quanto vostra remozzione, vuoglio dire che tiene quá uma scuola vaga in Rio da Várzea, distante de Riosigno, quatro chilometri, ma infelicemente nom tiene casa per professore habitare. In questo caso non do piano a voi. E di novitá a voi dire e che in giorno otto di questo, havia festa di Madona dela Concezzione, nel seminário di quá. Se havere possibilitá, puotete venire assistire. Il nostro lugar in materi religiosa stá bene. Há tanti seminaristi, molti preti e collegio di sorelle. Mio figliolo maggiore spera sedere anche nominato. Quá in município di Ponta Grossa. Quando mi screvere solícito notizia delli altri cigini: Guilherme, Luidícia e Maria. Mon so di loro. Tal volta inanzzi dele ferie finire i ovado voi vedere. Nel piú mio abracio dia amico e cugino Giacchino Teodoro Pigneiro. End: Engenheiro Gutierrez - scolpíte i erri”⁷¹.

⁷¹ Meu bom primo Albino Gonçalves. Recebi vossa carta da mão do meu novo vizinho e amigo o qual também reconheço como seu. Com indizível satisfação respondo sua carta. Saiba que me sinto pleno de prazer em saber da vossa felicidade em trabalhar para o governo. As coisas acontecem no seu tempo. O que Deus promete uma noite chega. Só lamento em saber que sua esposa se encontra doente. Mas são crises que temos que passar. Já passei situação semelhante com minha esposa que também estava doente. Tive que gastar algum dinheiro no tratamento da doença. Meu maior problema é com a visão. Depois de 22 anos é a primeira vez que escrevo em italiano. Tudo esse tempo não sabia da maioria de vocês. Eu acho que há erro nas palavras, peço que corrija. Quanto a vossa remoção informo que tem uma vaga na escola do Rio da Várzea, distante 4 quilômetros do

A carta de Giacchino Teodoro Pigneiro, trata-se da resposta a uma correspondência enviada por Albino. Nela estão contidas informações como: a enfermidade da esposa de Albino, que mais tarde veio a falecer; um convite para a festa de Nossa Senhora da Conceição a ser realizada no Seminário e felicitações por Albino ter sido aprovado num concurso do governo estadual que o credenciou a trabalhar como professor do Estado no ensino primário.

O aprendizado de línguas estrangeiras pode estar ligado às relações entre professores nativos e as comunidades de imigrantes e também à vinda de professores brasileiros para as colônias. Lopes recolheu um caso ilustrativo a respeito deste tema na cidade de Colombo-PR, muito embora as entrevistas digam respeito às décadas de 1930 e 40. Um de seus entrevistados, Pedro,

[...] Contou que a criançada adorava inventar ‘traquinagens’ e pela falta de brinquedos, o segredo era inventar. Em uma brincadeira a professora foi jogada dentro do rio, com carroça e tudo. Pedro lembrou ainda uma história sobre seu irmão que percorria muitos quilômetros de carroça junto ao seu pai para levar e buscar a professora em Curitiba. (LOPES, 2015, p. 54).

A cidade de Colombo dista apenas dezoito quilômetros de Curitiba. A professora podia morar na capital e ficar na casa de algum morador da colônia durante a semana. Era este o caso, mas para se deslocar para uma cidade da mesorregião sudeste do Paraná era mais difícil embora houvessem muitos casos deste. Conforme atesta Rosala Garzuze em entrevista colhida por Filos (2008, p. 25)

Minha vida escolar se iniciou em Irati, em 1913, numa escola instalada num barracão que ficava em frente à casa comercial de meu pai. Na sala de aula havia uns bancos compridos e não tinha mesinhas para escrever. Havia somente a mesa do professor. Na classe estudavam alunos de 1ª a 4ª séries. Todos juntos! Meu primeiro professor foi Adolfo Nascimento Brito que tinha vindo de Curitiba para lecionar em Irati. Era formado na Escola Normal. Naquele tempo, os professores se formavam normalistas em Curitiba e iam para o interior sem saber, muitas vezes, das dificuldades que iam encontrar. Eles se aventuravam para o interior porque na capital não havia muitas escolas. Ficavam pouco tempo nas vilas e cidades do interior do Estado e iam para outros lugares. Os grupos escolares já estavam sendo instalados

Riozinho, mas infelizmente não tem casa para professor morar. Nesse caso não tem como ajudar você. A novidade para dizer a você é que no dia oito haverá a festa de Nossa Senhora da Conceição no Seminário daqui... Se houver possibilidade poderia vir assistir. O nosso lugar em matéria religiosa está bem. Há tantos seminaristas, muitos padres e colégio de irmãs. Meu filho maior espera também ser nomeado lá no município de Ponta Grossa. Quando me escrever solicito notícias dos outros primos: Guilherme, Luzia e Maria. Não os conheço. Desta vez no feriado de final de ano quero ver vocês. No mais um abraço do amigo e primo Giacchino Teodoro Pigneiro. De: Engenheiro Gutierrez – desculpe os erros (PIGNEIRO, 1957). Correspondência encontrada em meio a documentação de Albino Gonçalves e disponível no CEDOC/I.

tanto na Capital como em outros municípios.

A julgar pela memória de Rosala, desde o início do século XX havia certa mobilidade. Os docentes iam para o interior, mas não para as regiões mais interioranas onde o acesso era precário. Em todo caso, pode-se dizer que a relação entre professores nativos e os imigrantes não era muito tranquila. Lopes recolheu uma história de um de seus entrevistados narrando um acontecido com um de seus irmãos:

Um dia ele chegou da escola dizendo: “*Mamma, mi trao sto bauto rento sol rio*”[...]”⁷². *Bauto* é uma expressão em língua imigrante que significa um bichinho preto (caruncho) que come o milho. Nessa fala o termo *bauto* é utilizado para se referir a uma professora brasileira que dava aula na Região do Boicininga. Essa expressão permite que se reflita sobre as relações que se estabeleciam entre os colonos e os nacionais e principalmente nas situações que compunham o ambiente escolar nessa época. A ‘professora preta’, conforme foi chamada pelos entrevistados, foi citada na entrevista de Pedro, de Alice e de Elis, no momento em que eles falam sobre a escola. Elis também se refere à professora como ‘*bauto*’: ‘Um dia estava descendo a escada e meu irmão falou [para a mamãe]: *Ma varda mamma! che unco el bauto se ga vestio tuto de bianco*’⁷³[...]. Já Alice não utiliza o termo *bauto*, mas também se refere à “professora preta”: “A primeira professora era a Izabel. Era bem preta, preta, preta, como um carvão. E ela tinha uma filha branca” [...]. Outro aspecto significativo, que pode ser observado já no trecho anterior, é a forma como se dá a lembrança de situações cotidianas envolvendo a família, as relações familiares e entre famílias. No caso da situação envolvendo a ‘professora preta’, embora sejam lembranças de pessoas diferentes, que não faziam parte da mesma família, há uma semelhança na forma como se rememora a professora e as situações em que ela está presente. Inclusive na expressão, *bauto*, utilizada. (LOPES, 2015, p. 54).

É bem possível que o interesse de Albino por línguas estrangeiras esteja vinculado a esta situação de imigração. Como era autodidata poderia estar se preparando para atuar, se fosse o caso, em localidades formadas por imigrantes e seus descendentes. Assim poderia entender e comunicar-se com os falantes de outras línguas. Em seu acervo pessoal, há livros em polonês, italiano e alemão, etnias presentes na região em que atuou.

Dissemos, anteriormente, que Albino Gonçalves alimentou seu processo de formação de maneira informal. No início de sua carreira, passou a ser contratado por pessoas de maior poder aquisitivo para ministrar aulas particulares a crianças e jovens em idade escolar, em localidades do interior do município de Rebouças e de municípios circunvizinhos. As aulas eram temporárias e estavam sujeitas às demandas das localidades e das famílias contratantes.

⁷² Mãe joguei o Bauto dentro do rio.

⁷³ Olha mamãe! O caruncho está todo vestido de branco.

Tanto a duração do ensino, quanto a duração das aulas poderiam variar de acordo com os condicionantes externos, dentre eles: o trabalho, os costumes locais e, principalmente, as condições financeiras dos moradores.

Num estudo realizado sobre o período que se estende entre os anos de 1930 e 1949, no município de Rebouças, Jaciele Domingues Pereira apresenta um panorama dessa modalidade de ensino particular e domiciliar, tendo como base a localidade de Marmeleiro de Baixo. Segundo a autora, era o que acontecia em diversas localidades do Paraná naquele contexto histórico.

O modelo de gestão implantado pelos governos que se sucederam no poder, nas primeiras décadas do século XX, se mostrava ineficiente no atendimento escolar às comunidades distantes dos centros urbanos. Diante disso, uma das únicas alternativas utilizadas por pais com filhos em idade escolar era a contratação de professores itinerantes como Albino Gonçalves. Pereira (2014, p. 70) explica que a educação domiciliar tinha duração efêmera, geralmente, até a criança ou adolescente adquirir conhecimentos básicos. A autora comenta que “Nessa modalidade de ensino, os pais pagavam para os professores ensinar seus filhos a ler, escrever e fazer contas dentro das suas próprias casas, nos espaços onde houvesse disponibilidade, como no sótão por exemplo”. O ensino não era extensivo a muitas famílias uma vez que havia a necessidade de pagamento pelos serviços.

Numa época em que o “dinheiro era custoso” contratar os serviços de um professor particular nem sempre era possível, principalmente para aquelas famílias que tinham muitos filhos, a maioria em idade escolar. Por isso, alguns pais preferiam que seus filhos fossem trabalhar ao invés de estudar, já que dessa forma poderiam ajudar no sustento da casa. (PEREIRA, 2014, p. 90).

A contratação de um professor se processava por vias informais, baseada num acordo estabelecido entre ambas às partes. Dessa forma, o que valia era a “palavra”, a amizade e a confiança entre contratante e contratado. Assim

Entre pais e professores vigorava uma espécie de contrato não escrito (tácito) através do qual cada um se comprometia a cumprir a sua parte, garantindo benefícios para ambos. Em troca de um prato de comida, de um teto para morar, e de uma pequena quantia em dinheiro, os professores repassavam os conhecimentos que possuíam para as crianças faxinalenses, que uma vez iniciados no mundo das letras poderiam auxiliar seus pais e a comunidade em geral (PEREIRA, 2014, p. 83).

Conforme a documentação revelou, os ensinamentos consistiam em repassar

informações de matemática básica, como: fazer contas, realizar cubagem de madeira, medir terrenos, etc. Em Língua portuguesa, ensinava-se o alfabeto, escrever pequenos textos, etc. Os conteúdos obedeciam uma funcionalidade prática e tinham como objetivo preparar os alunos para auxiliar nas tarefas cotidianas. Então:

[...] cada professor ou professora tinha suas maneiras de fazer, usavam da inventividade para repassar os conhecimentos que possuíam para seus alunos, ainda que nem sempre obtivessem êxito nessa empreitada. Sem precisar seguir regras, eles podiam usar sua criatividade de modo a encontrar a melhor forma de ensinar as crianças sob sua responsabilidade. (PEREIRA, 2014. p. 90).

De acordo com o Dossiê escolar de Albino, teria atuado por quatorze anos na modalidade de ensino domiciliar. O período se estende entre os anos de 1926 e 1940. As localidades em que atuou estão expressas na tabela abaixo:

Tabela 6: Locais em que Albino atuou como professor itinerante

ANO	LOCALIDADE	ANO	LOCALIDADE
1926	MOBRAL ⁷⁴	1934	Riozinho (Rebouças/Irati)
1927	Rodeio (família Cararo)	1935	Barra do Rio Preto
1928	Rodeio (família Cararo)	1936	Barra do Rio Preto
1929	Riozinho (Rebouças/Irati)	1937	Barra do Rio Preto
1930	Riozinho (Rebouças/Irati)	1938	Ramal Guarapuava
1931	Riozinho (Rebouças/Irati)	1939	Ramal Guarapuava
1932	Riozinho (Rebouças/Irati)	1940	Ramal Guarapuava

Fonte: Acervo Albino Gonçalves

Entre 1941 a 1951 se dedicou exclusivamente aos trabalhos da agricultura. Durante esse tempo, fixou moradia na localidade de Salto, Rebouças/PR. Segundo Nerone (2000, p. 74), trata-se de uma comunidade formada por fugitivos da Revolução Federalista que se estabeleceram nesse local entre 1893 a 1895. Ele, se casou com Ana Rosa da Silva com quem teve 8 filhos dos quais, apenas duas sobreviveram. O episódio da morte de uma de suas filhas de nome Eva da Silva Gonçalves, com 2 anos e 11 meses o teria motivado a iniciar a prática de benzimentos (discutiremos essa questão de maneira mais detalhada no terceiro capítulo). Na localidade de Salto, dedicou-se, também, à atividade religiosa, exercendo a função de

⁷⁴ O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi efetivado durante a década de 1970, durante o Regime Militar. Em 1926 esse Movimento não existia. Provavelmente Albino estava se referindo a educação de jovens e adultos ou a um Programa similar ao MOBRAL.

catequista para alunos da primeira eucaristia. Durante o período de residência nessa localidade, continuou estudando e escrevendo. Entre os escritos desse período verifica-se a proeminência de textos com conotação política.

Pode-se dizer que tendo deixado a mobilidade de professor particular, dedicou-se mais acentuadamente ao engajamento político. É como se colocasse os préstimos de compositor e trovador a serviço da propaganda política. Assim, escreveu a respeito do candidato a prefeito de Rebouças João Franco Sobrinho:

Povo de Rebouças, votae em João Franco Sobrinho

1 - Para prefeito municipal Votai em João Franco Sobrinho É simples como você Só te trata com carinho Este é o pai da pobreza Conhecerás com certeza Que é luz em nosso caminho	2- Dae a César o que é de César Disse Deus onipotente Votai em João Franco Sobrinho Homem mais competente Jamais o povo se esquece Trabalha nunca esmorece Sempre foi diferente	3 - Homem de fibra e sincero Que já tem por tradição Jamais o povo lhe nega O tronco da geração Não temos nenhum partido Do povo foste escolhido Sem haver mais distinção
4 - Conhece a dor do pobre Do operário e lavrador Em tempos atrás lutastes Por isso que dá valor Tu só tratas com carinho Seguiremos teu caminho Com esperança e amor	5 - Este é João Franco Sobrinho Do povo é candidato Vamos votar unidos Quer da cidade ou do mato Baluarte de um povo nobre Sempre foi o pai do pobre Merece voto de fato	6 - O povo em geral que diga O nosso prefeito é o João O Franco sempre foi franco Nós temos satisfação Escolhemos a nosso gosto Nunca nos deu desgosto E nasceu neste rincão.
Autor: Albino Gonçalves		

A prática de escrever textos enaltecendo postulantes a cargos políticos, fez de Albino um cabo eleitoral bastante procurado em vésperas de eleições. Fazia décimas para candidatos de todas as esferas de poder, tanto nas eleições majoritárias quanto nas proporcionais.

Foi um documento dessa natureza que abriu as portas para o retorno de Albino à docência. Depois de ter composto versos em favor de Caetano Castagnoli, postulante ao cargo de prefeito de Rebouças, os laços de amizade se estreitaram. Vitorioso no pleito e conhecendo o histórico de vida de Albino, Caetano, o contratou para atuar como professor na localidade de Água Quente dos Domingues.

A contratação se deu por meio de um “acordo” firmado entre o governo estadual e municipal, em pelo menos 116⁷⁵ municípios do Paraná. Ao final da década de 1940 e início de

⁷⁵ Dados obtidos junto à Mensagem de Governo por ocasião da abertura da sessão legislativa do ano de 1956. p. 157.

1950, a intenção do governo estadual era dar maior assistência aos alunos moradores de localidades rurais. Com essa finalidade firmou-se uma parceria entre essas duas esferas administrativas. O acordo previa a criação de novas salas de aula e a contratação e capacitação de professores. Em 1950, um ano após a implantação dessa política educacional, o governador Moysés Lupion, falava da incumbência do estado na parte financeira e já apontava alguns avanços nessa área,

[...] já se sabe que mediante tais acordos, o estado fornece aos municípios auxílio financeiro para a abertura de novas escolas e se compromete prestar as unidades que são desse modo abertas, toda a assistência material e técnicas necessárias. O plano começou a ser executado justamente em 1949. Os seus resultados são sem dúvida, auspiciosos. (PARANÁ, 1950, p. 144).

Com o acordo, houve a necessidade da contratação de novos professores. Para o governo, os mestres formados na capital ou Escolas Normais Secundárias dificilmente aceitariam trabalhar em lugares distantes, em comunidades isoladas do interior. A solução foi investir na formação de professores de cada região e, na sua própria região. (PARANÁ, 1950, p. 146). A incumbência da contratação ficou a cargo dos inspetores municipais. A estes foi confiado:

[...] a responsabilidade pela fiscalização e orientação direta do ensino rural e a eles foram ministradas aulas diretas para que pudessem, depois, vir a organizar, por sua vez, cada um deles, em seu município e para professores sob sua jurisdição, cursos rápidos com duração de dez dias, com o objetivo de que por todas as escolas da zona rural se espalhassem aqueles melhoramentos mínimos que haviam sido assentados com toda a precisão. E assim vieram em consequência os cursos rápidos de férias para os professores das nossas escolas rurais realizado nas sedes dos municípios. (PARANÁ, 1950, p. 147).

Os cursos de professores deveriam ter caráter de formação continuada. A orientação era para a realização de cursos práticos. Em relação à matéria, esta deveria se destinar “a prática imediata e diária da escola. A forma de comunicar essa matéria, em tais cursos, há de ser, igualmente, a da prática viva e repetida”. (PARANÁ, 1950, p. 146). Com a orientação, o governo pretendia capacitar os professores contratados e dar um atendimento particularizado às escolinhas rurais. Por meio do acordo pretendia, também, incentivar os alunos para a sequência dos estudos uma vez que a maioria deles cursava, apenas, o primeiro ano.

Albino atuou na condição de professor de “acordo” de 1952 a 1956. Nesse período, depois de uma pequena passagem por Agua Quente, foi transferido para Colônia Cachoeira,

uma comunidade formada, majoritariamente, por descendentes de imigrantes poloneses. De acordo com Maria Agatha Rodrigues, este foi o caso: para facilitar a comunicação com moradores locais aprendeu a falar, escrever e rezar no idioma polonês.

A tática de se comunicar no idioma falado pelos moradores locais revela uma técnica utilizada que encontra sua melhor expressão nas “maneiras de habitar” definidas por Certeau, para quem os sujeitos

[...] criam para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos (CERTEAU, 1998, p. 93).

De fato, no espaço de jogo, Albino jogava com as diversas situações. Numa espécie de mutação, interagia com o lugar, com as pessoas e com a ordem estabelecida. Dali tirava efeitos imprevistos.

O professor albino tinha uma posição política a respeito da participação dos professores nas campanhas políticas. Nunca aceitou pleitear postos políticos, mas sempre estava envolvido no processo eleitoral. No documento abaixo, datado de 1954, estão os versos de uma décima, escrita em favor do candidato a deputado estadual, Mario Faraco em que ele define sua visão sobre a participação dos docentes na política⁷⁶.

Meus senhores reboucenses Votar todos vós precisam É como diz um provérbio Amigos são os que avisam Mário Manuel e Munhoz São os que mais simpatizam Vamos levar as urnas aqueles Que não prometem e realizam	É o homem que por Rebouças Muito tem trabalhado Colaborou para o Ginásio Em Rebouças ser criado Onde entram os estudantes E saem de lá estudados Por esse grande prestígio Merece ser mais votado	Porém os outros candidatos Nem um outro eu ataco Quero avisar os eleitores Não vão pelo lado fraco O eleitor estando avisado Não carrega nabos em saco Para deputado estadual É o doutor Mario Faraco
Uma em Rio Corrente Uma em Marmeleiro dos Ingleses Em dois anos em quatorze lugares casa escolar ele fez Por isso queridos eleitores Vamos votar mais outra vez Precisa Mario Faraco ser reeleito Em outubro, no dia três	Meus senhores professores Precisamos fazer campanha De convidar meus colegas Eu sei que ninguém estranha Os professores pedindo voto O povo sempre acompanha Todos votando em Mário Faraco Sua reeleição está ganha	Precisamos fazer campanha Cada professor em seu lugar Pedindo para os bons eleitores Em Mário Faraco votar Os nossos bons eleitores Nós precisamos orientar Explicar-lhes dos seus votos O modo de aproveitar

⁷⁶ Mário Faraco entrou para o Ministério Público em 1937 e chegou a Campo Largo em 1939, designado como Promotor de Justiça. Sua atuação foi marcada pela ética e idealismo, o que lhe granjeou respeito e admiração de toda a população campo-larguense. Empolgados com seu prestígio, alguns amigos o lançaram candidato a deputado estadual, tendo sido eleito em 1950 e reeleito em 1954. Fonte: <http://www.folhadecampolargo.com.br/vernoticia.php?id=7593>. Último acesso. 12/08/2016, 12:52 hrs

Autor: Albino Gonçalves ⁷⁷

Por intermédio dos versos acima Albino conclama os colegas do magistério de Rebouças a fazer campanha. O pedido se dirige a todos os eleitores, mas de modo especial aos professores. Naquela oportunidade, o candidato reproduziu milhares de cópias da décima que foram entregues como material de campanha. Reeleito, o deputado retribuiu os serviços de campanha quando da realização do concurso público para provimento de vagas de professores na rede estadual de ensino. Em consulta junto à documentação, constatamos que, após aprovação em concurso público, nosso personagem foi nomeado professor do estado pelo governador Moisés Lupion na data de 20/04/1956, tomando posse em 16/05/1956. A partir dessa data assumiu a escola de Marmeleiro, Rebouças- PR, onde terminou sua carreira.

2.3 - Escola rural: práticas do espaço

O surgimento do Marmeleiro é anterior à data de criação do município de Rebouças. Nerone (2015, p. 90), escreveu que “a origem da comunidade está vinculada aos ervais, à madeira, às terras agricultáveis e as terras de criar”. Para a autora o registro de nascimento da comunidade remonta ao ano de 1928, data que também marca o início da implantação do sistema de faxinais na localidade.

Desde o contexto de formação até a data da presente pesquisa, a localidade do Marmeleiro preserva o sistema de faxinais. Atualmente, existem 4 (quatro) faxinais ativos no município de Rebouças, a saber: Faxinal do Marmeleiro de Baixo, Faxinal do Marmeleiro de Cima, Faxinal do Salto e Faxinal do Barro Branco.

Na área educacional, podemos dividir a história dessa localidade em, pelo menos, três etapas. A primeira delas é caracterizada, especificamente, pelo ensino particular. Trata-se de um período em que não existiam escolas e que o ensino era processado por vias informais. Um professor era contratado para repassar os ensinamentos básicos para alunos de uma ou mais famílias, valendo-se de um abrigo qualquer que, para tal fim, era transformado em sala de aula. A segunda era caracterizada pela existência de um local específico para ministrar aulas. Geralmente, uma pequena construção em madeira construída num local que possibilitasse o atendimento a um número maior de alunos. O ensino não era particular, uma vez que contava com a interferência do poder público municipal ou estadual financiando o pagamento do professor. Por intermédio de entrevistas e fotografias, pudemos evidenciar pelo

⁷⁷ O texto original é composto de 20 estrofes – disponível no CEDOC/I.

menos 3 escolas existentes somente na localidade de Marmeleiro: Uma no povoado dos “Beltrão”, uma no povoado dos “Rosas” e uma no povoado dos “Carvalhos”. Esta última, foi a escola onde atuou Albino Gonçalves de 1957 a 1976, quando requereu sua aposentadoria.

Todas essas escolas localizavam-se em Marmeleiro. No contexto de formação da localidade, segundo entrevista concedida por Eva da Luz Lourenço⁷⁸ foram se estabelecendo diversos agrupamentos familiares que povoaram o local em diferentes núcleos. A área ocupada por determinado agrupamento recebia o sobrenome da família ali estabelecida. Tal procedimento era utilizado para fins de localização. Assim, chamava-se Marmeleiro dos Carvalhos onde morava a família homônima, dos Rosas, igualmente, dos Ingleses, da mesma forma, dos Bernados, idem, e havia o Marmeleiro “Colônia”, pois, ali se assentaram diversas famílias. Todos esses locais formavam o Marmeleiro de Baixo, cuja denominação foi criada para separa-lo do Marmeleiro dos Soares, que ficou conhecido como Marmeleiro de Cima.

Albino arquivou uma fotografia dos alunos matriculados no ano de 1961(Figura 4). Nos relatórios de matrículas, encontrados em meio à documentação, consta que a faixa etária dos alunos presentes na imagem, oscilava de 8 a 13 anos. O ato de tirar uma fotografia naquela época constituía um grande evento na vida dos alunos. Para Maria Agatha Rodrigues, uma das alunas presentes na imagem, o dia da fotografia era um dia especial. “Todos eram avisados um dia antes e deveriam ir para escola uniformizados”⁷⁹. No centro da imagem, atrás dos alunos, está Albino Gonçalves. Os cabelos brancos denotam uma longa experiência de vida e dedicação aos estudos e ao ensino.

Figura 4: Alunos da escola de Marmeleiro dos Carvalhos – 1961.



Fonte: Acervo pessoal de Albino Gonçalves.

⁷⁸ Entrevista concedida por Eva da Luz Lourenço a Paulo Gelson em 12/08/2016.

⁷⁹ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson em 12/08/2016.

Ao fundo, está o prédio escolar, para se ter uma ideia de como era a maioria das instituições escolares edificadas na região naquela época. Uma construção em madeira e de tamanho similar ao das casas dos moradores dos faxinais. Na parte interna, segundo Maria Agatha, havia uma única sala de aula e dois cômodos que providencialmente eram utilizados como cozinha, depósito ou quarto para o educador. A escola era, também, local de reuniões da comunidade, salão de baile, além de local de vacinação e de votação⁸⁰.

Na sala de aula multisseriada, alunos do 1º ao 3º ano recebiam as mesmas informações, com variações concernentes à idade e ao ano que estavam cursando. A maioria dos alunos daquela localidade, finalizavam sua formação escolar ali mesmo em função das limitações impostas pelo sistema educacional e pela mentalidade da maioria dos pais que não consideravam a educação com um vetor mais importante do que o trabalho na roça.

No ano de 1962, houve uma mudança no sistema de ensino do Paraná. Por intermédio do Decreto nº 10.290 de 13/12/1962, o governador Ney Braga determinou a inclusão de novas seriações e programas para os grupos, casas escolares e escolas isoladas. Com a mudança, os grupos passaram a oferecer 6 seriações ao invés de 5 oferecidas até então. As casas escolares aumentaram de 4 para 5 seriações e as escolas isoladas passaram de 3 para 4 séries. A reformulação foi justificada pelo cumprimento da Lei Federal nº 4.024 de 20/12/1961 que fixou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. De acordo com o artigo 11, os estados deveriam organizar seus sistemas de ensino com base na referida Lei. No que tange aos programas de ensino, houve a necessidade de reformulação e adequação dos currículos. O estado, por intermédio da Secretaria de Educação e Cultura, assumiu o compromisso de coordenar as atividades relacionadas às escolas isoladas e o ensino primário passou a ser obrigatório.

A escola, no entanto, era muito mais do que uma edificação e um abrigo de alunos. Era um local de vivências e experiências, tanto para as crianças quanto para os adultos. Na década de 1960, era a única instituição governamental instalada em Marmeleiro. Em face disso, a maioria das ações de interesse público: municipal, estadual ou federal, aconteciam ali. Era local de trabalho, de lazer, de aprendizado, de consultas médicas, de cidadania, de interação e socialização.

Ele também guardou uma imagem da escola de Marmeleiro sendo utilizada para fins diversos. Nessa imagem de 1965, Albino aparece em meio aos representantes da Associação de Pais e Mestres (quarto da esquerda para a direita) após uma reunião. Ele se coloca na

80 Entrevista concedida por Deolinda Fagundes Nofre a Paulo Gelson em 12/08/2016.

fotografia de maneira distinta devido à condição de professor.

Figura 5: Escola do Marmeleiro dos Carvalhos. Reunião da APMF.



Fonte: Acervo Albino Gonçalves.

A imagem evidencia a presença maciça de homens na reunião. Apenas uma mulher está presente o que indica a questão de gênero no faxinal. Como se viu na imagem anterior (figura 4) os meninos estão colocados à direita do professor e as meninas, à esquerda. Embora note-se algumas mesclas, reproduzia a estrutura do Puxirão e da separação por sexo na Igreja. Conforme Leoni (2008, p. 26), com base no depoimento de Rosala Garzuze, em Irati

O Grupo Escolar ficava bem no alto da Rua 15 de Novembro. Lá terminei o curso primário, em 1918, com certificação. O Grupo Escolar era uma construção de alvenaria. Era uma pequena escola com um único professor para todas as séries primárias e não havia muitos alunos. Reunidas as classes de 1ª a 4ª série, devia ter de trinta a quarenta meninos. Do feminino não sei, porque nós os meninos, estudávamos de manhã e as meninas estudavam à tarde. As turmas eram separadas: os meninos tinham aulas com professores homens e as meninas com professoras femininas. Não sei bem quem lecionava para as meninas. Uma das professoras era Rosalina Gonçalves Cordeiro, mais conhecida por D. Noca, a primeira professora de Irati.

A escola cumpria funções de gênero e políticas. Na primeira eleição realizada na escola de Marmeleiro, Albino se encontra entre os companheiros de partido. Pode-se dizer que a imagem retrata um momento histórico da comunidade e da vida de cada um dos fotografados. No caso, seria interessante investigar se de fato, a política era considerada como atividade masculina. Não há presença de nenhuma mulher nessa fotografia do dia das

eleições.

Figura 6: Primeira eleição na escola do Marmeleiro dos Carvalhos.



Fonte: Acervo Albino Gonçalves.

Como se percebe, a escola não pode ser pensada somente como uma edificação material. Ela é muito mais que isso. É vida que é vivida, é sentimento que pulsa. Ela faz parte do cotidiano das pessoas. Situações importantes da vida individual e coletiva acontecem nesse lugar, um lugar praticado. Mas estes locais foram, em sua maioria desativados.

É a terceira etapa da qual nos referimos anteriormente. É caracterizada pelo fechamento das escolas isoladas na comunidade de Marmeleiro e localidades circunvizinhas e pela unificação de todas elas num complexo escolar mais amplo. Trata-se do resultado de um projeto do governo estadual visando centralizar o ensino num único local. Assim, surgiu, em 1990, o Colégio Estadual de Faxinal dos Marmeleiros, localizado em Marmeleiro de Baixo, nas proximidades do criadouro comum. Ali, desenvolvem-se alguns projetos respectivos á cultura faxinalense da qual faz parte o legado de Albino.

No início deste capítulo, nos propomos a discorrer sobre os percursos feitos por nosso personagem na área educacional. A documentação consultada revelou a precariedade do ensino nas primeiras décadas do século XX. Havia uma prioridade dos governos em canalizar recursos financeiros e humanos para a capital paranaense e cidades mais importantes do estado. O ensino nas regiões interioranas assumiu importância secundária. Tal situação teria contribuído para o elevado número de alunos desistentes ou sem acesso a escola. Conforme

pudemos depreender da documentação, no interior do município de Rebouças, durante o período que coincide com a idade escolar do nosso principal personagem, havia somente o ensino particular. Este era realizado mediante um acordo entre uma família contratante e um professor itinerante que transmitia ensinamentos básicos aos alunos. Tratava-se de um ensino excludente e limitado aos filhos de famílias de melhor poder aquisitivo. Crianças pobres e sem condições financeiras ficariam à margem desse processo.

No caso do nosso personagem, a idade escolar coincidiu com diversos deslocamentos de São Luiz do Purunã, passando por Ponta Grossa, Irati até chegar a Rebouças. A vida seminômade seria uma limitação a mais no acesso a educação formal. Isso, no entanto, não se constituiu um entrave uma vez que o personagem buscou formação alternativa. Autodidata, alimentou seu processo de formação adquirindo livros e manuais didáticos. Além disso, aprendeu a falar e se comunicar em, pelo menos, seis idiomas diferentes, conforme as fontes revelaram. O conhecimento adquirido possibilitou o engajamento na educação formal. Atuou como professor itinerante, professor de Convênio, professor de Acordo e, finalmente professor concursado atuando no ensino primário até o ano de 1976.

A localidade em que lecionou por maior período de tempo foi Marmeleiro Baixo. Uma comunidade que tem suas raízes ligadas ao sistema de faxinal e que preserva essa forma de organização até a atualidade. Em Marmeleiro, atuou ainda como líder comunitário e agente político participando de campanhas em que enaltecia postulantes a cargos eletivos a nível municipal e estadual.

Seus procedimentos e percursos evidenciaram táticas, “maneiras de fazer”, “invenções”, “modos de consumir e apropriações”. As astúcias e os golpes desferidos no campo do “inimigo”, foram possibilitados pela própria conjuntura educacional do estado. Nosso personagem aproveitou as ocasiões, tal como descreveu Certeau (1998, p. 162), pois para este autor,

A ocasião é aproveitada, não criada. É fornecida pela conjuntura, isto é, por circunstâncias exteriores onde um bom golpe de vista consegue reconhecer o conjunto novo e favorável que irão constituir mediante um pormenor a mais. Um toque suplementar e ficará bom.

No próximo capítulo trataremos da trajetória de Albino enquanto rezador e benzedor.

CAPÍTULO III: Ambiente de rezas, benzeduras e outros ritos

*[...] Ele era pobrezinho
Mais cheio de oração
I era muito certinho
Na própria religião
Logo pegô o caminho
Da sua profissão
Cláudio Signori, set/1974*

Neste terceiro capítulo, as atividades no âmbito religioso como espaço praticado. Daremos destaque aos ofícios de rezador e benzedor, ambos exercidos como práticas do espaço. Inicialmente, adotamos a definição de Moura (2011, p. 344) para quem,

[...] um rezador ou uma rezadeira são leigos responsáveis pela realização de orações na comunidade como novenas e terços. Enquanto que benzedor ou benzedeira, refere-se ao sujeito que cura por meio de orações, simpatias e remédios naturais em sua própria casa, sem cobrar por isso.

Essas duas práticas podem ser consideradas como parte das atividades realizadas na região aqui retratada. Até o final da década de 1970, Albino atuou como rezador e benzedor e a partir dessa data se dedicou somente aos benzimentos. Nesta narrativa manteremos a mesma sequência. Num primeiro momento, o enfoque estará no líder cristão da comunidade e nos percursos feitos por nosso personagem no campo religioso. Tais percursos revelam algumas práticas religiosas existentes na comunidade de Marmeleiro durante as décadas de 1960 e 1970.

Conforme escreveu Clifford Geertz (2008, p. 67)

[...] na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão do mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.

O ethos religioso local se expressava num conjunto de práticas vinculadas ao catolicismo, que compunham a tradição religiosa local. Afirma-se que a igreja católica, maior instituição religiosa daquele período, era incapaz de prestar atendimento espiritual às comunidades rurais distantes o que induzia os leigos a professar sua fé por meio de práticas religiosas não institucionais. De qualquer modo, tais práticas diferentes das do catolicismo

oficial, se impunham como normais e adaptadas à realidade local. Dessa conjuntura resultava o ‘estado de coisas atual’.

Os percursos feitos por Albino na condição de líder cristão da comunidade permitirão observar os *modos de fazer* nesse estado de coisas que compunham o campo religioso. A perspectiva religiosa será importante por revelar outro nível de relação verificada no espaço praticado faxinalense: a relação do homem com o transcendente. Contudo, nosso estudo não se move na direção de realidades que estão para além da vida cotidiana. Nosso foco são as práticas que evidenciam algumas características do cotidiano.

Num segundo momento, acompanhando a trajetória de vida de Albino, adentraremos no universo das práticas de cura identificadas em Marmeleiro. A partir do embasamento teórico de Michel de Certeau pretendemos discorrer sobre duas formas de cura: uma *centralizada e expansionista*, expressa no discurso higienista, impositivo, que induz os sujeitos a buscar a cura por meio da medicina oficial; outra silenciosa, qualificada como prática de consumo utilizada por aqueles que, por opção, recorriam aos benzedores (CERTEAU, 1998, p. 39).

A prática de benzimentos tem sua permanência na tradição oral, na transmissão de evocações, orações e discurso que não se pode precisar a origem no tempo. É uma prática que se expressa na arte do dizer. Mas nesse caso, as orações e simpatias utilizadas para a cura e a proteção foram registradas no papel. Identificamos pelo menos 600 manuscritos de autores desconhecidos e do próprio Albino contendo orientações para combater variados tipos de doenças.

As orações e simpatias copiadas ou ditadas, relacionadas ao João Maria, o Monge do Contestado e a menção do seu nome em algumas orações, tem especial significado para a história cultural e social. Esses manuscritos possibilitam a identificação das principais doenças combatidas com benzeduras, os modelos de reza utilizados, os rituais de benzeção e a mística que permeava a busca por “curas” de males físicos e espirituais.

3.1 – Ofício de rezador – com a benção da autoridade civil

Partimos do princípio de que reza é uma ação ou manifestação de fé praticada de maneira individual ou coletiva. Já o termo rezador é um adjetivo atribuído a quem “*reza muito, que é devoto...*”. Emprega-se para designar um sujeito que promove e/ou lidera algum tipo de reza. Podemos dizer que Albino era um rezador por liderar um grupo de rezas cantadas em formato de “*terno*” e, também, por promover orações como a do terço em família. Essas

duas formas de devoção faziam parte de um conjunto de práticas religiosas existentes em Marmeleiro no período a que estamos nos referindo. A reza do terço, segundo a tradição católica, foi introduzida no século XII, pelas ordens mendicantes dos franciscanos e dos dominicanos. Nos mosteiros, rezava-se diariamente os 150 salmos do Saltério. Os monges que viviam peregrinando rezavam 150 ave marias, saltério de Maria. Um terço é a terça parte deste breviário.

Os dados do IBGE para a década de 1960 mostram que a religião predominante no Brasil era a católica, professada por cerca de 93.1%⁸¹ da população. Esse mesmo instituto assegura que nas áreas rurais, o percentual era ainda maior. No interior do município de Rebouças, atingia aproximadamente 98% da população (ACARPA, 1966/67, p. 61).

Albino começou a fazer suas rezas no início da década de 1960 e a única instituição religiosa instalada em Marmeleiro era a Igreja católica. A presença isolada dessa instituição, não permite mensurar o grau de comprometimento dos fiéis com a doutrina, mas o alto índice de pessoas que se declaravam católicos aos pesquisadores da ACARPA, dão indícios de que a religião se constituía como um eixo de referência social. Certeau (1982, p. 143), escreveu que,

[...] a ‘sociedade’ não é um dos pólos de confronto com a religião, mas é o eixo de referência, o ‘modelo’ evidente de toda inteligibilidade possível, o postulado atual de toda a compreensão histórica. Nesta perspectiva ‘compreender’ os fenômenos religiosos e, sempre, perguntar-lhes outra coisa do que aquilo que eles quiseram dizer: é interrogá-los a respeito de um estatuto social através das formas coletivas ou pessoais da vida espiritual; é entender como representação da sociedade aquilo que, do seu ponto de vista fundou a sociedade. Nós pretendemos compreender, referindo-nos à organização de sua sociedade, o que eles disseram, não apenas para justificar, mas para explicar este estatuto social.

Podemos dizer que em relação ao período estudado na localidade de Marmeleiro, o eixo de referência religiosa advinha do catolicismo. A paróquia Senhor Bom Jesus, vinculada a Diocese de Ponta Grossa foi construída em 1946, 16 anos depois que Rebouças tornou-se município. De acordo com o site dessa Instituição havia um *“imenso território com uma população rarefeita de 209 mil habitantes com 38 sacerdotes, sendo 31 religiosos de 5 congregações e cinco congregações femininas. As distâncias eram enormes, as comunicações primitivas”*⁸².

⁸¹ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1950/2000. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf, p. 20

⁸² Discurso proferido por D. Pedro Fedalto, Arcebispo de Curitiba, na Sessão Solene do Cinquentenário da Diocese de Ponta Grossa. Disponível em <http://www.diocesepontagrossa.com.br/index.php?setor=HISTDIOCESE01>

Em lugares distantes como era o caso de Marmeleiro as visitas dos padres católicos eram esporádicas. Tal condição favorecia o desenvolvimento de uma religiosidade dirigida por leigos, mística e devota. As fontes que temos acesso denotam que a religiosidade local se expressava, principalmente, por meio de orações e louvores dirigidos à “Santíssima Trindade” e aos santos católicos. É possível inferir que existiam momentos específicos para a realização das orações. Estes momentos eram as reuniões festivas, as procissões, as novenas, os terços, as celebrações religiosas e os funerais. Os moradores locais que buscavam por meio da fé uma relação com o transcendente, de certo modo, estavam vinculados a esse contexto devocional.

Podemos dizer que o modo pelo qual essas pessoas professavam sua fé foi forjado por décadas a partir da tradição religiosa. Por tradição religiosa, entendemos o conjunto de práticas e valores enraizados nos costumes daquela sociedade (SILVA, 2009, p. 405) que foram transmitidas de geração em geração e ainda se faziam presente no período em que Albino passou a rezar e benzer.

Eva da Luz Lourenço, moradora do faxinal do Marmeleiro nos falou a respeito de algumas características da religiosidade local. Disse que ainda na década de 1960, as festas em homenagem aos santos eram os principais eventos realizados no Faxinal: *quase todos os moradores se envolviam antes, durante e depois dos festejos*. Eva relembra que as festas aconteciam quando ainda era criança...

Naquele tempo tinha bastante igrejinha. Não tinha a igreja grande. Tinha igrejinha nos Rosas, nos Carvalho... do lado casa, no terreno dos moradores. As festas aconteciam nas igrejinhas e nas casas também. Cada igrejinha tinha um santo que eles faziam homenagem. Daí, nos dias de festa, tinha novena, a procissão, o mastro... lá no Turvinho⁸³ até hoje eles erguem o mastro; mas naquele tempo tudo quanto era festa eles erguiam e tinha as rezas também que eles rezavam e cantavam.⁸⁴

Segundo a entrevistada, as festas eram momentos importantes em que as pessoas do lugar e das comunidades vizinhas se encontravam e fortaleciam os vínculos sociais e religiosos. Nerone (2015, p. 149) destaca um desses eventos ocorrido em Marmeleiro no final da década de 1980. Era a festa em louvor a São Sebastião:

⁸³ Turvinho é uma localidade de Rebouças que ainda realiza esse tipo de festa. Após as informações da depoente participamos de um desses eventos ocorridos no dia 25 de dezembro de 2016. Existe uma pequena igreja toda enfeitada e com várias imagens de santos onde são rezadas orações específicas. No dia da visita foi rezado o terço e a ladainha. Em seguida ocorreu uma procissão ao redor da igreja. O levantamento do mastro com a imagem do santo encerrou o evento. Depois os participantes se alimentam de bolos e doces levados por moradores da comunidade.

⁸⁴ Entrevista concedida por Eva da Luz Lourenço a Paulo Gelson Rodrigues em 15/01/2017.

O evento acontece antes da colheita, geralmente no dia 20 de janeiro, porém o santo pode ser festejado no domingo mais próximo a essa data. Em Marmeleiro, essa festa, ou melhor (a reza) como é chamada, tem sido realizada a 37 anos na residência do seu Sebastião Rosa. Em sua casa é conservado um altar com a imagem do santo. Seu Sebastião assim relata: ‘a reza é uma devoção, uma imissão (missão) deixada pelo falecido pai, e assim continua indo. Trazem umas prendinhas para leilão, a gente não pede, mas eles trazem.

Os relatos de Eva da Luz Lourenço e Sebastião Rosa, denotam a existência de dois componentes imbricados nesses eventos: a festa e a reza. Apesar do termo “festa” sugerir a ideia de um todo, parece haver uma distinção sutil. Nerone (2015, p. 149) amparada em entrevistas com moradores locais, se refere aos eventos como “festa”, porém destaca que para alguns participantes as reuniões eram chamadas de “rezas”. A origem dessa diferença talvez esteja na própria composição dos eventos, pois, segundo a autora, havia recreação, leilão, foguetório e interação entre as pessoas. Por outro lado, havia a confecção e ereção dos mastros em homenagem ao santo padroeiro, a entonação de cantos, a realização de procissões, de orações, entre outros. Por serem compostos de atividades recreativas e religiosas alguns se referiam aos eventos como *festa*, outros como *reza*. Na prática, um termo se soma ao outro.

As rezas as quais se referem os entrevistados eram conduzidas por líderes religiosos denominados de *capelães*⁸⁵ ou *rezadores*. Apesar de existir diferenças entre uma denominação e outra, os termos se equivalem e no caso de Albino, chegam mesmo a se confundir. Ele aprendeu a rezar coletivamente de acordo com a tradição cultural dos moradores e passou a promover orações cantadas com um grupo conhecido como *terno*. Nessa formação religiosa, ocupou o posto de capelão. Nerone (2015, p. 153), apresenta um panorama das atividades desses grupos no faxinal do Marmeleiro de Baixo. Segundo relata,

Durante a quaresma, o capelão e sua equipe rezam nas quartas e sextas feiras a recomendação das almas. O grupo (chamado terno), durante a noite, percorre a comunidade em procissão, cantando e rezando orações específicas, parando somente nas casas que possuem uma cruz no pátio ou na mangueira. Por essa razão, quase todas as casas do meio rural possuem cruzes no portão de entrada. A recomendação encerra-se sempre na madrugada, em frente ao cruzeiro da igreja ou do cemitério. Se por acaso ‘dois ternos’ se encontrassem por volta das duas horas da manhã, segundo a tradição, deveriam amanhecer rezando.

A autora se refere ao *terno* como um *grupo* de rezadores. De modo geral, essa é a

⁸⁵ Capelão é o sacerdote, pastor ou padre, a quem se confia de modo estável o cuidado pastoral, ao menos parcial, de alguma comunidade ou grupo peculiar de fiéis.
<http://www.dicionarioinformal.com.br/capel%C3%A3o/>. Último acesso – 30 de outubro de 2016, 15:39.

apropriação que os moradores de Marmeleiro fazem do termo. Durante nossa pesquisa, os entrevistados utilizaram, indistintamente, expressões como: “o grupo do terno”, “as pessoas do terno” “os cantadores do terno”, o “terno do Adolfo Marques”, o “terno do nhô Silvério”, “o terno do professor Albino”. As referências dão indícios de que realmente os moradores entendiam como *terno* o grupo de rezadores/cantadores.

Essa denominação, no entanto, pode ter uma dupla significação. Em outras regiões brasileiras, o *terno* não se relaciona ao grupo e sim ao rito. São utilizadas outras expressões como: “o terno das almas”, “a reza do terno”, “a cantiga do terno”, entre outros. Pereira (2011, p. 1), escreveu que os ritos dessa natureza ocorriam em várias partes do país, principalmente na região Nordeste. Segundo ela, trata-se de

[...] um ritual tradicionalmente relacionado às formas mediterrâneas de lamentação, as quais teriam sido trazidas ao Brasil pelo colonialismo português, especialmente pelos missionários jesuítas. Deixando de lado a limitação originária, diremos apenas que se configuram como manifestações características do catolicismo popular marcadas pela proximidade com religiões afro brasileira. É um rito lúgubre e, algumas vezes demorado. (PEREIRA, 2011, p. 1).

Seguindo a mesma linha de argumentação, na região Nordeste, os grupos de rezadores atuavam durante a quaresma fazendo peregrinações e entoando cânticos em louvor às chamadas “almas santas benditas”. Os grupos eram compostos, majoritariamente, por mulheres e poderiam variar quanto ao número de participantes.

Na comunidade de Marmeleiro, o ritual também era atribuído às “almas” e realizado durante a quaresma nas quartas e sextas feiras, no período da noite. Os grupos eram compostos por um número limitado de cinco pessoas, geralmente, do sexo masculino. Quanto a disposição dos integrantes, os ternos contavam com o capelão que era o líder do grupo, o *segunda voz*, que cantava em tom mais elevado, o *falsete*, também conhecido como *meia voz* ou *voz de fora*, o *tiple*⁸⁶ que fazia a voz mais fina (a função de *tiple*, ocasionalmente, poderia ser feita por uma mulher) e, finalmente, o *contralto* que fazia uma voz grave⁸⁷.

As diferentes apropriações do nome *terno* têm, para nós, um caráter secundário uma vez que o nosso foco não está na terminologia e sim na *prática religiosa* entendida como expressão do cotidiano. De acordo com Darci Gomes, ex integrante do terno do capelão Silvério Rodrigues que atuou em Rebouças até o final da década de 1980, os *ternos* foram

⁸⁶ Maria Magdalena Nerone, amparada na definição de Silvério Rodrigues, apresenta esse integrante do terno com o nome de *dipe*. De acordo com Maria Agatha Rodrigues, filha de Albino, o termo correto é *tiple*. A entrevistada explicou que o termo *dipe* é uma variável cabocla da palavra *tiple*.

⁸⁷ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

trazidos pelos primeiros moradores de Marmeleiro⁸⁸ e a tradição de rezar cantando foi transmitida de pai para filho no decorrer dos anos.

Darci esclarece que as rezas ocorriam em novenas, em velórios e por ocasião de festas em homenagem a um santo padroeiro. Disse que o posto de capelão era ocupado por uma pessoa com *bastante conhecimento* nessa modalidade de reza e que este desfrutava de prestígio social nas redondezas⁸⁹. Conforme pudemos apurar das fontes, Albino realizou as rezas cantadas até os primeiros anos da década de 1970 quando passou a se dedicar a oração do terço em família.

A reza do terço era mais uma prática religiosa bem aceita localmente, porque conforme as anotações deixadas por Albino, entre agosto de 1972 a setembro de 1975, cerca de 152 famílias receberam a reza do terço nas suas residências. De acordo com Maria Agatha Rodrigues, as solicitações de rezas ocorriam a pedido do capelão ou do morador sendo que a principal motivação era o fortalecimento da fé cristã. Maria esclarece que havia um número considerável de solicitações por ocasião do falecimento de algum membro das famílias⁹⁰.

Existem pelo menos 03 (três) cadernos de assinaturas contendo registros de permissão para que as orações fossem feitas. O ato de solicitar a assinatura da família que receberia a reza em sua casa não fazia parte do ritual cristão, não é prescrito em ritos oficiais nem é coisa conhecida nas pesquisas sobre o tema. Não tinha representatividade legal, mas garantia a transparência da prática. A aposição do nome dava o respaldo, mas a responsabilidade sobre o conteúdo das rezas cabia ao rezador.

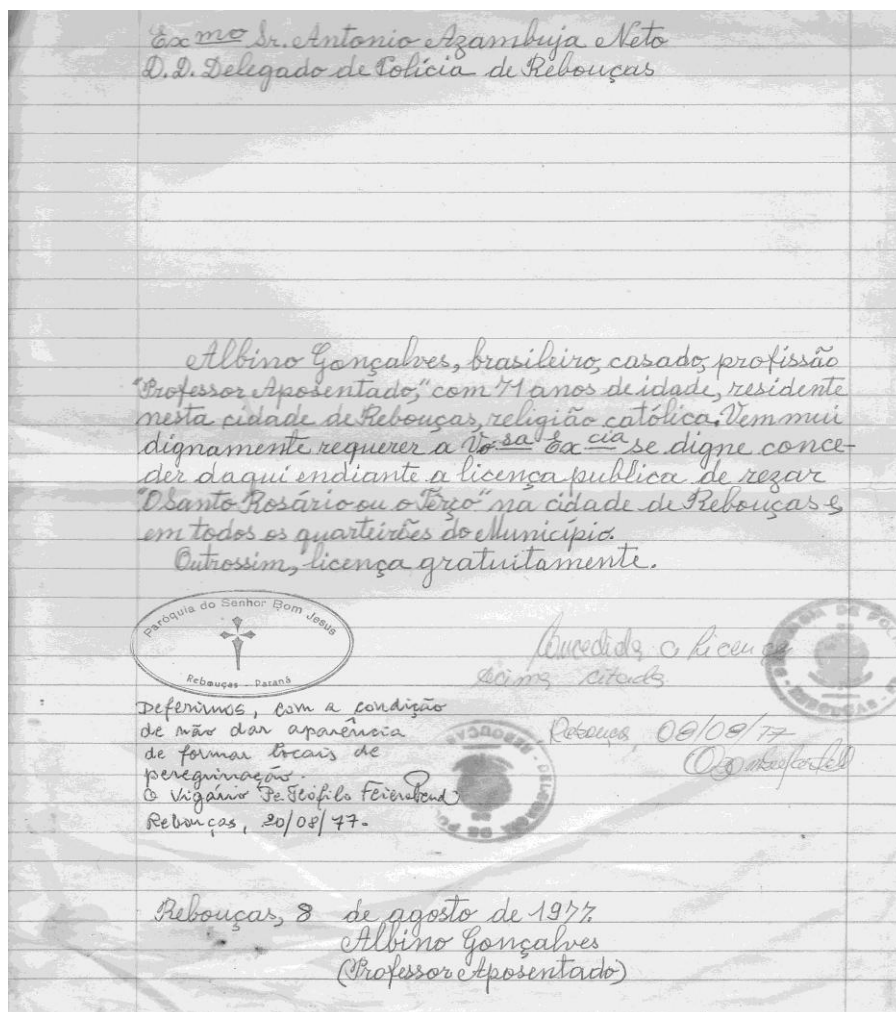
Albino era o único rezador de que temos conhecimento que contava com uma autorização legal e civil para rezar em público. Há uma autorização entre as fontes, datada de 08 de agosto de 1977, em que o delegado de Polícia Antônio Azambuja Neto, concede a licença pública para que ele pudesse rezar o “santo terço” na cidade de Rebouças e em todos os bairros do município. Mas isso não é tudo. O padre vigário Teófilo Feierabend também concede autorização ao rezador, no mesmo documento sob a condição de que a reza deveria “*não dar aparência de formar locais de peregrinação*” no município.

⁸⁸ Entrevista concedida por Darci Gomes a Paulo Gelson Rodrigues em 10/12/2016.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

Permissão para reza de terço.



Fonte: Acervo de Almino Gonçalves

A condição imposta pelo vigário pode ser vinculada a um acontecimento local do final da década de 1960. Nesta época, passou por Rebouças a líder de um movimento messiânico de nome 'Ilda Aparecida Serpe'. A personagem, oriunda da cidade de Nonoai, no Rio Grande do Sul, teria percorrido várias cidades do Sul do Brasil, até chegar à Rebouças no ano de 1968. Dezenas de pessoas a seguiam em peregrinações realizadas no interior e na cidade⁹¹.

A figura 8, arquivada por Almino, é retrato tirado em frente ao cemitério municipal de Rebouças. Ilda aparece no centro da imagem trajando roupas na cor preta. Uma coroa de flores sobre o pescoço e o terço na mão, completam a indumentária. Nota-se a presença de alguns seguidores. Rodriguez relatou que *a maioria das pessoas que a seguiam, moravam na*

⁹¹ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

*cidade e outros vinham do interior do município*⁹². Diz que não era possível definir o público que a acompanhava pois havia muitos curiosos participando diretamente das peregrinações ou observando à distância. Para essa contemporânea aos fatos, algumas pessoas acreditavam numa possível “santidade” de Ilda, “mas a maioria seguia mesmo por curiosidade”.

Figura 7. Fotografia de Ilda Aparecida Serpe em Rebouças - 1968



Fonte: Acervo Albino Gonçalves.

As peregrinações de Ilda causaram alvoroço na cidade, dividindo a população entre grupos de favoráveis e de contrários ao movimento. A oposição da igreja católica em relação às peregrinações teria acirrado ainda mais os ânimos da população, sendo necessária a interferência de autoridades civis e políticas locais para mediar o conflito. Ilda seguiu em frente rumo à cidade de Irati. Mas toda esta movimentação e mesmo a posição do pároco em relação à Albino pode ter vínculos ainda mais antigos.

Há registros da presença de líderes de movimentos messiânicos nos séculos XIX e XX, em todo o Brasil. João Maria de Agostinho era um deles. Atuou na região do Contestado e exerceu influência nas redondezas, inclusive em Marmeleiro. Albino possuía várias anotações referentes ao Monge e algumas fórmulas reputadas ao peregrino João Maria eram utilizadas para curas e benzimentos. Ele tinha fama de curador e milagreiro. As histórias de seus prodígios fervilhavam e ainda povoam intensamente o imaginário religioso local.

⁹² Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

Academicamente fala-se de movimento messiânico ou de religiosidade popular mas

Não existe um padrão linear para enquadrar os movimentos como tipos empíricos. Eles se manifestam sempre em direção contrária as instituições religiosas e oficiais: herdaram símbolos das religiões tradicionais, mas fazem uma releitura desses símbolos, das festas e da mística de uma religião popular, canalizados por seus líderes carismáticos. A dinâmica de sua formação se dá com a mobilização de pessoas e grupos: são fenômenos de ação coletiva gerados por inúmeros motivos, ligados às necessidades e desejos insatisfeitos, mas considerados vitais para a sobrevivência individual ou grupal. Após o período inicial de explosão, os movimentos tendem a se organizar, caso não sejam reprimidos pela ordem social. (NEVES, 2015, Apud NEGRÃO, 2011, p. 81).

No caso de Ilda Aparecida Serpe, as fontes são escassas. Existem fotografias e relatos de contemporâneos aos acontecimentos. Afirma-se que após deixar o município de Rebouças, Ilda foi presa pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), próximo a Engenheiro Gutierrez, município de Irati.

Podemos dizer que o catolicismo da hierarquia é uma produção centralizada, barulhenta e expansionista enquanto que as práticas dos leigos tais como a de Ilda são consumos. As práticas da religiosidade não hierarquizadas são as formas de consumo dos praticantes desse tipo de religião.

É bem possível que o fim da beata Ilda tenha influenciado a decisão de Albino para procurar a aprovação legal junto ao delegado e ao pároco. Além disso, ele também solicitava a permissão assinada dos membros da família em que as rezas ocorreriam⁹³. A fórmula para tal permissão era sempre a mesma: *concedemos a licença ao professor Albino Gonçalves de rezar o santo terço em nossa casa, hoje, dia...* Esse trecho introdutório era escrito pelo próprio Albino cabendo às pessoas apenas a assinatura.

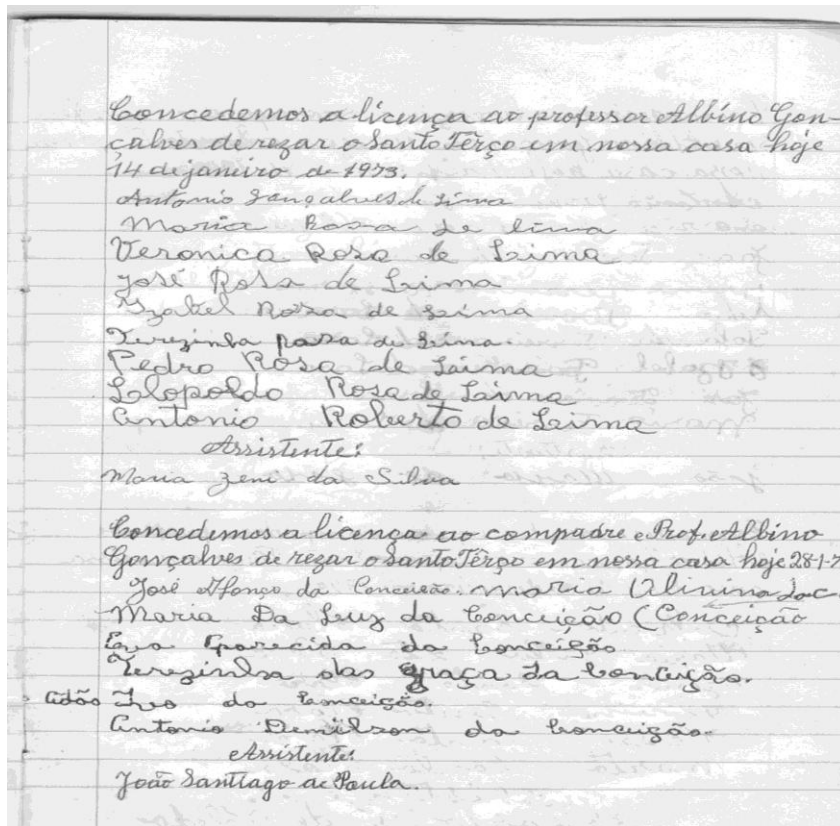
Essas cartas de autorização reúnem informações importantes a respeito da sociedade local. A ordem das assinaturas indica, talvez por orientação do próprio rezador, um padrão familiar daquela localidade: a família nuclear composta do pai, da mãe e dos filhos. Nos registros evidencia-se a hierarquia de poder vigente nas famílias. Primeiro, assinava o pai na condição de chefe da família, depois a mãe e na sequência os filhos, netos e demais pessoas presentes na reunião. Somente depois da aposição dos nomes iniciavam-se as orações. Se alguém da família não sabia escrever, outra pessoa assinava em seu lugar. Quando ninguém era alfabetizado, o próprio Albino ou um auxiliar denominado *assistente* registrava a presença de todos.

⁹³ Idem.

O assistente era uma pessoa escolhida pelo rezador, que o acompanhava nas visitas e o auxiliava nas orações. Poderia ser do sexo masculino ou feminino, adulto ou idoso, mas nunca criança. Isso era uma prática diferente da adotada nos cultos oficiais do catolicismo onde os ajudantes litúrgicos chamados de coroinhas são crianças.

Nas rezas do terço em casa, para cada reunião um novo auxiliar era nomeado de modo a não atribuir essa função a mesma pessoa. O assistente não deveria pertencer à família anfitriã embora, esporadicamente, verificam-se exceções ao consultar a documentação. Esse ajudante assinava o caderno em local específico, destacando a sua condição diferenciada no ritual conforme se verifica no documento abaixo.

Cópia do caderno de registros de permissão para a reza do terço.



Fonte: acervo de Albino Gonçalves.

Nas 152 (cento e cinquenta e duas) concessões de reza, em pelo menos 47 (quarenta e sete), aparece a expressão *concedemos licença ao compadre e professor*⁹⁴. Em 12 (doze) registros, somente a expressão *compadre* e em uma, a palavra *padrinho*. As relações de

⁹⁴ Apesar de Albino ser visto como rezador ele não se define como tal. Albino se define como um professor que reza. Informação extraída junto à documentação do personagem.

compadrio, herança portuguesa, foram utilizadas desde o Brasil colônia, principalmente entre escravos e senhores. Conforme esclarece FREIRE (2004, p. 6),

O compadrio estabelecido a partir do batismo, tem significado. Por meio dele os escravos adquiriam laços de solidariedade e cooperação que redimensionavam o seu cotidiano, garantindo-lhes espaço de sociabilidade e convivência. Dentro do sistema escravista, ao criar um parentesco espiritual, o compadrio era usado pelos cativos como estratégia de sobrevivência. A família escrava representava neste aspecto um fator de importância primordial na consecução desses laços de solidariedade. (...) Tais laços também tinham uma dimensão social fora da estrutura da igreja. Podiam ser usados para reforçar laços de parentesco já existentes, solidificar relações com pessoas de classe social semelhante, ou estabelecer laços verticais entre indivíduos socialmente desiguais. Construído na igreja e projetado para dentro do ambiente social 'o compadrio significava mais que tudo, a consecução de um laço que atava, a beira da pia batismal, os pais da criança e seus padrinhos.

Nas localidades do interior de Rebouças e região, dentre elas a de Marmeleiro, os vínculos não se firmavam apenas no batismo oficial realizado pelo ministro da igreja católica. Os pais batizavam os filhos em casa, em pequenas igrejas localizadas em terrenos particulares, no olho d'água do profeta João Maria e na 'santa'⁹⁵ de São João do Triunfo. Os batizados *informais* são realizados atualmente e podem ser considerados como uma forma de consumo dos praticantes dessa religiosidade frente às normas estabelecidas pela hierarquia. Mas convém ressaltar que, a própria doutrina oficial do catolicismo prevê que em caso de perigo iminente qualquer cristão pode ministrar o batismo. Na região dos faxinais esses sacramentos ocorrem como forma de pagamento de promessas⁹⁶ feitas a "santos" de devoção por ocasião de *graças* alcançadas. Havia, ainda, a possibilidade de fortalecer os vínculos de compadrio por intermédio dos sacramentos católicos do crisma e do casamento⁹⁷.

Num período de 15 anos Albino foi escolhido como padrinho de pelo menos 57 pessoas somente na localidade de Marmeleiro. O título não era conferido apenas a quem batizasse alguém, mas também para quem crismasse e para quem fosse testemunha de casamento. É bem provável que boa parte dessas cerimônias, especialmente batismos, tenham ocorrido às margens de olhos d'água de São João Maria.

⁹⁵ A santa a que se refere a entrevistada é uma imagem de Maria que está localizada no Parque municipal Gruta Imaculada Conceição na cidade de São João do Triunfo/Pr.

⁹⁶ De acordo com a entrevistada as promessas consistiam em pedidos pela vida da mãe e da criança durante o parto e nos primeiros anos de vida, período em que o índice de mortalidade infantil era relativamente alto no município. Os dados obtidos pelos técnicos da ACARPA confirmam o alto índice de mortalidade infantil. Pelo menos 26,28% das famílias rurais de Rebouças declararam ter tido pelo menos 1 (um) filho (a) morto antes de um ano de vida. ACARPA 1967/68, p. 60.

⁹⁷ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues a Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

Segundo Rodrigues (2016) ele não era o único, *outras pessoas de idade chegavam a ter quase 100 afilhados durante a vida*. Ela explica que nos batizados realizados na igreja, pessoas de menor poder aquisitivo, priorizavam compadres considerados como gente de uma hierarquia social superior uma vez que era costume os padrinhos vestirem⁹⁸ os afilhados. Mas devemos destacar que para as cerimônias realizadas em casa, no olho d'água ou na *santa*, escolhiam pessoas no mesmo nível econômico o que indica, mais uma vez, o ritual como uma prática de consumo, um desvio de finalidade.

As fórmulas para os batizados realizados em casa variavam, mas conforme a documentação consultada no Marmeleiro os padrinhos deveriam proferir as seguintes palavras:

Fulano de tal...eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Enquanto diz essas palavras, os padrinhos molham um raminho de arruda num copo com água benta e molha a testa da criança. Os pais abençoam o filho com o sinal da cruz. Depois reza três Pai Nossos, três Ave Marias, um Creio e uma Salve Rainha⁹⁹.

Lourenço (2016) relatou que a maioria dos moradores de Marmeleiro costumavam batizar em casa. Disse que nessas cerimônias era comum os padrinhos sugerirem nomes ou sobrenomes para os afilhados¹⁰⁰. Esse costume poderia causar situações embaraçosas e confusões na identificação e localização de algumas pessoas. A entrevistada citou o caso de um morador local conhecido em todas as redondezas pelo nome de Gilberto (nome de batismo na casa) quando seu nome de batismo na igreja e na Certidão de Nascimento é Antônio Fagundes dos Santos. Depois acrescentou que suas duas filhas receberam um sobrenome no batismo de casa, mas que não foram usados no batismo da Igreja.

De acordo com Moreira (2015, p. 3) os batizados, independentemente da forma com que fossem realizados, eram cerimônias importantes uma vez que possibilitavam o estabelecimento de parcerias e de aliados no processo educacional dos filhos, ou mais que isso conforme destaca a autora,

O próprio apadrinhamento sacramentado na pia batismal possuía duplo valor: para a igreja era a garantia de que, caso os pais viessem a faltar, os batizando

⁹⁸ A indumentária era uma vestimenta na cor branca, composta de: “macaquinho”, touca, luvas, meias, mantas e, ocasionalmente, um cobertor conforme a disponibilidade financeira dos padrinhos.

⁹⁹ Albino Gonçalves, 1967.

¹⁰⁰ A entrevistada Eva da Luz Lourenço informou que as sugestões de nomes vinculavam as crianças aos santos ou personagens da igreja católica. Assim, se a criança nasceu no dia em que a igreja católica festejava São Francisco, era comum dar o nome a criança de Francisco ou Francisca. Se o nascimento ocorreu no período natalino católico sugeriam colocar o nome escolhido acrescentando o sobrenome *de Jesus*. Segundo comentou os sobrenomes mais indicados eram *da Aparecida, de Jesus, de Deus, de Fátima*, entre outros.

teriam outros responsáveis pela sua jornada espiritual e a manutenção da fé católica. Essa responsabilidade, ao ser (re) apropriada pela população, passou a ser vista como meio de estabelecer vínculos afetivos e de proteção mútua, bem como a garantia de que, na falta dos pais para as crianças, alguém se responsabilizaria pela criação das mesmas.

O batismo em casa, na santa ou no olho d'água era uma garantia de que os laços estabelecidos entre pessoas da mesma condição econômica tais como os membros de um faxinal fossem garantidos e que o vivido no faxinal fosse reproduzido. No caso de Albino, por ter batizado um afilhado de nome Ricardo, adotou o menor que fora abandonado pelos pais. Mais tarde Ricardo foi registrado como filho legítimo de Albino.

Os moradores do Marmeleiro no período de abrangência da documentação conservada por albino utilizavam seus *modos de fazer* professando sua fé de um modo próprio, frente a uma ordem centralizada, barulhenta e expansionista. Identificamos práticas religiosas que nos levaram a um ambiente de fé e devoção em que Albino aparece como liderança. Seu período como rezador teve duração efêmera (mais ou menos 20 anos). Mas trata-se de um espaço em que se reza e se benze.

3.2 – Medicina barulhenta e espetacular – consumo pela reza

A documentação deixada por Albino nos conduz a um espaço cotidiano de práticas de curativas existentes em Marmeleiro. Podemos discorrer sobre duas dessas práticas: a medicina alopática calcada no cientificismo e realizada por profissionais médicos e as práticas de cura e benzimento, calcada nos saberes populares e realizada por benzedores.

A medicina oficial associa-se a uma produção centralizada, impositiva, racionalizada e barulhenta (CERTEAU, 1998, p. 39) expressa no discurso médico higienista. Em termos de Paraná, no início do século XX ela apresenta-se com um objetivo bem definido: superar a condição de 'atraso' verificada na área da saúde em todo o Estado.

De acordo com Larocca (2010, p. 154)

Nas primeiras décadas do século XX, ideais de progresso circulavam na sociedade paranaense, apontando para mudanças culturais que acabaram por desenvolver certa intolerância ao antigo. Modernizar foi uma das ideias centrais defendidas por membros da intelectualidade local o que fez da higiene pedra de toque. Intelectuais paranaenses – com destaque para os médicos – produziram explicações sobre o atraso local e apresentaram possibilidades de higienizar e civilizar a terra mais europeia do Brasil.

Para Jans Jr (2010, p. 106), nessa produção,

[...] os médicos assumiram uma posição social destacada. Institucionalmente superior às outras profissões, a medicina acabou sendo o campo científico mais próximo aos problemas sociais da época, alcançando influência e poder. O desenvolvimento e surgimento de novas técnicas e o conhecimento proporcionado pela moderna ciência experimental, credenciaram os médicos a serem os principais responsáveis pelo combate às doenças no Brasil.

De certo modo, o início do século XX é caracterizado por essa lógica na área da saúde pública. Há um discurso de “progresso” e “modernidade” frente ao “atraso” e ao “antigo”. No tratamento de doenças a medicina acadêmica e científica ocupou lugar destaque, posição que ostenta até a contemporaneidade.

Mas há, nesse período, outra forma de produção mais *silenciosa*, classificada como de *consumo*. (CERTEAU, 1998, p. 39). Ela acontece à margem da medicina oficial e, na região em estudo, tem como principais expoentes os benzedores como podemos depreender da documentação consultada. Talvez porque quase não se fazem notar, nem tampouco almejam uma posição de destaque, embora muitos a desfrutem. Historicamente, ocuparam uma posição marginal, mas nunca deixaram de existir. Frente às imposições de uma produção centralizada e amparada na *ordem* médica, as pessoas inventam e recorrem à divindade, às simpatias e aos benzedores.

Maria Agatha Rodrigues contou que o “chamado” à Albino para o ofício teria ocorrido no ano de 1944, após o falecimento de uma de suas filhas de nome Éva da Silva Gonçalves. O falecimento teria ocorrido quando a criança estava com dois anos e onze meses de idade. A causa, uma combinação errada de remédios receitados por uma benzedeira. O esclarecimento sobre os efeitos negativos da “mistura” de remédios foi dado pelo Dr. Severo de Almeida Neto que na oportunidade assinou a Certidão de Óbito da criança. O fato teria ocorrido no ano de 1944¹⁰¹.

O laudo médico mencionado por Maria Agatha indica a tensão existente entre as duas formas de prática medicinal. De um lado a representada pelo Dr. Severo de Almeida que demarcou sua posição acusando a benzedeira de um erro na prescrição de remédios. De outro, a mulher que foi acusada de fazer combinações erradas de remédios. A entrevistada não se posiciona a respeito, mas explica que foi a partir desse momento que Albino decidiu ser benzedor o que não deixa dúvida alguma a respeito da vitalidade da cultura local e do consumo destes praticantes do espaço cotidiano frente ao discurso médico, na época retratada pelos documentos.

¹⁰¹ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues à Paulo Gelson em 11/11/2016.

Quanto a Albino, praticava benzeduras desde 1944, mas foi a partir do final da década de 1970 que se dedicou exclusivamente a essa atividade. Contrariando, de certa forma, a lógica de que a tradição de benzer se assenta sobre a oralidade e a fala, registrou suas formulas no papel. Os manuscritos de benzedura deixados por ele permitiram identificar as principais doenças tratadas por meio desses rituais e a mística que permeava a cura de certos males tanto físicos como espirituais. São doenças típicas que, possivelmente, se manifestavam em maior quantidade na região. Enfermidades ligadas à rotina no campo, e muitas delas, ao imaginário cultivado na região. Basicamente benzia pessoas, mas as demandas poderiam ser extensivas à casa, à roça, ao trabalho, aos objetos, aos animais, entre outros.

Podemos falar das práticas de médicos e benzedores não na perspectiva do confronto aberto, mas da coexistência e consumo. O intuito é evidenciar que paralelo a uma produção barulhenta e espetacular existe uma produção silenciosa qualificada como prática de consumo, utilizada pelas populações.

O relatório percentualizado produzido pelos técnicos da ACARPA na década de 1960, teve por objetivo de fornecer subsídio ao governo para implantação de políticas públicas de apoio as pessoas do meio rural. O texto traz as seguintes informações:

A maioria das residências verificadas no interior do município de Rebouças tem de 20 a 80 m² e dividem-se em cozinha, sala e um a dois quartos. As principais peças das casas são a cozinha e os quartos, pois é nelas que as pessoas passam o maior tempo. Nas cozinhas 27% das famílias possuem fogão econômico e 72,5% fogão de tijolos. Nos quartos o número de camas não é suficiente para proporcionar aos membros da família, condições adequadas de repouso. A média é de 3 (três) pessoas por cama de casal. Apenas 11,5% das casas possuem banheiro. O chuveiro é adotado por apenas 5,1% das famílias rurais do município. Do total de propriedades verificou-se que somente 1,3% possuem água encanada. As formas de abastecimento de água são de três origens: poço 55,8%, fonte (olho d'água) 35,3%, e 8,9% das famílias utilizam água de rios. A maior parte das famílias lançam as águas usadas no terreiro próximo à casa. O lixo maior é jogado no terreiro onde é abandonado, queimado ou usado para adubo. Menos da metade da população rural (47,4%) dispunham de privadas. O local de lavagem de roupa mais frequente é próximo à casa utilizando tanques (de madeira) com tábuas de esfregar. Cerca de 40% das famílias usam lavar roupas em rios. (ACARPA, 1960, pp. 47 a 60).

No relatório, os técnicos constroem um perfil, bem ao modo higienista, das moradias existentes no meio rural reboucense. Apresentam uma descrição matematizada dos ambientes, do mobiliário existente nas casas ou da falta deles e de certos aspectos da vida social relevantes para seus propósitos.

Na ótica da produção racionalizada, na situação descrita, destacam-se as coisas

consideradas como atraso e sinalizam-se os problemas que, nessa ótica, poderiam ter consequências prejudiciais para a saúde das pessoas. Falta de saneamento básico, aglomeração em espaços limitados, deficiências relacionadas à higiene do corpo, descarte de lixo no entorno das casas, fazem parte da lista resultante. Basicamente, é a descrição de um faxinal.

A construção é de um cenário que demandava atenção especial dos higienistas, de médicos como o Dr. Severo e atenção direcionada do poder público. A síntese dos dados coletados pelos técnicos da ACARPA corrobora com essa ideia. Foram registrados percentuais significativos de doenças que se manifestavam com maior incidência nas crianças. No topo da lista, estão: Sarampo (70,5%), verminose (60,8%), varicela (46,1%) e coqueluche (29,5%),¹⁰² (ACARPA, 1967/68, p. 59). Das quatro doenças citadas, três são infecciosas (sarampo, varicela e coqueluche) e transmitidas de uma pessoa para outra. Como as casas eram em tamanho reduzido (20 a 80 m²) e o número de pessoas relativamente alto (de 6 a 8 pessoas em média), é possível que as moléstias fossem transmitidas de um familiar para outro.

Os dados da pesquisa de campo levam a vaticinar que as camas “*eram insuficientes para proporcionar aos membros das famílias condições adequadas de repouso*”, ou seja, parece o efeito de uma moral vitoriana. A verminose, tida como grande vilã no discurso sanitarista, aparece como a segunda doença mais frequente. Seria relacionada à falta de água tratada, limitação do número de sanitários, entre outros. Os técnicos garimpavam dados segundo os quais apenas 1,3% de famílias possuíam água tratada. As demais buscavam água em locais alternativos como: “poços”, “olho d’água” e “rios”. O abastecimento de água nesses locais poderia constituir um problema, pois menos da metade das residências (47,4%) possuíam privadas. Logo, os excrementos humanos das famílias que não possuíam privada, eram lançados próximos da casa¹⁰³. Além de contaminar o solo e as plantas, corriam o risco de serem carregados pela chuva até os poços, fontes e rios. O resultado imediato seria a contaminação por verminoses causadoras de doenças como a cisticercose,¹⁰⁴ entre outras.

Por essa nova lógica que chegava à região dos faxinais por essa época, melhor seria lançar os resíduos fecais da população diretamente nos lugares de água corrente. Por esse

¹⁰² De acordo com a entidade responsável pela síntese dos dados, os percentuais apresentados indicam que já houve determinada doença na família. Não devem ser confundidos com a existência no momento atual da pesquisa.

¹⁰³ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues à Paulo Gelson em 11/11/2016.

¹⁰⁴ A cisticercose é uma doença causada pelo consumo de água ou de comida contaminada com ovos do parasita *Taenia solium*. Os ovos são liberados através das fezes de um indivíduo com teníase, podendo contaminar o solo, a água, ou os alimentos que depois serão ingeridos por humanos, porcos ou bois. Disponível em: <http://vivomaissaudavel.com.br/saude/clinica-geral/cisticercose-ma-conservacao-dos-alimentos-pode-causar-infeccao/>. Último acesso 19/03/2017.

ângulo, a racionalidade higienista adotada pela ACARPA não teria quase nada de ecológica. Então, poderia ser pensada como outra forma de colocar no mercado uma série de produtos tais como vacinas, antibióticos, louças sanitárias e produtos da indústria moveleira, esta em ascensão na região.

O mesmo relatório destaca a existência de certas doenças mais graves na região a que Albino irá dedicar boa parte de seu tempo para benzer: tifo, crupe, poliomielite, varíola e meningite. Tal quadro somava-se às Mensagens de Governo, das décadas de 1960 e 1970, em que outras doenças aparecem como de grande incidência no interior do Estado, entre elas: tétano, febre amarela, esquistossomose e doença de chagas. (PARANÁ, 1970, p. 127). Certamente que no ambiente em estudo algumas dessas doenças também se faziam presentes. Mas devemos considerar que se trata de um mapa desenhado unilateralmente, uma vez que nenhum contraste aparece como de saúde pelo menos razoável.

As agências governamentais se propuseram a “*mobilizar a máquina pública para vacinação*”. Mas houve uma limitação para atender a demanda. Segundo informações da ACARPA, no município de Rebouças somente para varíola, tifo, poliomielite e crupe havia vacinação regular. Em outras regiões do interior do Estado, a situação parece ainda mais grave. O atendimento mostrava-se deficitário ou ausente o que nos leva a perceber que a solução higienista tem suas falhas. Seus defensores argumentavam que,

Para atender em caráter permanente, a população do interior havia a necessidade de aumentar o número de unidades sanitárias nos municípios. Até 1965 existiam 120 unidades no Estado para um total de 288 municípios, o que quer dizer que na sua grande maioria não havia nenhum tipo de assistência oficial, sendo de notar que em um quarto deles sequer havia um único médico, mesmo em caráter particular. (PARANÁ, 1970, p. 128).

As Mensagens de Governo constroem um quadro de que os problemas sociais e de saúde pública identificados nas primeiras décadas do século XX estavam, ainda, muito presentes no final século. A situação de Rebouças nesse período então reflete, em parte, a conjuntura do Estado. Atuavam no município apenas 1 (um) médico e 3 (três) dentistas. (ACARPA, 1960, p. 44).

Considerando que na década de 1960, Rebouças já contava com mais de dez mil habitantes,¹⁰⁵ supomos que, do ponto de vista higienista, esses profissionais não conseguiam oferecer atendimento satisfatório à população que se encontrava dispersa pelo município. O

¹⁰⁵ Dados obtidos no site do IBGE referente à década de 1970, disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4121505/pesquisa/43/2010>

levantamento da ACARPA expressa que 77,56% dos moradores de áreas rurais consultavam médicos quando acometidos por uma enfermidade. O dado pode ser considerado como fantástico ou contraditório visto que havia apenas um médico para atender os moradores: ou pouquíssima gente ficava doente, ou os dados foram manipulados, ou as (os) depoentes burlaram a resposta, ou consideravam benzedores e curandeiros como médicos.

Ocorre que neste mesmo levantamento, 24,35% dos entrevistados disseram recorrer a benzedores e 42,94% a curiosas¹⁰⁶. (ACARPA, 1960, p. 60). O termo para categorização das parteiras é um indício quase cabal a respeito da produção centralizada e racionalizada pela qual eram informados aos técnicos realizadores das questões dirigidas aos reboucenses naquela ocasião. Seria bem irônico saber qual o motivo da curiosidade dessas senhoras de vida simples que se deslocavam a longas distâncias, sem horário previsto, por caminhos ínvios para atender mulheres pobres que entraram em trabalho de parto.

Previsivelmente, o número de pesquisados a declarar-se como clientes de benzedores é proporcionalmente inferior ao de pessoas que disseram recorrer aos médicos para tratamento de doenças. É bem possível que o percentual dos recorrentes a benzeduras fosse muito maior uma vez que os benzedores combatiam uma gama bem maior de enfermidades. Tratavam doenças do corpo e da alma e ainda realizavam rituais específicos de proteção da casa, da roça, dos animais, etc.

Com base na documentação identificamos certas doenças que não aparecem no relatório da ACARPA nem nas Mensagens de Governo. Algumas parecem demandar atendimento médico especializado, outras aparentam ser especialidades de benzedores. Agrupamos essas enfermidades numa tabela e dividimos em três quadros contendo “doenças” benzidas em homens, em mulheres e em crianças. Apesar das moléstias serem comuns a ambos os sexos, haviam variações que justificam a organização proposta. Por fidelidade aos manuscritos, o nome de cada doença foi descrito tal como estava registrado nos papéis.

Tabela 7: Doenças combatidas com benzimentos

Doenças benzidas em adultos (masculino)	Doenças benzidas em adultos (feminino)	Doenças benzidas nas crianças
Mordida de animais e insetos, machucadura, rendidura, dor de iscadura, ¹⁰⁷ queimadura, ferimentos com	Mordida de animais e insetos, machucadura, rendidura, dor de iscadura, queimadura, ferimentos com ferramentas ou	Ar, vermes, bichas, quebranto, dor de dente, dor de cabeça, urina solta, asma, bronquite, criança que come terra, bernes, íngua, pisar em prego,

¹⁰⁶ Parteiras não diplomadas.

¹⁰⁷ Coluna vertebral.

ferramentas ou armas, pisar em prego, dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, doenças da garganta, caxumba, doença dos olhos, hérnia, reumatismo, hemorroidas, folego, asma, cobreiro, desencanto, mau olhado, para livrar-se de feitiço, entre outras.	armas, pisar em prego, dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, doenças da garganta, caxumba, doença dos olhos, hérnia, reumatismo, hemorroidas, folego, asma, cobreiro, desencanto, mau olhado, para livrar-se de feitiço, doença nos seios, recaída, problemas de gravidez, hemorragias, entre outras.	machucaduras, mordida de animais e insetos, dor de ouvido, sapinho, tosse comprida, tirar medo, macaca, desmamar, caxumba, entre outros.
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados extraídos dos manuscritos de Albino Gonçalves.

O quadro acima mostra que a maioria das enfermidades combatidas com benzeduras, estavam relacionadas à rotina de trabalho do homem do campo, ou seja, a um espaço bem diverso daquele concebido pelo higienismo. As orações e simpatias indicam que as pessoas recorriam aos benzedores quando eram picadas por animais peçonhentos, quando se tornavam vítimas de machucaduras, luxações, ferimentos e pequenas queimaduras. Alguns buscavam cura para dor de cabeça, dor de ouvido, doença dos olhos, dor de garganta e dor de dente. Outros, por cobreiro, caxumba, ínguas, hérnia, asma, etc. O conceito de contágio e de epidemias não se fazem presentes aqui.

Picadas de bichos peçonhentos são características de um espaço de convívio entre humanos e não humanos, não esterilizado nem ascético. Luxações e machucaduras seriam consequências do esforço físico e do trabalho braçal. Ferimentos poderiam resultar de incidentes domésticos, do manuseio de ferramentas e assim por diante.

Nota-se que a maioria das enfermidades apontadas era comuns a homens e mulheres. Estas, no entanto se tornavam suscetíveis a doenças típicas do sexo feminino, como: *feridas nos seios, recaída, hemorragias e complicações durante e depois da gravidez*. Adil Gomes ex morador da comunidade de Marmeleiro disse que foi beneficiário de algumas destas benzeduras. Diz que, de fato, existiam várias doenças tratadas por benzedores. Algumas se manifestavam em pessoas, outras em animais. Em relação às pessoas, nos idosos se benzia *dores próprias da idade*. Nos adultos benziam *mais machucaduras, dores no corpo...* Nas crianças se benzia contra *sapinho*¹⁰⁸, *ar*¹⁰⁹, *bichas*¹¹⁰ e *quebranto*¹¹¹. *E venzia (benzia)*

¹⁰⁸ Sapinho é o nome popular dado a candidíase oral, chamada também de monilíase oral. É uma infecção da orofaringe provocada pelo fungo *Candida albicans*. Disponível em :

*bastante as crianças quando as mães iam apartar do peito para não atacar as bichas.*¹¹²

Em seu depoimento, Adil explica que na infância a dor de dente era um dos principais motivos de solicitação de cura. Conforme relatou,

Naquele tempo as crianças pobres que nem a gente quase nem conhecia dentista. Os pais não tinham o costume de levar no dentista... só os mais ricos. Quando era 14, 15, 16 anos as crianças já estavam todas com os dentes podres. Daí o recurso era levar no curador. Daí ele rezava, ensinava os remédios... as vezes era fazer gargarejo com pinga ou colocar um algodãozinho com arco no oco do dente para amortecer. Depois duma idade quando via que não tinha jeito, daí que vinha para a cidade, mas era para arrancar os tocos de dente que ficaram e por chapa. Lá no Marmeleiro tinha bastante gente que gostava de pôr chapa com dente de ouro.¹¹³

O espaço de consumo da produção ruidosa da medicina científica/alopática é composto por práticas tais como, simpatia para desmame, ar, bichas, sapinho, dor de dente, mas também simpatias “*contra piolho de cabeça*”, para “*curar pulga de pé*” e etc. Nessa câmara de convívio entre os humanos e não humanos, os agentes de saúde do corpo e da alma deparavam-se com estas demandas. Não sabemos ao certo da eficiência de seus métodos, mas a duração deles indica algum proveito.

Albino guardou, também, orações e fórmulas¹¹⁴ consideradas pelos higienistas e sanitaristas como meras superstições. São indicadas para curar *desencanto*¹¹⁵, *medo*, *susto mau olhado*,¹¹⁶ *para livrar-se de feitiço e proteger o corpo*. Classifica-se, então como

<http://www.mdsau.de.com/2013/11/sapinho-candidiase-oral.html>. Último acesso: 04/02/2017.

¹⁰⁹ Segundo Maria Agatha Rodrigues muitas crianças e inclusive adultos poderiam portar *ar vivo*, *ar morto*, *ar de estupor*, *ar arenegado*, *ar de paralisia*, *ar excumungado*. Para ela era uma espécie de força negativa que poderia de apossar da pessoa e se manifestar no corpo ou na alma.

¹¹⁰ *Ascaris lumbricoides*.

¹¹¹ Quebranto ou quebrante é um feitiço ou mau olhado lançado às vezes sem querer. Ao ficar com quebranto a pessoa desenvolve sintomas como: abatimento, febre, dor de cabeça e mau estar geral. As crianças são mais suscetíveis ao seu efeito. Elas geralmente ficam mais emotivas (choram muito), dormem pouco, se assustam por qualquer coisa e ficam amuadas. <http://www.wemystic.com.br/artigos/oracao-poderosa-contraquebranto/> último acesso em 04/02/2017.

¹¹² Entrevista concedida por Adil Gomes a Paulo Gelson Rodrigues em 22/08/2016.

¹¹³ O dente de ouro a que se refere Adil era na verdade uma cobertura dourada feita em um ou mais dentes que compunham a dentadura. Na sua fala Adil chama a dentadura de chapa, pois esse era outro nome utilizado para esse artefato. Entrevista concedida por Adil Gomes a Paulo Gelson Rodrigues na data de 23/01/2017

¹¹⁴ Havia outras simpatias que poderiam integrar esse grupo. É o caso de simpatias para retirar espíritos, para fazer alguém parar de beber, para retirar visagens e fantasmas, contra maus pensamentos, para virar o plano, para amansar a mulher, contrafeitiços, etc.

¹¹⁵ De acordo com Éva da Luz Lourenço o benzimento para desencanto era realizado quando uma pessoa estava acometida por uma paixão não correspondida. Realizava-se o benzimento com a finalidade do encantado esquecer a pessoa amada. Para essa moradora do faxinal, o “encanto” era uma espécie de força sobrenatural que agia sobre as pessoas. Entrevista concedida por Eva da Luz Lourenço a Paulo Gelson Rodrigues em 04/02/2017.

¹¹⁶ O mau olhado é entendido como o arremesso de energias negativas aos indivíduos; geralmente é uma enfermidade provocada pelos ciúmes e inveja. Os sintomas são: malevolência, bocejos constantes e cansaço corporal. Disponível em <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/O-Santo-%C3%A9-quem-nos-vale-rapaz-.pdf>

benzedor. Moura (2011, p. 345) argumenta que,

[...] emprega-se o termo curandeiro àquele que é dotado de poderes sobrenaturais, receita remédios para variados tipos de doenças e lança mão de feitiços para a solução de alguns pedidos de seus clientes. Ao contrário dos benzedores, que são capazes de desfazer um feitiço, mas jamais de fazer um.

Para essa autora,

A benzeção é uma prática popular que utiliza uma linguagem específica, tanto oral quanto gestual com o objetivo de não apenas curar, mas libertar o paciente do mal que lhe aflige. O benzedor ou a benzedeira é portador de um poder especial que pode controlar as forças desencadeadoras de desequilíbrios. Por meio de benzimentos – atos mágicos religiosos - garante o funcionamento da normalidade desejada rompendo-se com o desequilíbrio ameaçador da existência. Partindo dessa definição, entende-se que a benzeção trata não apenas de males físicos, mas também espirituais. É um saber calcado na experiência cotidiana direta com sua lógica própria, relacionada ao universo sócio cultural no qual se inserem os sujeitos que a praticam. (MOURA, 2011, p. 345).

Passamos agora a discorrer sobre os documentos que tratam da benzeção de pessoas.

3.3 – Benzeção para gentes

Os registros permitem discorrer a respeito do “teatro”, das “encenações” e dos “cerimoniais” utilizados nos benzimentos. Um rico repertório de imagens, cenas, palavras e sentimentos emergem dessas anotações.

Nos rituais de benzeção os procedimentos são variados. Cada benzedor possui uma “performance”. Rabelo (1994, p. 49, apud Kapferer, 1979), explica que,

[...] dois elementos chaves da performance devem ser levados em conta no estudo dos rituais. O primeiro diz respeito ao arranjo do espaço e organização dos participantes e audiência no local de performance. Durante a performance de um ritual os indivíduos podem passar de uma situação de meros espectadores a participantes diretos do drama encenado, respondendo diferencialmente aos vários estímulos visuais, auditivos e olfativos que lhes são lançados. “O movimento daqueles reunidos em uma ocasião ritual, através dos papéis de participantes e audiência, é importante para um entendimento de como o ritual promove a experiência e potencial para indivíduos refletirem sobre essa experiência”. Totalmente envolvidos na ação, enquanto participantes, os indivíduos podem objetivar sua experiência para si e para os outros. A medida que a performance os distancia do quadro da ação, tornando-os audiência para a ação, permite sua reflexão sobre essa mesma experiência. Outro elemento importante na análise do ritual enquanto

performance diz respeito ao uso dos meios – cantos, dança, discurso formal, comédia, etc. – através dos quais a ação é desenvolvida.

De início podemos dizer que a performance descrita nos apontamentos é semelhante à da maioria de outros benzedores. Albino atendia os doentes em uma pequena sala no interior de sua casa e, ocasionalmente, utilizava outros espaços para a realização dos rituais. Identificamos pelo menos três modelos proeminentes nos benzimentos feitos em pessoas: aqueles em que o benzido assumia a condição de “expectador”; os rituais em que havia interação entre benzedor e benzido e os procedimentos realizados à distância.

No primeiro modelo, o benzedor atuava de maneira direta utilizando meios diversos. A encenação composta de gestos, palavras e orações eram conduzidas somente pelo ministro do ato. Este se utilizava de objetos de uso rotineiro incorporados de maneira ordenada na cerimônia. Tal procedimento se verifica nesse ritual utilizado quando uma pessoa foi mordida por cobra ou animal peçonhento. Nesse caso, o “teatro” do benzimento deveria ser realizado fora da casa devido às ações realizadas pelo benzedor:

[...] pega 3 copadas de água e joga para o lado direito, 3 copadas de água e joga para o lado esquerdo, 2 copadas de água e joga para o lado direito, 1 copada de água benze com 3 Creio em Deus Pai e 3 Santa Maria. Deus nosso senhor Jesus Cristo no altar. Assim como quem dá dinheiro a juro não se salva. Esta mordida de cobra aranha ou bicho patinho tem que sarar¹¹⁷.

De acordo com sua estrutura, esse benzimento contava com a utilização de objetos (o copo), elementos da natureza (a água), uma ação (de encher os copos e jogar em direções diferentes), de orações específicas (o credo católico e santa Maria) e, ainda, outras palavras com “poder mágico - curativo”, proferidas pelo oficiante do rito.

Essa estrutura era mantida em vários benzimentos descritos nas anotações, havendo mudanças somente em relação à ordem de inserção dos componentes no ritual. Convém lembrar que os objetos utilizados faziam parte da rotina dos homens e mulheres do campo. As orações eram típicas da religiosidade leiga e a performance era particular do ministro específico. As fontes indicam a proeminência de elementos da natureza utilizados nos procedimentos. A terra assim como a água (benzida), o fogo (simbolizado com uma vela de cera) e o ar eram utilizados nos rituais conforme veremos neste segundo modelo usado para benzer *sapinho*. De acordo com o registro, aquele que benze deveria,

¹¹⁷ Vidal de Andrade Padilha, 1946.

[...] limpar (a boca) três vezes com um paninho branco. Com o paninho benze a criança dizendo: ouça, sapo e sapinho ausentem-se daí, com três Ave Maria há de cair. (Então Pergunta à mãe da criança) O que eu corto? (A mãe responde) Sapinho. Esse mesmo eu corto. (Raspa com a faca o paninho com Ave Maria três vezes e dá três sopros no paninho, e dependura na parede na lua minguante. Não ocupar a faca durante o dia que cortou o sapinho, guarda virado com o fio para cima)¹¹⁸.

Os gestuais, objetos, orações e elementos da natureza devem estar presentes com precisão sob pena de não apresentar o efeito esperado, mas a ordem pode variar. Há, no entanto, uma diferenciação pois os agentes da benzeção interagem dando sentido à mística. O oficiante pergunta e o benzido, ou seu responsável responde. Mas havia outros modelos que não dependiam de tantos elementos rituais como este.

No caso do benzimento contra *ar*, o benzedor *manda a criança pisar na terra. Com uma faca na mão e pergunta: o que é que eu corto? A mãe ou a criança responde: “ar”! Corta com a faca no rasto da criança e repica*¹¹⁹.

Havia um terceiro modelo que embora não tenhamos encontrado nenhum ritual referente a ele, sabemos da sua existência por meio da documentação. Trata-se dos atendimentos à distância quando o doente não podia se locomover ou comparecer na casa do benzedor. Nesse caso, o solicitante enviava um apelo verbal ou escrito por cura. Encontramos diversos papéis dessa natureza, o que nos leva a acreditar que essa modalidade de atendimento também era uma prática de consumo existente na localidade. Ao que tudo indica, a distância não interferia na fé do benzido e na eficácia da cura.

Os três exemplos, tem algo em comum. Poderiam ser realizados após a pessoa ser vítima de um problema de saúde qualquer. Contudo, existiam fórmulas para prevenir. Assim, a pessoa poderia recorrer ao benzedor para prevenir-se contra o ataque de cobras, por exemplo. Nesse caso, deveria rezar a seguinte oração:

Ó meu glorioso São Bento, os bichos peçonhentos que tiverem abaixem a cabeça para mim passar. Se tiverem olhos, não me enxergarão. Se tiverem bocas, não me ofenderão. São Bento que me livre de bichos peçonhentos. Amém. Reza 3 Pai nossos, 3 ave Marias, 3 glórias ao Pai e oferece para São Bento¹²⁰.

Ana Catarina da Silva relatou que as orações de prevenção eram repassadas do benzedor para o benzido após as pessoas adquirirem alguma doença ou terem vivenciado

¹¹⁸ Autor desconhecido.

¹¹⁹ Autor desconhecido.

¹²⁰ Autor desconhecido.

determinada situação de perigo. Conforme explica, “*depois do pai benzer uma pessoa de mordida de cobra, ele já pedia para pessoa copiar a oração para se prevenir*”¹²¹. O cuidado com a prevenção indica a convivência entre humanos e animais peçonhentos.

As anotações indicam uma multiplicidade de situações de risco contra as quais se deveria buscar imunidade pessoal. Encontram-se ali orações *para se defender dos males, para proteção pessoal, para se defender dos inimigos, para esconder-se, para evitar mau olhado e para realizar uma viagem*. A oração abaixo é indicada para ser feita antes de um deslocamento qualquer,

Boa hora, boa viagem que eu vou sair de minha casa. Senhor meu Jesus Cristo adiante, a cruz bendita atrás, eu no meio. Bocas de cães e lobos para mim serão tapadas. Balas em outeiro para mim serão desorientadas, os braços dos meus inimigos para mim serão atados. Eu também serei guardado, assim como nosso Senhor Jesus Cristo andou 9 meses e um dia no ventre da virgem Maria. Virgem antes do parto, virgem no parto, virgem depois do parto. Ficando ela sempre virgem. Amém¹²².

Pretendia-se que as orações prevenissem dos males do corpo e da alma o que nos leva a admitir a existência de um tipo específico de demanda, ou seja, pessoas que se julgavam vítimas desses dois tipos de “mal”. Para as *doenças da alma*, repete-se o modelo das doenças do corpo. Utilizavam-se orações de combate e de proteção. Para benzer alguém que supostamente havia sido vítima de feitiço, a oração seria a seguinte:

São Bartolomeu acorda-se. Em seu caminho caminhou, encontrou com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou – onde ides são Bartolomeu – em vossa procura eu ando Senhor – Jesus Cristo disse: voltai, voltai Bartolomeu pelos poderes que vos dei e pelos milagres que fazeis. Nas casas onde chegar livrará todas as criaturas do maldito demônio, do maldito espírito maligno. Quem esta oração rezar, será livre de má olhadura, de veneno forte, de bacado rigoroso, de maus contrários. Senhor Jesus Cristo valha-me. Nossa Senhora, Maria Santíssima guardai-me. São Bartolomeu amparai-me. Por essas divinas palavras arrebetai cães bravos, espírito contrariado. Me encontrarei com meus inimigos e meus inimigos ficarão tremendo e sufocados. Valha-me meu senhor Jesus Cristo. Valha-me a Santa Cruz do Santo sepulcro. Reza uma Ave Maria e um credo em cruz¹²³.

As fórmulas que não tinham o foco no combate, e sim a prevenção indicavam que a pessoa poderia “*rezar da porta da frente até o portão um Pai Nosso, uma Ave Maria e voltar*

¹²¹ Entrevista concedida por Ana Catarina Silva a Paulo Gelson Rodrigues em 04/01/2017.

¹²² Pedro Calistro, s/d.

¹²³ Autor desconhecido.

*rezando um creio em Deus Pai*¹²⁴”. Ou ainda proferir a seguinte oração

São Benedito andou pelo mundo inteiro, não comeu nem bebeu, nos livre dos feitiços. Que voltem os feitiços rastros atrás. Quem trouxe que leve o rastro atrás. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo Amém. Reza um Pai Nosso e uma Ave Maria para São Benedito¹²⁵.

As fontes indicam um certo holismo na prática dos benzedores que colaboraram com escritos, pois atuavam sobre o indivíduo como um todo. Combatiam as doenças do corpo e da alma e realizavam orações específicas de proteção e prevenção. Mas os benzimentos não se limitavam às pessoas. Seu uso era estendido para benzer a casa, o trabalho e os animais, conforme veremos adiante.

3.4 – Benzeção de casas, de terras e de animais

A rotina do faxinalense implica as terras, a casa e os animais que são criados soltos ao redor dessas habitações. Podemos dizer que, com base nas fontes, esses componentes do vivido também poderiam ser vítimas das “forças desencadeadoras de desequilíbrios”. Tais potências, dependendo da situação podem ser o *mau olhado*, os *feitiços*, o *bicho mandado*, os *vendavais*, as *tormentas*, a *bicheira*, o *sumiço* e o *úbere empedrada*. Essas *forças* poderiam afetar a casa, a terra e os animais.

Em todos esses casos as pessoas poderiam recorrer aos rituais de benzeção. Realizando uma defumação com ervas benzidas, acompanhada de *três Creios*, *três Pai Nossos*, *três Salve Rainhas* e *oferecendo a Nossa Senhora do Desterro*¹²⁶, a casa estaria imune contra: feitiços, inveja e mau olhado. Se a intenção era proteger a casa ou a plantação dos efeitos de uma tormenta deveria o crente clamar por Santa Bárbara com estas palavras,

Santa Bárbara sê bendita. Lá no céu está escrita. Entre o cálice e agua benta. Abrandai esta tormenta. Santa Bárbara se acordou. Se vestiu e se calçou. E seu bordãozinho pegou. Em seu caminho caminhou. E encontrou com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou – Bárbara para onde ides? Vou benzer uma tormenta que no céu está formada. Jesus Cristo disse – Bárbara benzei bem, esparramai para o Rio de Jordão, onde não tem vinho nem pão e nem sinal de cristão¹²⁷.

Nessa cultura, a casa, além de estar suscetível a toda sorte de “mau olhado”, corria o

¹²⁴ Autor desconhecido.

¹²⁵ Ana Moreira, 1972.

¹²⁶ Atalábio Rodrigues de Souza, 1972.

¹²⁷ Ana Rosa da Silva, 1958.

risco de servir de abrigo para “bichos mandados”. De uma hora para outra, poderia ser infestada de pulgas, baratas, formigas, percevejos, etc.

Alguém poderia infestar a casa de outra pessoa para prejudicá-la. Uma das fórmulas seria, por exemplo, oferecer um presente contendo um pouco de insetos dentro do pacote. Ao abri-lo, a muda da praga pegaria na casa e a infestação seria questão de tempo. Essa é a concepção de bicho mandado, no caso, se trataria de um feitiço, mas nenhuma destas fórmulas para prejudicar inimigos e desafetos foram encontradas em meio à documentação.

Silva disse que as pessoas não viam as infestações de insetos como problemas de saúde pública ao modo do discurso higienista. Concebiam-no como feitiço, “*algo feito ou mandado*”. Ela comenta que nesses casos, era comum as pessoas recorrerem aos benzedores para afugentar os intrusos¹²⁸. Há uma fórmula “para retirar percevejos”¹²⁹ dos móveis ou da casa. O procedimento era o seguinte:

[...] tira os palitos de uma caixa de fósforo bem nova. Pega três percevejos. Não machuque, nem mate, e põe na caixa de fósforo vazia e leva numa encruzilhada. Solte os percevejos e feche a caixa e deixe na encruzilhada. Reza em três cantos da casa uma Salve Rainha, uma em cada canto e oferece a Nossa Senhora do Desterro¹³⁰.

Nesse caso, o procedimento poderia ser realizado pelo dono da propriedade, cabendo ao benzedor somente orientá-lo. Práticas relacionadas à expulsão de insetos apresentavam diferentes modelos. Utilizava-se objetos, gestuais e orações específicas. Ocasionalmente, eram acrescentados outros componentes conforme se verifica nessa fórmula para afugentar formigas: “*rezar em três cantos do quintal três Salve Rainha e oferecer a Nossa Senhora do Desterro. Semear água benta em cruz e por gasolina*¹³¹”. Diferentemente da produção sanitária que prescreve a eliminação dos seres considerados como nocivos, as práticas de consumo dos praticantes dessas fórmulas visam apenas retirar, afastar, ou afugentar os insetos incômodos. Trata-se de uma relação mais ecológica com o meio, muito embora, aplique-se a gasolina.

Os animais utilizados para alimentação e para o trabalho, também poderiam ser

¹²⁸ Entrevista concedida por Ana Catarina Silva a Paulo Gelson Rodrigues em 04/01/2017.

¹²⁹ Os percevejos eram insetos que se alojavam nas rachaduras ou cavidades de móveis de madeira principalmente em camas de dormir. São insetos em formato oval e medem menos de um centímetro de comprimento. Possuem coloração castanho – avermelhada e o corpo achatado mas não possuem asas. Alimentam-se do sangue humano e como malmente ficam escondidos durante o dia, picam as pessoas durante a noite. Disponível em http://www.pragas.com.br/pragas/geral/percevejo_cama.php. Último acesso em 20/01/2107 às 18:12

¹³⁰ João de Oliveira Padilha, 1972

¹³¹ Autor desconhecido

vítimas de doenças. Com base nos documentos, nota-se que as mais comuns eram: bicheiras, quebraduras, feridas, bernês, entre outras. Para combater essas moléstias, pessoas como o professor benzedor lançavam mão de orações, receitas à base de remédios caseiros e defumações como esta para curar bicheira:

[...] usa flor de enxofre, erva mate, três paninhos de panela, três galhos de vassoura, palma benta. Reza uma Salve Rainha para Nossa Senhora do Desterro (três vezes). Faz na lua minguante. Lava o corpo da vaca, cavalo ou porco e passa pó de gafanhoto¹³².

Os registros apontam para uma multiplicidade de situações em que o indivíduo poderia solicitar um benzimento. Dependendo do caso, um ou mais procedimentos poderiam ser utilizados. Exporemos alguns modelos, que apesar de variados, nem de longe sintetizam as opções que, a julgar pela variedade de anotações, um benzedor teria. Essa espécie de consumo do discurso médico higienista, provavelmente, não se limitava as camadas sociais de baixa renda. Esse tipo de cura, originalmente, não está vinculada a nenhuma religião em específico, mas no caso estudado aparece associada ao catolicismo como veremos adiante.

3.5 – Confiança de praticante para praticante

Podemos dizer em relação a este contexto que, quem procurava um benzedor, almejava cura ou proteção. Como muitos desses rituais foram anotados em papéis de diversas naturezas¹³³ podemos identificar várias práticas desenvolvidas neste espaço praticado. Ao fazer essa opção deixamos de lado alguns aspectos da benzedura sem, no entanto, deixar de reconhecer sua importância.

Nos rituais analisados, alguns personagens ocupam lugar de destaque. De um lado, o benzedor, que se julga investido de um “poder” especial de cura e do outro, o benzido que se submete a esse “poder”. A fé do benzido parece estar centrada no benzedor e nos resultados que possa obter. A fé do oficiante, neste caso, aparenta estar na sua performance individual e no “poder” de cura da Santíssima Trindade e dos santos e santas católicas.

O culto aos santos remonta a história do catolicismo. Andrade (2010, p. 133) esclarece que o catolicismo popular se fortaleceu ao longo dos séculos com o culto aos santos “oficiais” e “oficiosos”. Enquanto os santos consagrados pela igreja, tem seus milagres reconhecidos pela instituição, os segundos emergem como “fruto de um processo místico e emocional”.

¹³² Autor desconhecido.

¹³³ Papel de embrulho, maços de cigarros, caixas de embalagens e outros.

Embora não sejam reconhecidos pela instituição, são vinculados a milagres fundadores, difíceis de serem comprovados, mas que se fortalecem pela tradição oral e pela “narrativa dos outros”.

Entre os documentos existem referências aos santos “oficiais”, entre eles: São Lucas, São Mateus, Santo Onofre, Santo Antônio, São Bento, Santa Luzia, Nossa Senhora do Desterro, entre outros. Há também, orações e benzimentos vinculados a santos não oficiais como é o caso do beato João Maria de Agostinho, também referido como “São João Maria”¹³⁴.

A fé na intercessão dos santos é aqui entendida como uma forma de consumo feita pelos praticantes desse espaço religioso. Uma modificação nas finalidades para as quais uma produção racionalizada, barulhenta, centralizada e expansiva foi criada. Assim como a produção higienista e sanitária, a igreja católica apresenta-se como um discurso naquele contexto.

Trata-se do movimento da contra-reforma que enfatizou a importância do clero na igreja, a centralidade da missa em termos de liturgia, a importância dos sacramentos e o culto aos santos, mas principalmente à Maria.

A produção que os benzedores fazem da teologia trentina consiste em que o Pai, Cristo e o Espírito Santo e até mesmo a Santíssima Trindade são considerados como entidades equivalente aos santos. Conforme a teologia católica os santos são intercessores junto a Deus Pai, Filho e Espírito Santo. No panteão dos benzedores esta classificação é confusa ou inexistente, como se pode notar pela documentação reunida sobre os benzimentos. As fórmulas não levam em consideração tal hierarquia teológica. As preces são, geralmente, dirigidas ao santo mesmo. Os agradecimentos e louvores, igualmente. Estes são invocados como agentes da benzedura curando, realizando milagres, achando o que está perdido, protegendo e livrando as pessoas em situações adversas.

O aspecto do consumo pode ser evidenciado nesta constatação feita por Boing (2012. p. 92)

[...] as formas e práticas de benzedimento desenvolvidas por cada uma das benzedoras remetem aos seus modos particulares de não apenas benzer, mas também de exercer sua religiosidade. Isso tende a ser realizado a partir de sua individualidade, seus referenciais, suas experiências de vida, suas representações relativas ao mundo, às doenças, aos recursos disponíveis para

¹³⁴ O fato da igreja católica possuir um homônimo “São João Maria Vianney”, poderia gerar um conflito de nomes, mas as orações de Albino referem-se, de fato, ao beato João Maria de Agostinho a quem atribui o status de santo.

se obter a cura[...].

De acordo com Certeau (1982, p. 166),

Por ‘marca’ é preciso entender uma combinação objetiva entre uma prática e um signo, um ponto de interseção entre a linguagem da sociedade e a enunciação de uma fé – em suma, uma maneira efetiva de ultrapassar a ruptura entre uma e outra. A “marca” pode ser um milagre, um “refúgio”, um personagem sacerdotal ou carismático, uma devoção, um gesto sacramental, etc. De qualquer modo, ela focaliza a expressão religiosa em gestos particulares. Tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo religioso provoca sua coesão. Nela encontra sua âncora e sua diferença com relação a outras unidades sociais – religiosas ou não. Recebe delas uma segurança que as próprias crenças dão cada vez menos.

Albino na condição de benzedor se situava nessa interseção entre a “linguagem da sociedade e a enunciação de uma fé”. Era professor e benzedor, optou por tornar-se benzedor frente a condenação da medicina científica e acadêmica que condenou uma de suas filhas. Deixou uma rica documentação escrita desse espaço praticado nos faxinais, desta forma de consumo do discurso higienista/sanitarista e contra reformista.

No espaço deste estudo procuramos conhecer o espaço praticado, o vivido cotidianamente no limite de tensão entre as produções centralizadas da medicina e da religião dominante que se impunham na região do município de Rebouças/PR entre 1906 e 1988. Adotamos a perspectiva certonianiana de que paralelo a uma produção barulhenta e espetacular existe outra silenciosa, classificada como prática de consumo, caracterizada por rituais de benzeção, de cura e prevenção. A documentação reunida por um desses benzedores desenha um espaço de convivência, numa câmara de convívio entre humanos e não humanos, cuja metáfora mais elucidativa consiste nas localidades organizadas em forma de faxinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu dissertarmos sobre a história local e regional a partir da trajetória de vida de Albino Gonçalves. Um sujeito comum que, para nós, foi considerado destacável por suas atuações em variados setores da vida cotidiana. As experiências vivenciadas por esse personagem durante quase um século de existência (1906 a 1988) foram registradas em papéis sob a forma de relatos, composições e anotações diversas. Por meio delas e do aparato teórico de Michel de Certeau acompanhamos os itinerários desse caminhante de São Luiz do Purunã até Rebouças e seguimos seus percursos no interior do município.

O deslocamento por alguns municípios da região nos reportou aos fluxos de migração interna ocorridos no Paraná durante o século XX. Após o arrefecimento das imigrações estrangeiras, continuaram a ocorrer migrações internas que resultaram na formação de pequenos núcleos de imigrantes em diversas regiões do Estado. A documentação revelou que nosso personagem se envolveu nesse contexto, primeiro, como migrante e depois aprendendo idiomas falados na região, provavelmente para facilitar a comunicação.

O período do percurso coincide com a emancipação política de vários municípios da Mesorregião Sudeste Paranaense. É o caso de Irati, Rio Azul, São Mateus do Sul e Rebouças. Do ponto de vista estrutural, esses municípios, recém-emancipados, apresentavam situação econômica, social e cultural, parecidas. O trabalho, a produção e o comércio aparentam estar interligados numa rede de interesses individuais e coletivos. As fontes dão conta de que as pessoas com maior poder econômico se deslocavam para as cidades vizinhas a fim de adquirir produtos de luxo para o consumo e para revenda no comércio local. É possível que as relações comerciais não tenham seguido uma via de mão única e que existisse reciprocidade na compra e venda de produtos. A documentação revelou, ainda, que a relação entre as pessoas desses municípios eram extensivas a outras formas de interação, entre elas: a comunicação escrita, as festas, os jogos de futebol, as corridas de cavalo, entre outros.

Albino chegou a Rebouças no ano de 1917. Foi um dos primeiros moradores locais, condição que o permitiu acompanhar o processo de emancipação política do município que aconteceria 13 anos após sua chegada. Caminhante inumerável, residiu em várias localidades do interior do município até fixar moradia em Marmeleiro. Presenciou o povoamento da cidade e do interior. Foi um praticante do espaço. Viveu, aprendeu, ensinou, compôs, rezou e benzeu. Registrou os percursos e as práticas que realizou neste município.

Os registros escritos nos reportaram às ruas lamacentas ou poeirentas de Rebouças da

década de 1950. Ruas que conduziam às habitações, simples, de madeira e com tamanho limitado. Ruas ocupadas por pessoas e por vendedores ocasionais e que conduziam ao comércio formal, realizado atrás dos balcões.

Os relatos nos conduziram por caminhos que levaram ao meio rural. Nesse ambiente nos deparamos com a organização do sistema faxinal que naquela época abrangia a maioria das comunidades do interior de Rebouças. Discorremos sobre os principais elementos que compõe o sistema. Falamos das moradias, da economia baseada na agricultura, no comércio e no extrativismo da erva mate. Citamos o sistema econômico de caívas e a convivência de humanos e animais no mesmo ambiente. Conhecemos a estrutura dos puxirões, uma forma de trabalho coletivo, utilizada na região dos faxinais até a década de 1970.

As Mensagens de Governo, os documentos do personagem e as entrevistas orais permitiram recompor, ainda que parcialmente, alguns percursos realizados na área da educação. Por meio dessas fontes nos reportamos ao contexto educacional paranaense do início do século XX. Um período marcado por problemas de ordem logística e estrutural. As opções políticas e administrativas adotadas pelos governantes que se sucederam no poder priorizavam a educação na capital e nas cidades mais importantes do estado. Em consequência disso, o ensino nas escolas localizadas em comunidades rurais distantes foi relegado a ‘segundo plano’. A situação de descaso com o ensino no interior do Estado foi amenizada com a formação de professores locais, contratados por meio de um acordo firmado no ano de 1949 entre o Estado e 116 municípios do Paraná. Albino foi um desses professores contratados. Após atuar por vários anos como professor itinerante, ingressou no magistério público. Fixou moradia em Marmeleiro e exerceu a função de professor até o ano de 1976, quando requereu aposentadoria.

Amparado nas fontes, fomos direcionados ao espaço das sociabilidades, do lazer e da criação da imagem poética expressa por meio de composições musicais denominadas de décimas. Esses textos, escritos em forma de versos, poderiam ser cantados ou declamados. Neles, os moradores demonstravam sentimentos de alegria, tristeza, esperança e decepção, além de retratar aspectos culturais e da vida cotidiana. As décimas revelaram uma rede de comunicação que ultrapassava os limites territoriais do município de Rebouças.

A documentação nos conduziu, ainda, a um espaço de rezas e de bençãos. Identificamos práticas religiosas como a reza do terno e do terço em família. Finalmente, fomos levados a falar das práticas de cura existentes na comunidade de Marmeleiro. Estas, realizadas por profissionais médicos e por terapeutas populares denominados de benzedores. Albino foi um deles. As práticas de cura existentes em Marmeleiro nos colocou diante do

discurso médico higienista do início do século XX. Tal discurso se apresentava com um objetivo bem definido: superar a condição de ‘atraso’ verificada na área da saúde em todo o Paraná. Por meio das Mensagens de Governo e do Relatório da ACARPA apresentamos um panorama das doenças e das condições sanitárias no verificadas interior de Rebouças. Segundo a ótica higienista, a situação encontrada, demandava interferência do poder público. As ideias sanitaristas chocavam-se com a organização social e cultural do sistema faxinal uma vez que a rotina do faxinalense implicava a terra, uma casa humilde e sem muito conforto e os animais que são criados soltos ao redor das habitações.

Durante o desenvolvimento do estudo nos apropriamos do termo “trajetória” para evocar os movimentos e os percursos do nosso principal personagem. Enfatizamos as “táticas” que se fizeram presentes na integridade dos percursos, nas ações de trapaças e nas diferentes apropriações realizadas no “campo de jogo”. Destacamos que, paralelo a uma produção “racionalizada” e “expansionista” existia outra qualificada de “consumo”. Esta se fez notar em diversos momentos. Quando a população busca um ensino particular em função da deficiência ou ausência do poder público na área educacional. Nos momentos em que as pessoas utilizam orações e rituais religiosos “populares” para suprir uma lacuna deixada pela igreja católica. Nas ocasiões em que recorrem aos benzedores em detrimento da medicina oficial, entre outros.

A trajetória de vida do nosso personagem e os percursos que realizou constituiu uma região específica que se afirmou a partir de uma correlação de práticas cotidianas. Uma região com fronteiras móveis e permeáveis que ora se dilatavam, ora se comprimiam mediante a ação dos sujeitos. Uma região construída que resultou da projeção sobre um plano. Nele, Albino e seus interlocutores inscreveram seus passos ziguezagueantes, percorreram caminhos alternativos, criaram territórios, utilizaram táticas, inventaram, se apropriaram e fizeram dos espaços, lugares praticados.

BIBLIOGRAFIA:

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ACARPA. **Realidade Rural do Município**. Rebouças-PR. Ano 1966/1967.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In.: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPIGOTO, José Adilçon. **O MST em Santa Catarina: narrativa de um trabalhador rural**. Blumenau: Edifurb, 2006.
- _____; BONA, Aldo Nelson. **A hermenêutica e a origem dos faxinais**. Revista de História Regional, v. 14, n. 2, 2009.
- CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal. Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná**. Boletim Técnico nº 22. Londrina: IAPAR, 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria Lourdes Menezes. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KARNAL, Leandro e FREITAS, José Alves de (Org) **A escrita da memória: interpretações e análises documentais**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.
- NASCIMENTO, Mara Regina do. **Religiosidade e cultura popular: catolicismo, irmandades e tradições movimento**. Revista da católica, Uberlândia, v. 1, n.2, p. 119 a 130, 2009 – caolicaonline.com.br/revistadacatolica
- PRIORI, A., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX** [online]. Maringá: Eduem, 2012. A imigração. pp. 35-46. ISBN 978-85-7628-587-8. Available from SciELO Books
- FILLOS, Leoni Malinoski. **A educação matemática em Irati (PR): memórias e história**. Curitiba, 2008. (Mestrado em Educação) PPGE- Universidade Federal do Paraná.
- FÖETSCH, Alcimara Aparecida. **Faxinais e caívas: identidades territoriais na região do contestado (PR/SC)**. Curitiba, 2014. (Doutorado em Geografia) PPGGEO Universidade Federal do Paraná.
- FREIRE, Jonis. **Compadrio em uma freguesia escravista: Senhor Bom Jesus do Rio Pardo (MG) (1838-1888)**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú – MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. 13ª reimpressão. LTC. Rio de Janeiro, 2008.
- GUILHOUSKI, Borres/COSTA, Diná Raquel da. **Ritos e rituais**. II JOINTH. Subjetivação Contemporânea e Religiosidade. Escola de Educação e Humanidades – PUCPR. Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades. 20 e 21 de agosto de 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução, Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE, Censo Demográfico 1950/2000.

JANS JR, DONES CLAUDIO. **O valor da eugenia: eugenia e higienismo no discurso médico curitibano no início do século XX**. Cordis. História, corpo e saúde, n 7, jul./dez. pp 87-120, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Francile Aparecida. **Estigma e estima: memórias de idosos descendentes de imigrantes vênnetos acerca da língua de imigração** (Colombo/PR). Florianópolis, 2016. (Mestrado em Educação) PPGE, Universidade Federal de Santa Catarina.

MOURA, Elen Cristina de. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual da benzeção**. MNEME – Revista de Humanidades, 11 (29), 2011 – jan / julho.

MOREIRA, Uerisleda Alencar. **Padrinhos e madrinhas: a legitimação das relações sociais**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis – SC – 27 a 31 de julho de 2015.

NERONE, Maria Magdalena. **Sistema Faxinal: terras de plantar, terras de criar**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

NEVES, Gilvan Gomes da. **Entre rezas e balas - o beato franciscano: messianismo no sertão alagoano**. Reflexão, Campinas, 40(1):777-94, jan./jun., 2015.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP-CED- UFSC, 2012.

PEREIRA, Jaciele Domingues. **Ler, escrever e contar: Escolas informais do Faxinal dos Marmeleiros entre os anos de 1930 a 1949**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH – Programa de Pós Graduação / UNICENTRO. 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 09 dez 2016. SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2006.

RABELO, Miriam Cristina M. **Religião, ritual e cura**. ALVES, PC. And MINAYO, MCS., org. Saúde e doença: um olhar antropológico (online). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. <http://books.scielo.org>.

Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos>

SAUTCHUK, João Miguel Monzollilo. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília – Brasília. 2009.

SEMIANCO, Márcia Relindes Konig. **Intervenções poéticas: uma proposta para o trabalho da literatura na escola**. Produções didático pedagógica – PDE/PR, 2013.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX**. Curitiba, 2012. Mestrado em História). PPGH da Universidade Federal do Paraná.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade: pertencimento, reivindicações e**

negociações identitárias na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Visões: 133 2005. Disponível em: < http://www.fsma.edu.br/visoes/ed03/3ed_artigo5.pdf >. Acesso em: 09/12/2016.

SITES:

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13439:ensino-medio-inovador>

<http://www.ipardes.gov.br/>

<https://www.capes.gov.br/>

<http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=43>

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/reboucas.htm>

<http://www.folhadecampolargo.com.br/vernoticia.php?id=7593>

<http://www.ibge.gov.br/>

<http://www.dicionarioinformal.com.br/>

<http://vivomaissaudavel.com.br/>

<http://www.mdsaude.com/>

<http://www.wemystic.com.br/>

<http://www.ppgh.ufba.br/>

<http://www.pragas.com.br/>

DOCUMENTOS:

PARANÁ. Mensagem de Francisco Xavier da Silva ao Congresso Legislativo na 2ª Sessão da 6ª Legislatura em 01/02/1903. (Arquivo Público do Paraná)

_____. Mensagem de Francisco Xavier da Silva ao Congresso Legislativo na 1ª Sessão Ordinária da 7ª Legislatura em 01/02/1904. (Arquivo Público do Paraná)

_____. Mensagem de Vicente Machado da Silva Lima, Presidente do Estado, ao instalar-se a 2ª Sessão da 7ª Legislatura em 01/02/1905. (Arquivo Público do Paraná)

_____. Mensagem de Vicente Machado Silva Lima, Presidente do Estado ao instalar-se a 2ª Sessão da 8ª Legislatura em 01/02/1907. (Arquivo Público do Paraná)

_____. Mensagem de Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado, ao instalar-se a 1ª Sessão da 11ª Legislatura em 02/02/1912. (Arquivo Público do Paraná)

_____. Mensagem de Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, ao instalar-se a 1ª Sessão da 19ª Legislatura, em 01/02/1928. (Arquivo Público do Paraná)

_____. Mensagem de Moysés Lupion, Governador do Paraná apresentada a Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Ordinária de 1950. (Arquivo Público do Paraná)

ENTREVISTAS:

Entrevista concedida por Darci Gomes à Paulo Gelson Rodrigues em 10/12/2016.

Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues à Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

Entrevista concedida por Adil Gomes à Paulo Gelson Rodrigues em 08/05/2016.

Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues à Paulo Gelson em 12/08/2016.

Entrevista concedida por Adil Gomes à Paulo Gelson Rodrigues em 22/08/2116

Entrevista concedida por Ana Catarina Silva à Paulo Gelson Rodrigues em 04/01/2017.

Entrevista concedida por Eva da Luz Lourenço à Paulo Gelson Rodrigues em 15/01/2017

ANEXOS

1 - Décima – O pixirão do Joaquim Ramos

1 Meu senhor Joaquim Ramosicença pra mim falar Do seu lindo pixirão Que devemos de notar Viva a vóis e sua família E viva o povo do lugar	2 – Foi dezessete de dezembro A luta do pixirão Foi um serviço bonito Que eu notei com atenção Muito vale uma amizade Num lugar de povo bão	3 – Oitenta e dois enxadêro Certo que Deus não injeita Que o patrão aquele dia Com mimo gosto ele asseita As mulher do lado esquerdo Os homens a banda direita
4 – Eu não contei as mulher Não foi por eu abusar Com homem se fala e brinca Porém sabe respeitar Que as mulher em ôtro assunto Vamos conhecer o lugar	5 – Para os que não trabalharo Porém a bóia fazia Alguns quis ir na rossa Mas o patrão não quiria Bóia quente e temperada Não sobrou bóia fria	6 – Porque o pessoar do Riosinho Trabalhô com boa vontade São santo fazim milagre Cada um em sua liberdade Que a carpida desse dia Passo de barbaridade
7 – Por quere um ajudório Veja a distância que eu venho O cortejo parissia Se entende por assenho Nhô Derfino e nhô Bastião Fizero bonito empenho	8 – Estava nhô Miquilino Que ele ajudado meio dia É um home alegre istimado Que não usa soberbia Incontrava Brasílio Ramos Os filho de nhô Faria	9 – O povo do faxiná De Reborça também veio Também do Posso Bonito Para o povo deste meio Reparo todas as picada E carpirô o feijão alheio
10 – Tinha um arado piqueno O mato tinha apontado O patrão mando disviá Que fico tudo rapado Só fico um quadro midido Que antes tivesse tirado	11- O senhor Lindorfo Cordero Que tem um talento forte Que do povo é protigido Que ele já nasceu com sorte E nhô Manué Filadérfo Que era os dois contra corte	12- Vespando a hora da bóia O convite do patrão Pra sima uma quarta e meia Vamos tirá o capão Nhô derfino nós mandava Nóis olhá no panelão
14 – É lindo fase um prano Um home que tenho fé Saí agradá o povo O patrão com a mulhé Com garrafas de cachaça E barde de capilé	15- como eu disse pro patrão Tinha home mulhé e piazinho Os cortêro eram bão Derfino e nhô Bastiãozinho Alindro e Antonio Govêa João Alve são bão vizinho	16- Do seu lindo pixirão Vou lhe dê da os parabém O senhor Chico Medero Outros compadre que tem Viva a nação istrangêra Não faço poco em ninguém
17- Chegô o nho Neco Ramo Pra ve como é que se dá Que sua velha lhe pediu Traga notícia de lá Como é bonita a chegada De um chefe de outro lugá	18 – Arrois foi tudo cuzido Eu fiz uma papé de tolo O patrão diz não me apuro Porque eu tenho arrois crioulo Nhô Marinho vá correndo Atraque arrois no munjôlo	19 – Mais de longe foi que eu vim Vim antes um dia pra posá Cheguei na hora do poso Fui no paio lhe campíá Cheguei com muita vergonha De vin sem me convidá
20 – Senhor Manué de Mato Chego e também troxe inxada É um moreno tão bondozo É uma boca de risada Nhô Ferrera eu não troco Nem por uma libra pesada	21 – O Adriano também veio Ajudar no pixirão Que eu até não isperava Da sua bonita atenção Chegava não discançava Tratando do chimarrão	22 – Manué de Ramos Neto Que do seu povo tratava Trazia água e sigarro O pobre não discansava E dava razão pra tudo E também descoivarava

23 – Vá este papé lá pra serra Pro Tónico com segredo Que mostre pro teu cunhado Que tanto me fazin medo Que o Ferreira da cachoera Não é de matá co dedo	24 – Esta vai por dispidida Pra poesia terminá Já passosse o pixirão Mas outro dia há de chegá Neste eu fui convidado Por vir passíá pra cá	
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

2 - Décima do trabalhador e do pagador.

1 – Compadre vim sabe Se o senhor vai me querê Pra amanhã nois infrentá Daí eu quero um dinheirinho Nem que seja um poquinho! Pra hoje vô precisa	2 - Compadre assim não dá, Mesmo eu não fui trocá Eu não achei o vizinho Com as parte de poquinho Sendo assim nesse jeitinho O senhor quer me lográ	3 – Se o senhor tivé feção Pra mim já está bão Vô agradá minhas criança O senhor vá procurá <i>Um poco vô arrumá</i> Mas só não tenho balança
4 – O coitado fica devendo E já vai desaparecendo A increnca vai começá Ele olha pra patroa Não mostrando cara boa Melhor vamo separá	5 – Quando é de tardesinha Já bem no escurecesinho Que o aquecedor chegô O senhor sendo meu amigo Que foi falar comigo e ainda me logro	6 – Mas compadre eu não posso Não sei onde me casso O senhor vem me apurá Mas tenho um poco de milho Tiro da boca dos filho Pro senhor eu vô leva
7 – O senhor olhe minhas criança Veja se dá esperança Dí eu acabá de criá E vivo parece mudo Comprando meio de tudo Só água pra não compra	8 – Compadre lhe dô razão O senhor me dá o perdão E queira me disculpá O senhor mande as criança Não persisa nem balança Dje eu vô lhe ajuda	9 – Compadre vô lhe agradecendo No coração vo dizendo Péço pra Deus ajudá Que Deus lhe dê mantimento Todo em aparecimento Pro senhor nada falta

3 - Décima do lavorista.

1 - A vida do lavorista É um trabalho engraçado É um serviço tréve Que nunca é descansado Trabalha de sol a sol Pra vender não sobra nada.	2 - Pra lutá cum a lavoura Isto não é brincadeira Se abaixa de manhã cedo Isto é de doer a iscada Comendo sol pelo ombro Engolindo monte de poeira	3 - Quem trabalha sem máquina Não é bonito se ver Luta o ano inteiro Nada pode aparecer Tira o que é do gasto E não sobra pra vender
4 - Meus senhores compradores Vejam o que é o lavorista O quanto que nós trabalhamos	5 - Os operários falam Elogiam o lavorista Porque nenhum se abala	6 - Operário está na glória Se ele souber se cuidar Cuidando bem do serviço

Que as forças não resista Quando chega os domingos Pra passeiar não se palpita	Na róça nenhum conquista Ver a gente no roçado Que de sol não se resista	Para não desempregar Se sair do seu emprego Com nós tem que lutar.
7 - A vida do lavourista É uma vida apurada A planta está dando pouca Quase não sobra nada Pensando o que está pra frente Que pra frente é comprada	8 - Quando sobra uns cereais Na cidade vai levar Chega no comerciante Pra ele vai ofertar Desse temos bastante Feijão não vamos comprar	9 - Se bate em toda a cidade Nem preço não pode achar Pensando no seu feijão De volta tem que arrastar Dizendo que neste ano Feijão não quero plantar
10 - Meus senhores a vida é esta A vida pra se lutar Enfrentando nos matos A gente tem que trabalhar Não podendo vender os cereais Só fica pra carunchar	11 - É duro carregar os carros E na cidade ir vender E vende tudo barato Pra de volta não trazer Se aborrece da plantação Pro ano não quer saber	12 - O senhor governador O lavourista ta tomado Pro jeito que estou vendo Nós estamos comprado A lavoura não dá nada Para ser recompensado
13 - Eu vou contar pro senhor Como é que o pobre trabalha Luta a semana inteira Nem domingo não tem falha O rancho é de taquaróva Nem os filhos não agasalha	14 – Ver a vida do roceiro Até da pena de se ver Se não for pra melhorar É melhor até morrer Do que viver nesta vida Que não sobra pra comer	15 - Ele vai só pra cidade Para a economia vai só Ele pechincha o que pode E fica naquele só Compra de tudo um pouquinho E não sobra pro paletó Autor: Artur Ribeiro da Silva

4 - A carreira da veadinha e da gateada na raia do Salto

1 - Com essa viola na mão Vou falar o cyprianinho A trinta do Mês de junho Lá na raia do Saltinho Vou contar dessa parada Que assentou a egua veada Pra correr com a gateada Entre amizade e carinho	2 - Tiveram umas dama dizendo Ah! mãe que ganhou gateada Ergueram as mão pra cima E fizeram uma falarada Deram grandes suspiros Quando ouviram dois tiros Disto é que eu me admiro Chorando ficara as coitada	3 – Foi dois tiro de pistola Que porem foi disparado Tudo o povo pode verdadeiras Que não foi caso pensado Porque os dono são de paz Veja o que brabeza faz Nho Paulinho de Morais Sahiu com o peito sapecado
4 – O culpado foi nho Tobias Da carreira mal gritada Nho Alexandre Pires falou Nho Chicuta não disse nada Porque tem plano de padrinho Aqui no nosso Saltinho O Alexandre e dois subrinho Provocar o oliverada	5 – O meu branco Tobias Carlos Do Bituva dos Machados Na cintura tinha um schimit Por este não foi puxado É um homem de acalmar Quasi foi se assustar Os plano não estavam a par Porque todos deram errado	6- Nho Chicuta nós respeitamos Por ser pessoa delicada Quando proseia com o povo A prosa delle é sagrada Quando aconselhava os seus O mulato João de Deus Disse na frente do Matheus De carreira ladronada
7 – Assim ele fez os seus planos	8 – Por ser um homem bom	9 – A respeito o Dario de Paula

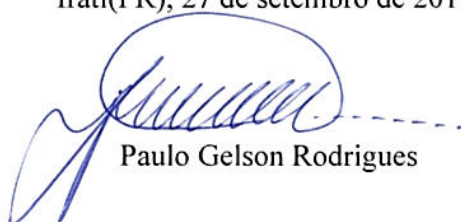
<p>Para exaltar a gateada Pra elle dar o grito Escolheu uma voltiada Veio pensando no caminho Como faz tigre daninho Quando chegasse no saltinho Ao menos ganhar na parada</p>	<p>Do povo foi destrutado Mas o dicto João de Deus Ficou muito avechado Nho Chicuta é homem de bem Eles são tetéias do porém Graças a Deus ninguém morreu sahiu dois tiros do lado</p>	<p>Aqui conta o Cypriano Puxou por sua pistola E fez seus grandes planos Quando pela pistola puxou Elle nunca se lembrou Do tempo que elle mamou No schimit do Herculano</p>
<p>10- Nho Chicuta estava colérico Lhe faltou a capacidade Mas foi lhe aconselhar Um fulano Joaquim Andrade Começaram a fazer rolo Foi só pra assustar o povo Que vinha principiar de novo Pois era dona felicidade</p>	<p>11 – Pois de medo dessa briga Nho Aleixo o pobre correu Tive muito dó delle Que até os estribos perdeu Todo o povo se admira Pela estrada sahiu gyra Pontando uma mentira Que ou meno um morreu</p>	<p>12-Nossa veadinha é de primeira Todo o povo pode ver Quando correu com a gateada Tudo acharam o que dizer Mais deixam que haja carreira Tragam mais parelheira Eu fico na cabeceira Só assim tudo pode saber</p>

5 - Outra vez com seu Caetano

<p>1 - Outra vez com seu Caetano Meus senhores eleitores Vamos votar em Caetano Minhas senhoras e senhores Em Caetano pra prefeito E nos seus vereadores Seu Caetano sendo eleito Rebouças tem mais fulgores</p>	<p>2 - Os candidatos a vereadores homens nobres pessedistas São só senhores direitos Do povo muito benquista De muitos serem eleitos É o que nós temos em vista Para todos saber em quem vota Mais adiante eu dou a lista</p>	<p>3 - Ady Simão Perussolo Filho do seu Inocente Para candidato a vereador Ele é muito suficiente Sendo eleito vereador O povo fica contente Defenderá com ardor Estará na nossa frente</p>
<p>4 - Antônio Lopes Martins Como foi expedicionário Defendeu nosso Brasil Que é nosso torrão sacrário Defenderá na Prefeitura O pobre, o rico e proprietário O trabalhador e camarada O agricultor e operário</p>	<p>5 - Antônio Vieira de Andrade Isto eu tenho pra dizer É muito compadecido Não gosta ver ninguém sofrer Qualquer precisão do povo Tá pronto a defender Sendo eleito vereador Vai só nos favorecer</p>	<p>6 - O senhor Atílio Angelo, Posso dar informação Está pronto a socorrer Em qualquer precisão É só pelo bem do povo Que ele dá sua opinião Sendo eleito vereador Favorece a população</p>
<p>7 - Frederico Rodrigues Ramos Do nosso Poço Bonito Atende os nossos pedidos Por palavra e por escrito Que é um homem muito bom Isso eu digo e repito Por ser homem da verdade O que dizer eu acredito</p>	<p>8 - Convidamos os eleitores Do nosso quarteirão inteiro Rio Bonito e Barro Branco Conceição e Marmeleiros Barra, Cochos e Bugio Colônia Cachoeira e Barreiro Vamos votar em Caetano Sejamos todos companheiros</p>	<p>9 - Convidamos todos eleitores Vamos fazer uma fileira Riozinho dos Santos de Baixo Rio Corrente e Cachoeira Água quente de baixo Também Faxinal dos Vieiras Caetano e seus vereadores São pessoas de primeira Autor: Albino Gonçalves</p>

- (X) Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do
PPGH/UNICENTRO.
- () Autorizo apenas a divulgação do resumo e do abstract no banco de dados do
PPGH/UNCENTRO.

Irati(PR), 27 de setembro de 2017.



Paulo Gelson Rodrigues